

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MONTES CLAROS – UNIMONTES
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS – CCH
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO E LETRAS PROGRAMA DE PÓS-
GRADUAÇÃO EM LETRAS/ ESTUDOS LITERÁRIOS**

**ANA MARIA MACHADO: AS MÚLTIPLAS FACES
DA MULHER NOS CONTOS DE LITERATURA INFANTOJUVENIL**

**MONTES CLAROS – MG
ABRIL/2024**

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MONTES CLAROS – UNIMONTES
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS – CCH
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO E LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS/ ESTUDOS LITERÁRIOS**

**KELLY NOBRE DA SILVA
105.084.516-12**

**ANA MARIA MACHADO: AS MÚLTIPLAS FACES DA MULHER NOS
CONTOS DE LITERATURA INFANTOJUVENIL**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras/Estudos Literários – PPGL, da Universidade Estadual de Montes Claros – UNIMONTES, como parte do requisito para obtenção do título de mestre em Letras- Estudos Literários.

Área de Concentração: Literatura Brasileira.
Área de Pesquisa: Literatura Infantojuvenil.
Orientadora: Profa. Dra. Edwirgens A. Ribeiro Lopes de Almeida.

**MONTES CLAROS – MG
ABRIL/2024**

**BANCA
EXAMINADORA**

**Dra. Maria do Rosário
Alves Pereira- CEFET-
MG/UFV (Titular
externo)**

**Dr. Marcio Jean Fialho de
Sousa-
Unimontes (Titular
interno)**

**Dr. Antônio Wagner
Rocha - Unimontes
(Suplente interno)**

**Dr. Alex Santos Moreira-
Universidade Estadual do
Maranhão (UEMA)
(Suplente externo)**

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	4
CAPÍTULO I	11
ANA MARIA MACHADO: LITERATURA INFANTOJUVENIL E A CRÍTICA LITERÁRIA NO SÉCULO XX	13
1.1 Vida e obra: conhecendo a autora	19
1.2 Ana Maria Machado sob o olhar dos críticos	27
1.3- Contexto histórico, escrita e literatura infantojuvenil.	49
CAPÍTULO II	58
DIFERENTES FACES DE MULHER EM CONTOS INFANTOJUVENIS	58
2.1 Contos de Ana Maria Machado: Por que estudar?	59
2.2 <i>Menina Bonita do Laço de Fita</i> : a presença da mulher negra nos contos de literatura infantojuvenil	64
2.3 <i>Uma, duas, três princesas</i> : a mulher nos espaços políticos da sociedade	76
2.4 <i>A velha misteriosa</i> : a mulher no trabalho e no empreendedorismo	88
CAPÍTULO III	97
A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE FEMININA NA FORMAÇÃO DO LEITOR NA CONTÍSTICA INFANTOJUVENIL	97
3.1 <i>Ponto a Ponto</i> : a mulher escritora e contadora de histórias	99
3.2 <i>A princesa que escolhia</i> : a mulher e o sistema patriarcal	114
3.2.1 Papel social: a princesa e o perfil feminino	117
3.2.2 Papel Social: o personagem rei e o perfil masculino	122
3.2.3 Espaços significativos: acesso ao conhecimento	128
CONSIDERAÇÕES FINAIS	138
REFERÊNCIAS	145

À todas as mulheres, especialmente as da família Nobre & Soares.

AGRADECIMENTOS

Gratidão a todos que contribuíram para a realização desta etapa de crescimento acadêmico, profissional e humano.

Agradeço a Deus, autor da vida e de tudo o que existe. Gratidão aos meus pais Sonária de Fátima Nobre da Silva e Waldemar Soares da Silva.

Agradeço à minha orientadora Professora Doutora Edwirgens Aparecida Ribeiro Lopes de Almeida, por todos os apontamentos necessários nas leituras e correção das análises dos textos literários e científicos; pela instrução, paciência, sabedoria e apoio durante a realização desta pesquisa.

Agradeço aos membros do Programa de Pós Graduação em Letras/ Estudos Literários. Aos Professores Doutores, Élcio Lucas de Oliveira, Ivana Ferrante Rebello e Almeida, Danilo Barcelos Corrêa e Geraldo Magela Cáffaro, pelos ensinamentos sobre os modos de interpretação e concepção dos textos literários. Aos demais professores do Programa de Mestrado em Letras/ Estudos Literários.

À Biblioteca Central Professor Antônio Jorge, que me proporcionou acesso ao acervo bibliográfico, de modo com que fosse possível a conclusão desta etapa.

À Capes, pelo financiamento da bolsa de aperfeiçoamento aos estudos, me proporcionando a tranquilidade de dedicação exclusiva à pesquisa.

À meus irmãos, Francisco de Assis Nobre, Isabel Nobre e Vera Lúcia Nobre por todo amparo familiar e incentivo em meu futuro profissional.

Aos meus colegas e amigos da Comunidade Católica Divina Misericórdia pelas orações e pela atenção.

Aos Professores Doutores Antônio Wagner Rocha e Marcio Jean Fialho de Sousa, por terem auxiliado na construção desta dissertação por meio da banca de qualificação.

À Professora Doutora Andrea Cristina Martins Pereira, pela presença e suporte durante a realização do estágio. Deixo minha saudação e eterna gratidão!

“Nenhum país pode realmente florescer quando sufoca o potencial das mulheres e se priva das contribuições de metade dos cidadãos.”

(Michelle Obama)

RESUMO

O presente estudo abordou as múltiplas faces da mulher nos contos de literatura infantojuvenil, mostrando reflexos da presença feminina, seu cotidiano e suas inquietações. Revelou a memória da mulher em diferentes épocas e em distintos espaços. Confere às narrativas estudadas como uma oportunidade de discutirmos sobre relatos históricos das condições de um passado da mulher que se mostra com voz ativa. Alguns críticos, como Muraro (1993), Perrot (2016) e Telles (2000) aproximam esses assuntos em suas teorias. Portanto, este estudo se apoia nas teorias acerca da história da mulher, como ela é vista em algumas culturas, no que tange à seu papel social na tradição e na contemporaneidade. Destacamos ainda, mais dois aspectos: os espaços de atuação da mulher e sua relação com o homem. Nas narrativas *Menina Bonita do Laço de Fita* (1986); *Uma, Duas, Três Princesas* (2013); *A Velha Misteriosa* (1994); *Ponto a Ponto* (2006) e *A Princesa que Escolhia* (2017), temos, a face da mulher autônoma que dialoga com as possibilidades, supera problemas e desafios que a própria sociedade lhe confere. Sendo assim, essa pesquisa mostra um olhar para as relações da mulher, bem como sua participação ativa, assim como o homem, na construção de um mundo em constante transformação.

Palavras- chave: Mulher. Literatura infantojuvenil. Ana Maria Machado. Contos.

RESUMEN

Los estudios de los múltiples rostros de La mujer en los cuentos de literatura infantil muestran reflejos de La presencia femenina, su cotidianidad y sus inquietudes. Revelan La memoria de mujeres en diferentes épocas y en diferentes espacios. Damos a las narrativas estudiadas la oportunidad de discutir relatos históricos de las condiciones Del pasado de una mujer que se revela como una voz activa. Algunos críticos como Muraro (1993), Perrot (2016) y Telles (2000) abordan estas cuestiones en sus teorías. Por lo tanto, este estudio se basa en teorías sobre la papel social en la tradición y la época contemporánea. También destacamos dos aspectos más: los espacios en los que se desenvuelven las mujeres y su relación con los hombres. En las narrativas Muchacha bonita con una cinta, Una, dos, tres princesas, La anciana misteriosa, Punto a punto y La princesa que eligió, El rostro de la mujer autónoma que dialoga con las posibilidades y supera los problemas y desafíos que la propia sociedad le plantea. Por ello, esta investigación muestra una mirada a las relaciones de las mujeres, considerándolas partícipes, al igual que los hombres, en la construcción de un mundo en constante transformación.

Palabras clave: Mujer, Literatura infantil. Ana María Machado. Cuentos.

INTRODUÇÃO

"Ela lia, lia, emprestava livros para os amigos. Adoravam conversar sobre o que tinham lido. E cada um ficava cada vez mais sabido" (MACHADO, 2017, p. 13).

Historicamente, o discurso construído na instância social, política e cultural, fundamentado no sistema patriarcal, mostra a imagem da mulher limitada à vida doméstica, o que de fato ocorreu na história da humanidade. Mas, esses discursos, estereótipos e ideologias foram desestabilizados pelas discussões sobre gêneros, e pelas transformações econômicas na sociedade, o que proporcionou à mulher oportunidades e a necessidade de ocupar outros lugares sociais. Conforme aponta Zahidé Lupinacci Muzart, "mulheres começaram a saírem de suas casas, com o desejo de ultrapassar as barreiras domésticas, isso revela o pensamento crítico e de subversão na sociedade patriarcal" (MUZART, 1995, p. 14). Entre esses lugares, ela ocupou também o da escrita de modo vagaroso, árduo, mas significativo.

Contudo, compreende-se que, na historiografia literária brasileira, o imaginário masculino prevaleceu compondo a maior parte dos textos literários no que diz respeito às representações femininas, um produto simbólico da representação masculina, assim "parece que a identidade feminina continua sendo discutida e definida pelo imaginário masculino" (VIANA, 1997, p.12). Dessa forma, fazem-se necessários os estudos voltados para a revisão crítica historiográfica sobre a representação da mulher nos textos literários escritos por mulheres na sociedade brasileira, uma vez que a utilização das obras escritas por elas, possibilitam novos olhares e uma nova representação e identidade feminina.

Nessa perspectiva, e na tentativa de refletir sobre essa escrita e as representações femininas, bem como construir novas leituras, valorizar e dar maior visibilidade a uma narrativa de autoria feminina, este estudo analisa os contos de Ana Maria Machado tendo como objeto de pesquisa os contos: *Menina bonita de laço de fita* (1986), *A Velha Misteriosa* (1994), *Ponto a Ponto* (2006), *Uma Duas Três Princesas* (2013), *A princesa que escolhia* (2017).

Esse trabalho se justifica pela necessidade de ampliarmos as análises das representações femininas, bem como uma revisão crítica literária das escritas de autoria da mulher, além de ser de extrema relevância social, uma vez, que traz a escritora Ana Maria Machado, uma das pioneiras e referência significativa na literatura infantojuvenil no Brasil.

Fazendo um breve histórico da literatura infantojuvenil brasileira, Nelly Novaes

Coelho (1991) relata que o reconhecimento da crítica internacional à literatura infantil e juvenil do nosso país veio se consolidar em 1983 com a premiação do *Hans Christian Andersen* à Lygia Bojunga Nunes, primeira escritora brasileira a ganhar este prêmio Nobel da área de literatura infantil. Assim como Nunes, a escritora Ana Maria Machado também ganhou o prêmio mais prestigiado até os dias de hoje- *Hans Christian Andersen* em 2000.

Na apresentação da Obra *Contos de Fadas*, tradução divulgada em 2010, Machado relata que “Como a maioria dos leitores, tive meu primeiro contato com contos de fadas ainda antes de saber ler. Uma alegria imorredoura de minha meninice nasceu do fato de que contar histórias para as crianças era um ritual que fazia parte do cotidiano de minha família” (MACHADO, 2010, p. 05).

Dessa maneira, Ana Maria Machado ampliou seu universo criativo e de prazer pela literatura. Carioca nascida em 1941, aderiu a diversas artes, como à da comunicação, por meio do jornalismo, às telas, pela pintura e também, à arte de educar. Foi professora universitária e, posteriormente, entregou-se à arte da escrita literária, pelo ofício de escritora. Atualmente, ocupa lugar na Academia Brasileira de Letras desde 2003, conta com um acervo de mais de 100 livros escritos, com publicações no exterior e no Brasil, além do prêmio mencionado anteriormente, ela destaca-se com o prêmio Machado de Assis, em 2001, pelo conjunto de sua obra.

A escolha por pesquisar obras da autora Ana Maria Machado ocorreu porque percebemos várias formas de representações da mulher em seus contos infantis e pelo fato de que sua escrita, nos possibilita a percepção do texto literário como uma fonte de saberes e poderes.

Antoine Compagnon (1994) descreve que é próprio da literatura “a análise das relações sempre particulares que reúnem as crenças, as emoções, a imaginação e a ação, o que faz com que ela encerre um saber insubstituível, circunstanciando e não resumível sobre a natureza humana, um saber de singularidades” (COMPAGNON, 1994, p. 47). Assim, são os contos de Ana Maria Machado, despertam emoções, reúnem crenças e desafios ao leitor, uma vez que rompem com as ideologias arcaicas e apresentam um toque contemporâneo, refletindo sobre o poder de escolha e mostrando que um conto pode ter um final agradável e diferente do esperado, assim como a vida. Isso podemos evidenciar em seus contos, como por exemplo em *A Princesa que Escolhia*.

Nesse conto, Ana Maria Machado apresenta a história de uma princesa caracterizada como boazinha. Porém, um dia, para o espanto de todos, ela resolve dizer “não” a seu pai,

que reage colocando-a de castigo em uma torre que ficava bem isolada do resto do castelo e que dava acesso a um jardim fechado, tinha em seu interior uma janela e uma biblioteca. Apesar de estar de castigo nessa torre, a personagem se sobressai, pois encontra a oportunidade de explorar novos conhecimentos, por meio dos acervos de livros, da tecnologia de rede computador e TV, de novas amizades (funcionários do rei), e novos espaços como o jardim, o lago, a casa dos amigos, além de realizar novas atividades (pescar, ler livros, ver televisão, subir em árvores). Assim, como trata-se de uma história que acontece em um espaço de reinados, na qual a figura do rei representa o poder soberano, a personagem construída por Machado e toda a narrativa desconstruem os contos tradicionais de reis e de rainhas.

Os contos tradicionais de reis e rainhas, comumente, apresentam personagens femininas subordinadas à figura do rei, neste caso, temos essa ruptura, essa desconstrução provocada por essa princesa. Tal princesa tem a oportunidade de escolhas, ação que demonstra a ocupação ativa da mulher em outras circunstâncias que aquelas previamente definidas para uma mulher, tais como exercer-se como: leitora, escritora, estudiosa, política, viajante, profissional e esposa.

Considerando as explicações, entendemos que '*A princesa que escolhia*' rompe com a história e a ideologia predominante, uma vez que a princesa, em um ambiente de hierarquia patriarcal, simbolizado pela figura do rei, pode fazer suas próprias escolhas. O conto mostra também que a leitura contribuiu para a vivência de vários universos e saberes. Ao expressar sua opinião em diversas ocasiões em um palácio, a menina fica de castigo em uma torre que, para sua surpresa possuía - pessoas, animais, personagens, livros, histórias e conceitos distintos - mostrando que o conhecimento dado pelos livros e pela literatura podem mudar o contexto de qualquer cidadão. Dessa forma, na análise da *Princesa que escolhia*, averiguamos as rupturas e autonomia demonstradas pela personagem, a princesa, a alguns estereótipos prescritos para a sua condição.

Vale pontuar, que é característico, nas obras de Ana Maria Machado, apresentar desfechos inusitados que rasuram as escritas de finais tradicionais, assim podemos pontuar que os desfechos da narrativa *História Meio ao Contrário* (1986) é semelhante ao conto *A Princesa que Escolhia* (2017).

É interessante como o fim de suas obras surpreende o leitor, mas, a contribuição para a formação do leitor é ainda mais excepcional, pois suas personagens possuem posicionamento, coragem para a tomada de decisões.

Dessa maneira, a obra de Ana Maria Machado fortalece o imaginário, diversifica os desfechos das histórias e amplia as possibilidades de opções diante das problemáticas e do estabelecido pela sociedade. Sobre esse aspecto Regina Zilberman (2008) aponta que:

A leitura ajuda o indivíduo a se posicionar no mundo, a compreender a si mesmo e à sua circunstância, a ter suas próprias ideias. Mas a leitura da literatura é ainda mais importante: ela colabora para o fortalecimento do imaginário de uma pessoa, e é com a imaginação que solucionamos problemas. Com efeito, resolvem-se dificuldades quando recorremos à criatividade, que, aliada à inteligência, oferece alternativas de ação (ZILBERMAN, 2008, p.18).

Destarte, a leitura não se limita ao universo masculino, por mais que a sociedade tradicional tenha imposto à mulher apenas o ambiente doméstico por muito tempo, assim, a leitura proporciona também a ela um posicionamento e, principalmente permite a compreensão de si mesma, como bem constrói Machado em suas narrativas que apresenta personagens leitoras.

Além das personagens leitoras, Ana Maria Machado, em suas narrativas revisita a historiografia discutindo o lugar da mulher na sociedade de uma forma literária e, assim, como argumenta Nádia Battella Gotlib (2003), por muito tempo “ao homem era de praxe se ‘ensinar a ler, a escrever e a contar’, e à mulher, ‘a cozer, lavar, a fazer rendas e todos os misteres femininos’, que incluía a reza” (GOTLIB, 2003, p. 27). Tais ofícios prescritos para a mulher são retratados em *‘Ponto a ponto’*. Se essa prática de tecer é entendida como algo imposto socialmente ou como uma forma de garantir o casamento, na narrativa em questão, essa perspectiva é desconstruída a partir da decisão de tecer novos caminhos no desfecho desse conto.

Assim, podemos inferir que o ato de fiar, nessa narrativa, configura-se como uma tradição que prendia as mulheres a um padrão cultural, simbolizada pela linha, que se rompe no final do conto. Isso permite que nós revisitemos o percurso historiográfico sobre a inserção da mulher no universo da leitura e da escrita, mudando seu próprio destino.

Sobre ser leitora e escritora, Ana Maria Machado assinala que:

Ser leitora e escritora é uma escolha ligada ao intenso prazer intelectual que essas atividades me dão. Escrevo porque gosto da língua portuguesa, gosto de histórias e conversas, gosto de gente com opiniões e experiências diferentes, gosto de outras vidas, outras ideias, outras emoções, gosto de pensar e de imaginar. Em todo esse processo, a leitura foi fundamental. E, seguramente, eu teria lido muito menos, se não estivesse sempre cercada de pessoas que falavam com entusiasmo de livros e autores (MACHADO, 1996, p. 44).

O fato de a escritora alegar que o "ser leitora é uma escolha ligada ao prazer" é mais

um incentivo e uma relevância da ampliação de estudos científicos que tenham como objeto de pesquisa, as obras de Machado.

No conto *Uma Duas Três Princesas*, Machado (2013) além de trabalhar essa mesma ideia sobre a leitura, ela cria personagens leitoras e ilustra mulheres que, embora inseridas em um contexto enraizado por questões patriarcais, dialogam com homens em posição de poder, tais como: ministros, parlamentares e reis.

Observamos que a maneira que Ana Maria Machado (2013) encerra e dispõe as personagens femininas em *Uma duas, três princesas* está em consonância com o posicionamento de Margareth Rago (1996):

O reerguimento moral e intelectual das mulheres em geral dependeria, portanto, de um trabalho educativo modernizador, capaz de fazê-la compreender seu novo papel na sociedade, o potencial emancipador de que dispunha e os instrumentos necessários para sua luta (RAGO, 1996, p. 20).

Ou seja, por meio de escritas infantojuvenil em narrativas literárias, a autora utiliza suas personagens para desestabilizar as narrativas tradicionais desta literatura voltadas para crianças e permite, através de um trabalho educativo modernizador, situar a mulher e inserir sua voz em novos contextos, papéis e posições sociais, deixando as cientes do potencial feminino em qualquer esfera e espaço social.

Essa educação modernizadora, construída por Ana Maria Machado em seus contos, proporciona a desmistificação de muitos mitos, a ressignificação dos padrões sociais e a análise de várias faces da mulher como, por exemplo, a mulher empreendedora inserida no conto *A velha misteriosa*. Assim, nesse conto, iremos analisar a face da mulher que atua na sociedade. Essa mulher que, segundo Régine Pernoud (1978), também foi ativa em outros períodos históricos:

Nos atos notariais é muito frequente ver uma mulher casada agir por si própria, abrindo, por exemplo, uma loja ou um negócio, e isto sem ser obrigada a apresentar uma autorização do marido. Finalmente, os registros das derramas (nós diríamos os registros dos recebedores), quando nos foram conservados, como é o caso de Paris, no fim do século XIII, mostram uma multidão de mulheres que exerciam profissões: professora, médica, boticária, educadora, tintureira, copista, miniaturista, encadernadora, etc (PERNOUD, 1978, p. 101).

Já no conto *Menina Bonita do Laço de Fita*, Machado (1986) traz outra face da mulher, colocando em destaque um novo estereótipo de beleza, por meio da mulher negra. Na narrativa, essa mulher negra aparece com sua beleza excepcional capaz de fascinar quem a olha.

Assim, identificamos e analisamos a face da mulher negra na reconstrução da

historiografia literária, uma vez que, nos clássicos de literatura infantojuvenil, em sua maioria, nos deparamos com outro aspecto físico de protagonistas.

Acreditamos que o estudo desse conto nos permite refletir sobre questões, tais como: a importância da representação da mulher negra como valorização da cultura afrobrasileira, e ainda, pensar sobre maior visibilidade da beleza negra uma vez comparada aos grandes clássicos populares que trazem em sua maioria outro biotipo de beleza em suas narrativas. Por fim, refletimos ainda sobre teorias científicas abordadas no texto, estas que falam da realidade da nação brasileira no que tange aos aspectos de sua origem.

Em síntese, por meio das personagens femininas de Ana Maria Machado, podemos revisitar as representações femininas presentes na historiografia literária compreendendo as mudanças e as ideologias que permeiam em nosso acervo literário infantojuvenil.

A análise, neste trabalho, são dos contos de Ana Maria Machado, sendo eles, *A princesa que escolhia* (2017); *Uma, Duas, Três Princesas* (2013); *Ponto a Ponto* (2006); *A Velha Misteriosa* (1994) e *Menina Bonita do Laço de Fita* (1986), embora apareça outras obras da autora como: *História meio ao contrário* (1985), *O Príncipe que Bocejava* (2012) e *Bisa Bia, Bisa Bel* (2001), esta última de gênero novela.

Inicialmente, esta pesquisa faz a contextualização da autora, Ana Maria Machado, e a crítica existente sobre sua produção infantil no cenário literário do século XX. Isso ocorre no primeiro capítulo intitulado Ana Maria Machado: Literatura infantojuvenil e a crítica literária no século XX.

Já no capítulo *Diferentes faces da Mulher em contos infantojuvenis*, segundo capítulo, apresentamos a análise das distintas representações femininas impressas nos contos em questão tendo em vista aspectos de escrita da mulher e seus espaços em contextos distintos.

No terceiro capítulo, *A construção da identidade feminina na formação do leitor na contística infantojuvenil*, destacamos, a conservação e a ruptura dos padrões predominantes de mulheres nos contos abordados como mecanismos literários fundamentais para o processo de transformação da educação feminina em textos infantojuvenis.

A presente pesquisa, de caráter bibliográfico, visa à releitura dos contos infantojuvenis, como: *Menina Bonita do Laço de Fita* (1986), *Uma, Duas, Três Princesas* (2013), *A Velha Misteriosa* (1994), *onto a Ponto* (2006) e *A princesa que escolhia* (2017), P, de Ana Maria Machado, a fim de examinar os aspectos de representação da mulher, inscritos nos textos selecionados.

Para a melhor compreensão do acervo deixado pela escritora carioca é feita uma revisão de outros títulos da autora tais como: *História Meio ao Contrário* (1985), *Bisa Bia*, *Bisa Bel* (2001) e *O Príncipe que Bocejava* (2012) dentre outros.

Ater-nos-emos ainda à leitura de textos acerca da biografia da autora e da crítica de sua obra em geral. Também fizemos uma releitura da crítica empreendida sobre a obra da autora, discutindo aspectos concernentes aos objetivos perseguidos nesta abordagem.

A fim de construir o embasamento teórico, contamos também com leituras de autores como: Coelho (1984), Zilberman (2008), Bettelheim (1980), Muraro (1993), Perrot (2016), Pernoud (1978), Telles (2000) e outros, citados nas referências, no final deste texto.

CAPÍTULO I
ANA MARIA MACHADO: LITERATURA INFANTOJUVENIL E A CRÍTICA
LITERÁRIA NO SÉCULO XX

O Capítulo I desta pesquisa apresenta a biografia de Ana Maria Machado com ênfase em sua carreira como escritora e ainda informações de sua infância que contribuíram positivamente na formação como profissional. Conheceremos como foi o ingresso da escritora no universo infantojuvenil¹ e esta possui publicações como romancista e ensaísta. Assim, informaremos-nos das áreas de atuação e suas principais contribuições no que diz respeito à literatura e a formação do leitor, para isso utilizamos como base referencial o *Anuário 2007-2011 da Academia Brasileira de Letras*.

Saberemos sobre o que é pontuado na área das escritas literárias e ainda como ela iniciou os trabalhos com a ficção voltada ao público infantil e juvenil. Este capítulo também permitirá visualizarmos um breve histórico de suas publicações com os destaques nacionais e internacionais, os prêmios de relevância e alguns comentários sobre suas escritas, estas feitas pelos críticos da literatura brasileira como Adriana Lisboa (2021), Regina Zilberman (2017), Maria Lajolo (2001), e outros.

Possibilitamos a você leitor, conhecer algumas análises breves de obras publicadas a partir do século XX, abrangendo o contexto histórico em que essas obras foram escritas, como meio de evidenciar as peculiaridades da escritora. Também foi possível descrever as mudanças no processo de construção dos textos desse período no que tange às publicações para o público infantojuvenil da referida autora, compreendendo a importância destes para a formação do leitor contemporâneo. As obras de Ana Maria Machado representam narrativas contemporâneas, a distinção das linhas as quais essas obras pertencem são postas com base referencial em *A Literatura Infantil* da autora Nelly Novaes Coelho (1984). Com o auxílio dessa obra, foi possível levantarmos análises das obras nas quais é foco o protagonismo feminino. Demais suportes bibliográficos agregam nossa pesquisa para definição de alguns termos, suportes teóricos como: *Literatura Infantil Brasileira História & Histórias* das escritoras Marisa Lajolo e Regina Zilberman (2022), *Conceito de Literatura Brasileira* do escritor Afrânio Coutinho (2011).

Outro ponto importante é a indicação das obras da escritora que trazem a representação da mulher. É possível conhecermos, ainda no primeiro capítulo, quais foram as obras que Ana Maria Machado, por meio da narrativa, proporcionou- nos discussões

¹ O termo literatura infantojuvenil, sempre que mencionado neste trabalho, traz por definição: obras da literatura com classificação destinada ao público em processo de formação educacional, ou seja, a criança, o adolescente e o jovem. Ainda que o termo apareça especificando apenas por literatura infantil, estamos nos referindo ao público que, geralmente, contempla as primeiras etapas da educação básica.

acerca das questões que envolvem a atuação da mulher em diversas culturas e sociedades.

1.1 Vida e obra: conhecendo a autora

Iniciar estudos críticos acerca das obras de literatura infantojuvenil de Ana Maria Machado é ter a oportunidade de conhecer melhor a trajetória dessa grande escritora. Nasceu em 24 de dezembro de 1941, na cidade de Santa Teresa no estado do Rio de Janeiro. Casou-se e teve três filhos.

O contato com a literatura voltada para o público infantojuvenil iniciou em sua infância por volta do ano de 1945. Na apresentação do livro *Contos de Fadas de Perrault, Grimm, Andersen & outros*, edição da Zahar, Ana Maria Machado relata que teve o primeiro contato com os contos de fadas antes mesmo de saber ler e que esse contato propiciou-lhe grande alegria que a marcou profundamente. Ressalta que o ato de contar história fazia parte do cotidiano de seus familiares. Ana Maria Machado fala da relevância que teve os tradicionais contos de fadas em sua vida e o quanto a marcou positivamente, no sentido de fazer recordar um passado vivo em sua memória e que a levaria a pesquisar sobre a importância desses contos na vida das crianças e jovens, mais tarde.

Em 1969, por volta dos 29 anos de idade, iniciaram escritas voltadas para esse público, a pedido da Revista *Recreio*. Exilou-se na Europa durante o período da Ditadura Militar no Brasil. Iniciou a graduação em Geografia mas não concluiu, preferiu o curso de Letras Português. Graduou-se em Letras Português e em Jornalismo, Ana Maria Machado lecionou em universidades, faculdades, colégios e em sala de cursos nacional. Lecionou ainda na universidade pública de Sorbonne em Paris, atuou como Jornalista no exterior e no Brasil. Nesse período em que ela esteve exilada, entre 1970 a 1971, participou de um grupo de estudos, *École Pratique des Hautes Études* cujo mestre era o famoso Roland Barthes, defendeu sua tese de doutorado em Linguística e Semiologia sob a orientação do mesmo. A tese de doutorado resultou na publicação do livro *Recado do Nome* (1976), no qual expõe sobre a obra de Guimarães Rosa. Se torna, em 1993, *hors concours* dos prêmios da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLIJ)². Criou juntamente com duas sócias, em 1979, a primeira Livraria no Brasil, especializada em conteúdos para crianças e jovens, a

1. ² *Adjetivo e substantivo de dois gêneros e dois números* relativo a ou pessoa que não pode participar de um concurso por já ter sido laureada, por ser membro do júri ou por ser tida como muito superior aos demais competidores. <https://www.academia.org.br/academicos/ana-maria-machado/biografia> e <https://languages.oup.com/google-dictionary-pt/>

Malasartes.

Em uma entrevista dada em 27 de janeiro de 2016 em *A Gazeta*, Ana Maria Machado diz que iniciou escritas voltadas ao público infantil juvenil, a pedido da Revista *Recreio*, e em meio às necessidades de sobreviver economicamente no exílio, não nega o convite da mesma. Segundo Machado (2016), foi surpresa para ela ser bem recebida pelo público a quem escrevera, pois não esperava que seu conteúdo ganhasse destaque. Nesse período, as histórias publicadas na revista que tinham mais sucesso de vendas eram as edições em que continham as histórias de Ruth Rocha e as de Ana Maria Machado (MACHADO, 2016).

No Brasil, em 1976, dá um curso sobre literatura infantil na PUC/RJ, e inicia uma série de publicações de livros desse gênero. São mais de 40 anos de escrita que chegam a cerca de mais de 100 publicações, muitíssimos exemplares vendidos, somando traduções para 20 idiomas. Membro da Academia Brasileira de Letras- ABL, sendo no ano de 2003 a sexta ocupante da Cadeira nº 1 da ABL e no período de 2012 até 2013, é elevada à presidência da mesma.

Ana Maria Machado traduziu clássicos da literatura infantojuvenil como *O Rei Arthur e os cavaleiros da Távola Redonda* (1997), também reconta clássicos dessa área como *Dona Baratinha* (2004) e ainda escreve histórias para crianças, jovens e adultos (romances). Dos dez (10) romances publicados até então, citamos alguns, destacamos que Ana Maria Machado estreou como ficcionista com o livro *Alice e Ulisses* (1983). Segue com as de *Tropical Sol da Liberdade* (1988) e *Aos quatro ventos* (1994), com este último ela ganha o Prêmio Octávio de Faria/ABL. Destacamos ainda o romance *A audácia dessa mulher* publicado em 1999, já que a escrita dessa obra ganhou no mesmo ano de publicação, o Prêmio Machado de Assis, o romance é considerado um dos mais surpreendentes da literatura brasileira.

Das obras de cunho teórico temos *Como e Por que Ler os Clássicos Universais Desde Cedo* (2002), obra que ganhou o prêmio *Cecília Meireles* como o melhor Livro Teórico, premiado pela Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil- FNLIJ em 2003.

Podemos ainda dizer que sua escrita direcionada ao público adulto também ganha reconhecimento, pois tais obras foram objetos de análise de pesquisas acadêmicas e ainda obras ganhadoras de prêmios nacionais, como é o caso da obra *Aos Quatro Ventos* (1994) que ganhou o prêmio *Otávio de Faria*, com o título de o melhor romance do ano, premiação feita pela União Brasileira de Escritores. O romance conta uma história de amor que envolve o universo da linguagem e que, através do personagem principal, a autora aborda a paixão

pelo mundo das letras e dos livros que rodeia o casal protagonista e faz com os demais personagens adentrem aos fascínios da escrita e da leitura. Através dessa narrativa, Ana Maria Machado mostra o encantamento pelo poder da palavra, pela vida e pela liberdade. Interessante observarmos que, nesse romance a autora traz justamente a mesma proposta trabalhada em histórias destinadas ao público infantil e juvenil, seguindo essa perspectiva, de falar sobre o ‘poder da linguagem e ou o poder da palavra’, podemos revisitar o conto *A Princesa que Escolhia* (2006). Nessa obra, Ana Maria Machado apresenta uma princesa, personagem protagonista que se mostra apaixonada pelo mundo da leitura. Essa paixão é tão intensa que nem se importa de ter sido colocada de castigo numa torre, pois, nela, havia um acervo de livros que lhe proporciona a abertura para o mundo exterior ao castelo, por meio da leitura.

Numa perspectiva teórica em *Como e Por que Ler os Clássicos Universais Desde Cedo* (2002), Ana Maria Machado fala da importância de ler e narrar os clássicos para as crianças, apontando que o prazer pela leitura nasce pelo encantamento de ouvir histórias a partir dos clássicos literários, e que, com essa prática, introduzimos os pequenos no mundo literário desde cedo. Percebemos que, para Ana Maria Machado, a produção literária infantil é importante para a formação do leitor e que boas leituras, como as leituras de clássicos literários, levam-nos a compreender melhor o mundo e nossas próprias ações diante dos percalços da vida humana em constante evolução.

Em 1999, Ana Maria Machado deu um curso sobre cultura brasileira na Universidade de Berkeley, nos Estados Unidos. Durante o curso, abrangeu-se diversas manifestações culturais nas quais abordaram diversas temáticas em torno das artes, do cinema e da televisão, música e culinária, literatura e outras artes. Nesse momento, Ana Maria Machado explica que, durante a apresentação, ela dá exemplos de obras da literatura infantil que abordavam tais temáticas e explica, em seu artigo que, como não acha a literatura infantil menor que aquela literatura não- infantil, fez questão de inseri-la na discussão (MACHADO, 2003).

E, já que mencionamos sobre os textos destinados ao público infantil, fazendo um breve histórico de suas publicações, percebemos que Ana Maria Machado conta com um riquíssimo acervo, no qual fazemos alguns destaques. Coleção *Batutinha* publicado pela Editora Salamandra com mais 10 livros publicados. Destaque especial para essa coleção, que foi bastante elogiada no mundo inteiro. Dos 12 livros publicados dessa coleção, faço a análise crítica da quarta obra publicada, *A Velha Misteriosa* (1994), nos capítulos seguintes

deste trabalho. Destaque ainda para a Coleção *Sete Mares* publicada pela Editora Moderna, mais de 06 livros publicados; Primeiro livro para o público infantojuvenil *Bento que Bento é o Frade*, publicado em 1977.

Das obras premiadas "*História meio ao contrário*"(1977), foi premiada duas vezes, uma no Concurso *João de Barro* e, a outra, em 1978 com o Prêmio *Jabuti*. Também foram obras de destaque entre os anos de 1970 e 1980: *Camilão, o Comilão* (1977), *Raul da Ferrugem Azul* (1979), *Bem do Seu Tamanho* (1980), *Bisa Bia, Bisa Bel* (1980), *Alice e Ulisses (romance, 1983)*, *A Jararaca, a Perereca e a Tiririca* (1984). Só nesse período, são mais de 40 livros publicados conforme apontam dados bibliográficos constantes em obras desta mesma autora.

Destaque ainda para a obra *De olho nas penas* (1994), com essa publicação, Ana Maria Machado recebeu o prêmio literário *Casa de las Américas*. Para a obra *Bisa Bia, Bisa Bel* (1981) há ênfase no mesmo ano de publicação, Ana Maria Machado ganha com essa obra oito prêmios, dentre eles o Prêmio *Major issues Crefisul, Crefisul* para originais inéditos conforme consta nos dados do Anuário da ABL 2012-2017.

Ana Maria Machado conta com um riquíssimo acervo publicado também em outros idiomas, obras traduzidas em cerca de 20 países, as quais mostraremos algumas. Para isso utilizamos dos dados do Anuário 2007-2011 da Academia Brasileira de Letras, citando a seguir, apenas algumas obras traduzidas no exterior:

O Primeiro livro de literatura infantil de Ana Maria Machado publicado no Brasil, também ganhou destaque internacional, *Bento-que-Bento-é-o-Frade* (1977), Editora Salamandra (hoje FTD), foi publicado em espanhol e em Portugal. A Série *Conte Outra Vez* conta com uma sequência de obras publicadas, sendo elas: *O Domador de Monstros; Uma Boa Cantoria; Ah, Cambaxirra, Se Eu Pudesse...; O Barbeiro e o Coronel; Pimenta no cocuruto* (1980-81); Editora Salamandra (hoje FTD), todos os livros dessa série foram publicados em espanhol.

Demais obras publicadas em espanhol: *Palavras, Palavrinhas, Palavrões*. Editora Codecri, 1981. (Hoje Quinteto), *Gente, Bicho, Planta: o Mundo me Encanta*, Editora Nova Fronteira, 1984, *O Canto da Praça*, Editora Salamandra (1986) e pela Editora Ática (2002) e, por último, aqui citamos *A Princesa que Escolhia* Editora Nova Fronteira (2006), destaque especial para essa obra premiada como *Altamente Recomendável*, é também uma das obras que faz parte do corpus de análise dessa pesquisa, exploradas nas páginas seguintes.

Sobre as publicações em outros idiomas temos: *De Olho nas Penas* (1981) Editora

Salamandra, foi também publicado em espanhol, sueco, dinamarquês, norueguês. *História de Jabuti Sabido com Macaco Metido*, Editora Codecri, 1981, hoje Nova Fronteira, e *Bisa Bia, Bisa Bel*, Editora Salamandra, em 1982, ambos também publicados em espanhol, inglês, sueco e alemão. *Menina Bonita do Laço de Fita*, Editora Melhoramentos (1986), e publicado também pela Editora Ática (1998). Essa última obra foi publicada em espanhol, inglês, francês, sueco, dinamarquês e japonês.

Para a obra *Menina Bonita do Laço de Fita* (1986), vale destacar que fora premiada seis vezes, sendo estas premiações: Menção honrosa do Prêmio *Bienal* de São Paulo, considerada uma das cinco melhores obras do biênio 1988. Prêmio *Biblioteca Nacional* elevada a categoria “Melhores do Ano” em Caracas na Venezuela, 1995. Prêmio *Fundlectura* como livro Altamente Recomendável em Bogotá na Colômbia, 1996. Prêmio *ALIJA* considerado como o Melhor Livro Infantil Latino-americano na cidade de Buenos Aires na Argentina, 1996. Ganhou ainda o Prêmio *Américas* com o título de Melhores livros latinos nos EUA, 1997. E por último o Prêmio *Prix Octogone* na França, 2004. A obra *Menina Bonita do Laço de Fita* (1986) faz parte do corpo de análise dessa pesquisa, cuja análise consta nos capítulos seguintes.

A União Brasileira de Escritores, em 1998, elevou a obra *Ponto a Ponto*, também objeto nessa pesquisa, com o Prêmio *Altamente Recomendável* para o público infantil. Vale ressaltar essa categoria, pois, em algumas de suas biografias, Ana Maria Machado relata que quando começou a publicar histórias destinadas ao público infantil, ficou surpresa com a adesão positiva por parte daqueles que as liam.

Atualmente, são muitas as discussões que ecoam no interior das instituições escolares e que perpassam os muros da mesma. Os professores procuram orientar os discentes a partir do diálogo que favoreça o crescimento intelectual e que contribuam para o fortalecimento de um povo enquanto nação. Considerando o exposto, há, nas bibliotecas brasileiras, livros que fomentam esses diálogos, sendo portanto classificados como livros paradidáticos, pois exploram, em suas narrativas, temas relacionados ao desenvolvimento da cidadania.

Se nos permite, peço licença a você leitor, porque faço uso da primeira pessoa do singular para relatar uma situação que presenciei enquanto docente dos anos iniciais do ensino fundamental. Recordo que a primeira vez que tive contato com uma narrativa da Ana Maria Machado foi atuando como professora do primeiro ano do ensino básico. Escutei a narrativa através de um teatro produzido por outra professora, ao acompanhar a história, fiquei encantada com a linguagem da obra e a riqueza de informações sendo passadas de

forma lúdica e humorada. A obra abrange vários temas pertinentes a serem trabalhados com os alunos, sendo as que percebi no primeiro contato, o trabalho com o tema diversidade cultural e o estudo de genética. O livro a que me refiro a partir dessa experiência que ocorreu no ano de 2018, é o livro *Menina Bonita do Laço de Fita (1986)*. A narrativa se desenvolve em torno de um coelho branco que achava a menina muito bonita. Admirado pela beleza negra da garota, o coelho a interroga querendo saber o segredo que a faz ser assim. O teatro dessa narrativa foi apresentado na semana da Consciência Negra, na qual é marcada em calendário como data especial para tratar das questões de igualdade racial e luta contra o racismo. Após essa experiência, estudando e lendo mais sobre a autora, deparei-me com uma afirmação da mesma que me fez compreender a sensação de encantamento que tive pela narrativa *Menina Bonita do Laço de Fita*. Em uma entrevista dada à Revista *Época*, em janeiro de 2020, Ana Maria Machado diz que “A força do texto literário está na palavra, na narrativa em si”. Com isso percebi que o que me seduziu na obra foi exatamente a palavra, a própria narrativa.

Voltemos portanto para o interior das escolas brasileiras. Em 2022, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação 9394/96 atualiza o artigo 22 com o acréscimo do parágrafo único, na qual propõe que: “São objetivos precípuos da educação básica a alfabetização plena e a formação de leitores [...]” Brasil (2022, p. 18). A alfabetização e a formação de leitores é preocupação contínua dos que lidam diretamente com o corpo discente. Percebemos o fato quando, no explorar das atividades cotidianas escolares, deparamo-nos com projetos e situações que objetivam formar leitores. Encontramos em sites, relatos de trabalhos com tais finalidades, desenvolvidos com as obras da Ana Maria Machado. Podemos citar exemplos como o da Professora Ivone da cidade de Cruzeta no Rio Grande do Norte. A professora nomeia o projeto como “Contando e Recontando com Ana Maria Machado”.³

Contar e recontar sempre fez parte da história de vida de Ana Maria Machado. Ela fala de sua experiência com as primeiras letras numa entrevista dada no final do evento projeto Agentes de Leitura do Paraná⁴. Nesse momento relata que seu prazer pelos livros advém de uma herança do seu avô, um português formado em farmácia já aos 20 e poucos anos que, ao vir para o Brasil, trouxe, em sua bagagem, poucas roupas e dois livros. Esses dois livros, que eram gramáticas, acabaram ficando com Ana Maria Machado. A herança

³ Relatos do projeto desenvolvido disponível em: <http://blogdaivonedelima.blogspot.com/2018/01/projeto-contando-e-recontando-com-ana.html>. Acesso em 22 de março de 2023, às 16hs.56 min.

⁴ Entrevista contida em: <https://www.bpp.pr.gov.br/Candido/Pagina/Entrevista-Ana-Maria-Machado>. Acesso em 25 de março de 2023 às 09hs.47 min.

pela valorização do livro e da palavra continua fazendo parte de sua história, pois Ana Maria Machado é filha de jornalista, sendo ela a primeira de onze filhos, aprendera a ler bem cedo, e com isso, lia para o seus irmãos, ela não só lia como relia as histórias, e dizia que, para não esquecer das mesmas, fazia questão de reescrevê-las, daí a paixão pela escrita.

Voltando para as experiências com os livros da autora estudados no interior das escolas brasileiras, podemos citar ainda, o município de Quissamã no Rio de Janeiro, estado em que Ana Maria Machado nasceu. Tais escolas do município adotaram em 2019, como incentivo à leitura, trabalhar com as obras da referida escritora. No site, eles descrevem assim: “O universo literário de Ana Maria Machado inspira um projeto de leitura.”⁵ Os textos literários de Ana Maria Machado alcançaram o público infantil desde as primeiras publicações, realizadas pela Revista *Recreio*, é o que relatamos em linhas anteriores ao falarmos de suas primeiras publicações, em 1969. Inclusive, algumas de suas obras foram disponibilizadas por distribuição gratuita através da Coleção *Literatura em minha casa* financiado pelo Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação-FNDE entre os anos de 2001 a 2003, conforme nos mostra os dados disponíveis em site da FNDE⁶.

Seguindo com as publicações, dentre os diversos prêmios que a escritora ganhou pelo Conjunto de sua obra, evidenciamos aqui o *Diploma Heloneida Studart*, como destaque do ano de 2010, pelo recebimento do Prêmio *Príncipe Claus*⁷ da Holanda, na Europa. Ana Maria Machado foi a primeira ficcionista brasileira a ganhar esse prêmio. Tal honraria, conforme informações disponíveis na Redação de setembro de 2010, publicados na página eletrônica da Publishnews, revela, por meio do parecer do júri, que “Ana Maria Machado escreve histórias poderosas que tratam de preconceitos e dos direitos humanos, sempre com um olhar original, bem humorado e poético, por intermédio de uma consumada maestria da escrita”(2010)⁸. O profundo conhecimento da autora em temas que envolvem as relações humanas são revelados por meio da arte literária com originalidade e humor como também é perceptível, em suas narrativas, a valorização do recontar histórias a partir da linguagem oral, contos populares passados de geração em geração. Dessa maneira, atrai o público

⁵Sobre o projeto disponível em: <https://quissama.rj.gov.br/universo-literario-de-ana-maria-machado-inspira-projeto-de-leitura/> . Acesso em 22/03/2023 às 17hs.07 min.

⁶Dados disponíveis em: <https://www.fn.de.gov.br/index.php/programas/programas-do-livro/biblioteca-na-escola/historico>. Acesso em 22 de março de 2023 às 18hs.30min.

⁷ Prêmio que busca dar ênfase ao reconhecimento da cultura como pré-requisito para o progresso material. Publishnews. Acesso em 16 de março de 2023.

⁸ Disponível em <https://www.publishnews.com.br/materias/2010/09/10/59874-ana-maria-machado-ganha-o-premio-principe-claus>. Acesso em 16 de março de 2023 às 10hs.14 min.

infantil já que adentra no universo próprio da criança, que é a imaginação e a fantasia. Outro aspecto importante posto em suas narrativas são as relações de afeto, de parceria e de conhecimento de mundo. Tais características são apresentadas a partir de problemáticas sociais e que, por meio destas, há uma interação entre os personagens que se interagem em busca de soluções e respostas. Um exemplo dessas interações é colocado na obra *Uma, duas, três princesas* (2013). O conto apresenta uma problemática: O rei só tivera herdeiras ao trono, e não herdeiros. Quem irá governar em uma sociedade na qual mulher não governa? A partir de outras situações problema que surgem no reino, são evidenciados outros aspectos do cotidiano da vida contemporânea, como o uso da internet e acesso às informações, o estudo e o trabalho de pesquisa. É possível vermos ainda a ligação de contos populares conhecidos agregando à sua própria criação literária, num movimento de intertextualidade.

Veremos que, em seus contos, Ana Maria Machado, ao narrar suas histórias, detalha o que é de costume acontecer nas narrativas clássicas e, a partir daí, expõe, cria e recria em torno de novas ideias; como ocorre no conto *Uma, duas, três princesas* (2013). A narração em um dos trechos relata: “Até que um dia chegou a hora. Pois é, nas histórias tem sempre esse momento de um dia. É quando acontece alguma coisa que muda” (MACHADO, 2013, p. 12). Em outra criação literária da autora, o conto *História Meio ao Contrário* (1985), ela narra: “Gosto muito de inventar coisas. Por isso não sou muito boa contadora de histórias. Fico misturando as coisas que acontecem com as inventadas. E quando começo a conversar vou lembrando de outros assuntos, e misturando mais ainda” (MACHADO, 1985, p. 05).

Com base na avaliação da banca do Prêmio *Príncipe Claus*, na qual fala da linguagem poética e bem humorada que traz a autora em suas narrativas e dessa maestria ao escrever sempre com um olhar original, é possível analisarmos melhor esse parecer do júri em relação à escrita de Ana Maria Machado, a partir do olhar crítico de alguns escritores brasileiros.

1.2 Ana Maria Machado sob o olhar dos críticos

Algumas mulheres ganham destaque por sua carreira de excelência na realização de atividades até então nunca pensadas para o sexo feminino. Atualmente, são vários os cargos ocupados por mulheres que apenas eram pensados e ocupados pelos homens. Começemos a falar em um espaço que fora desejado por muitas mulheres num tempo passado e em diversas culturas e que, atualmente, essas mulheres resgatam e constroem memórias, através de seus escritos, visto que permaneceram, por muito tempo, no anonimato, devido a uma cultura que não as permitiam ingressar em tal universo. Adentramos no universo da escrita literária, e

usaremos dessa liberdade de poder escrever sobre a escrita de uma mulher.

Atualmente, através do trabalho de levantamento de dados de pesquisa, tem se revelado vários nomes de escritoras de épocas passadas que permaneceram no anonimato, sendo até então reveladas através da linguagem literária, e também a partir do interesse de pesquisadores aguçados em falar sobre a escrita feminina. Escritas que comunicam um mundo, muitas vezes silenciado, devido à organização cultural de uma sociedade na qual não havia a valorização do trabalho da mulher em diversas áreas.

Podemos citar nomes de mulheres, escritoras brasileiras que realizaram um belo trabalho artístico ao utilizarem da linguagem escrita, porém ficaram à margem da historiografia literária e estão sendo aos poucos apresentadas, vejamos alguns nomes: Júlia Valentim da Silveira Lopes de Almeida (1862-1934) e Lúcia Miguel Pereira (1901- 1959), dentre várias outras.

Tais nomes comunicam características que possuem as escritas de mulheres, marcadas por traços memorialísticos, onde relatam em suas narrativas, o cotidiano e suas ocupações na sociedade. Ao apropriarem da linguagem literária, questionamos se fazem da ficção uma forma de denúncia? questionamento? transformação? Não sabemos ao certo, mas temos a clareza de que tudo isso posto em narrativa, por si só, já nos leva a repensar a sociedade em que estamos inseridos.

Citamos agora o nome de uma escritora brasileira que tem sido premiada em âmbito nacional e internacional e que o anonimato não foi o seu caso. Ana Maria Machado ganhou destaque, como vimos anteriormente, desde as primeiras publicações voltadas ao público infantil, feitas no século XX, momento importante para a construção da literatura infantojuvenil brasileira. Façamos uma breve retrospectiva.

Historicamente, nos primórdios da educação brasileira, em meados do século XIX, surge uma preocupação com o ensino primário. Nesse período, a nação buscava melhorias para a educação visando o avanço nas práticas do ensino iniciado pelos jesuítas, avanço este justificado pelas grandes transformações ocorridas nas áreas políticas e nas relações sociais. Desde então, há também preocupação com a produção literária infantojuvenil brasileira, que estava se firmando em nossa nação com as traduções e adaptações de livros destinados a esse público, normalmente, traduções de textos de origem européia. Portanto, neste mesmo período, inicia-se a tomada de consciência pela produção literária própria que valorizasse o país, afirma Nelly Novaes Coelho (1985).

Com o objetivo de alfabetizar, cria-se os primeiros textos para as crianças. Esses

textos eram chamados de “Livros de Leitura” (COELHO,1985, p. 168). Tais obras têm grande relevância na história da produção literária infantojuvenil, uma vez que, apesar de serem textos para alfabetizar, não podem ser desconsiderados, pois foram as primeiras produções elaboradas para esse determinado público e que foram ainda as primeiras tentativas de se fazer literatura para crianças e jovens do Brasil. Aos poucos, o número de publicações foi crescendo, podemos citar algumas obras desse período e seus autores: *O Livro do Povo* (1861), do autor Antônio Marque Rodrigues, *O Método Abílio* (1868), do escritor Abílio César Borges, *O Amiguinho Nhonho* (1882), do autor Meneses Vieira, *Série Instrutiva* (1882), de Hilário Ribeiro. Temos ainda: *Contos Infantis* (1886), da autora Júlia Lopes de Almeida, *Livros de Leitura e Série Didática* (1890), de Felisberto de Carvalho, *Coisas Brasileiras* (1893), do autor Romão Puiggari, *Cartilha das Mães* (1895), de Arnaldo de Oliveira Barreto, *Livros de Leitura* (1895), de João Kopke dentre outros desse mesmo ano. Destacamos também: *Contos da Carochinha* (1886) do autor Figueiredo Pimentel, *Livro das Crianças* (1897), da escritora Zalina Rolim e ainda *O Livro da Infância* (1899), de Francisca Júlia (COELHO, 1985).

No início do século XX, continuam as publicações, agora com um número mais alentado de homens e de mulheres escrevendo para crianças e jovens. Podemos destacar nesse período: *Leituras Infantis* (1900), do autor Francisco Viana, *O Tico- Tico* (1905), Histórias em quadrinhos com diversos autores, *As Nossas Histórias* (1907), autora Alexina de Magalhães Pinto, *Páginas Infantis* (1908), da escritora Prisciliana Duarte de Almeida, *Era Uma Vez* (1908), Viriato Correia e demais autores. Em síntese, conforme Marisa Lajolo e Regina Zilberman, “[...] é entre os séculos XIX e XX que se abre espaço, nas letras brasileiras, para um tipo de produção didática e literária dirigida em particular ao público infantil (LAJOLO & ZILBERMAN, 2022, p. 49).

A partir de então, temos alguns nomes que marcaram a história da literatura infantil pela inovação nas publicações, são eles: Olavo Bilac (1865-1918), Cecília Meirelles (1901-1964), Monteiro Lobato (1882- 1948). Com Ana Maria Machado, por volta dos anos de 1970 e 1980, outros nomes são destaques como: Ruth Rocha (1931), Ziraldo Alves (1932), Lygia Bojunga (1932), Roger Melo (1965), dentre outros. Todos estes nomes, produziam textos para as crianças e alguns ainda produziam, como é o caso da Ana Maria Machado, aos 82 anos de idade. A escrita dessa mulher alcança amplo reconhecimento, especialmente no que tange a literatura infantojuvenil. Apresentamos-lhe Ana Maria Machado sob o olhar crítico de diversos autores acerca de suas obras.

Regina Zilberman (2017) pesquisadora, professora e ensaísta, ao se referir às obras publicadas por Ana Maria Machado em 1970, mais especificamente, os textos produzidos a Revista *Recreio* direcionados ao público infantil, a mesma vai dizer que são textos carregados de humor e que, através de seus personagens, questionam ideias prontas e valores tradicionalmente estabelecidos. A partir do exposto, podemos perceber que os próximos textos da autora também carregam tais características, porém há um detalhe que diferencia algumas obras de Ana Maria Machado. Tal detalhe será a representatividade feminina, posta através da ficção, a partir da historiografia literária, na qual Ana Maria Machado mostra as condições da mulher na história, por meio da memória.

Zilberman (2017), ao analisar mais precisamente as obras publicadas de Ana Maria Machado, verifica que a primeira narrativa que aparecerá na representação feminina é estreada com a publicação do Livro *Bisa Bia, Bisa Bel* (1980).

E ainda acrescenta Zilberman:

O pendor transgressivo de sua obra mostra-se inclusive em relatos calcados na tradição popular, como *O barbeiro e o coronel*, o que alinha a escritora à tendência que a literatura nacional desenvolvia na época por meio dos livros de Ignácio de Loyola Brandão (1936), Moacyr Scliar (1937-2011), João Ubaldo Ribeiro (1941-2014), Rubem Fonseca (1925), João Antônio (1937-1996), entre outros (ZILBERMAN, 2017, p. 186).

A narrativa mencionada por Zilberman, *O barbeiro e o coronel*, publicada pela primeira vez em 1980, conta a história de um coronel que adorava mandar e desmandar em todos de uma cidade pequena. Nesta cidadezinha, havia um único barbeiro. Ao ir nessa barbearia, meio irritado, o coronel, por uma fala do barbeiro, se irrita ainda mais e impõe um desafio ao mesmo, no qual lhe direciona uma pergunta que se não respondida pelo barbeiro, consequências piores o reservara. O desafio é dizer quantos fios de cabelo tem na cabeça do coronel. O barbeiro propôs ao coronel que voltasse depois de um mês, já com o cabelo comprido. Ao chegar o dia de cumprir com o desafio, em frente a uma multidão, encontra-se o coronel e o barbeiro. Para a surpresa de todos que ali estavam, o coronel encontrava-se sem um fio de cabelo, e o barbeiro pronto para cumprir com o desafio, já estava com a resposta pronta.

Ao observarmos a narrativa, visualizamos traços dos contos populares, como por exemplo; a simplicidade com que a ficção é narrada, gira em torno de uma problemática, apresenta desfechos inesperados, a ficção possui aspectos da realidade, como é o caso do Coronel - um personagem autoritário que pode representar numa sociedade um poder que governa-, temos também uma marca predominante nos contos populares, o humor. A relação

dessa história criada por Ana Maria Machado apresenta também tais traços. Os *Contos Populares* fizeram parte da infância da autora, inclusive foi o que a fez estudar mais sobre estes fora o fato de que estavam ligados à sua memória afetiva. Ana Maria Machado, na apresentação do livro *Contos de Fadas*, edição da Zahar conta que:

Lembro perfeitamente de ter ouvido desde a primeira infância várias narrativas tradicionais, dessas que compõem a tradição oral brasileira. Muitas delas, talvez sua maioria, eram de origem europeia e fazem parte desse inesgotável baú de tesouros que agrupamos sob o título genérico de “contos de fadas”. Em minha memória, estão para sempre associadas ao jeito e ao carinho de quem costumava contá-las (MACHADO, 2010, p. 05).

Aprendendo mais sobre os contos populares, verifica-se que estes apresentam algumas características como uma “problemática simples e bem configurada” (COELHO, 1985, p. 113) e ainda são narrativas recolhidas da tradição oral, contados e recontados de geração em geração, algumas até se espalharam pelo mundo. Conhecidos popularmente como *Contos-de-Fadas*, essas histórias ganharam o universo infantojuvenil, podendo dizer, com segurança, que, não somente esse público, são narrativas que atraem leitores de todas as gerações.

Outro ponto importante a ser observado na narrativa *O barbeiro e o Coronel* posto por Zilberman (2017), na citação supracitada, no que diz respeito à coerência no período em que Ana Maria Machado escreve, verificamos que o livro foi publicado no ano de 1980, momento em que, no Brasil, buscava-se uma produção inovadora na área da literatura infantil. Como vimos, a literatura infantojuvenil brasileira até meados do século XIX objetivava, com sua produção, a alfabetização. Alguns textos vão apresentar, ainda neste século, a apropriação de algumas características dos contos populares com a intenção de alcançar e divertir o pequeno leitor e ainda ensinar valores e costumes. A partir do século XX, vamos ter escritores que adequam essa linguagem, apresentando criticidade frente a questões que envolvem uma sociedade em transformação, no que diz respeito a tradições, valores, política, trabalho e outros elementos da sociedade. Sendo assim, destaca-se alguns nomes entre os anos de 1970 e 1980, conforme citação anterior de Zilberman (2017), aqueles nomes são alguns escritores que ficaram conhecidos por esse perfil de produção literária. Segundo Lajolo & Zilberman (2022): “Essa tendência contestadora se manifesta com clareza na ficção que envereda pela temática urbana, focalizando o Brasil contemporâneo, seus impasses e suas crises” (LAJOLO & ZILBERMAN, 2022, p. 217).

Conforme histórico de publicações e, através de algumas análises de suas obras infantojuvenis, Ana Maria Machado entra nos registros desse período, assim como vários

outros escritores entraram pela “criatividade e consciência crítica comprovadas por uma produção inovadora”, conforme aponta Nelly Novaes Coelho (COELHO,1985, p. 214). Apesar de termos, nesse período, grande número de escritores que se destacaram pela produção literária, temos em Ana Maria Machado igual processo, porém podemos dizer que, com destaque especial pela notável escrita e por sua trajetória apreciável em se tratando de premiações e ainda do reconhecimento de suas obras a nível nacional e internacional, como vimos no capítulo anterior.

A partir da definição que Coelho (1984), Lajolo & Zilberman (2022) traz sobre as tendências contemporâneas, podemos ressaltar que, grande parte dos escritores dos anos de 1970 e 1980, representam, em suas narrativas, essa nova tendência. É característico, nessas obras, o questionamento, Coelho (1984) diz que essas narrativas “questionam o mundo, procuram estimular seus pequenos leitores a transformá-lo, um dia” (COELHO, 1984, p. 104). Podem também ser classificadas como obras com características da representação, sendo que estas “representam o mundo, procurando mostrar (ou denunciar) os caminhos ou os comportamentos a serem assumidos (ou evitados) para a realização de uma vida mais plena e mais justa” (COELHO,1984, p. 104).

A partir da visão geral das obras de Ana Maria Machado, podemos inferir que assim como na narrativa *O Barbeiro e o Coronel (1980)*, suas obras correspondem ao que objetivam tais tendências, ou seja, tanto representam o mundo quanto questionam o mundo. Vejamos pois que as obras da autora que foram postas neste trabalho de pesquisa, não somente representam uma sociedade, na qual está inserido o leitor, mas também questionam o mundo em que este leitor está inserido. A escritora utiliza os recursos da linguagem literária contemporânea e apresenta, através de seus personagens, o diálogo de memória na qual exploram as tradições que, de certa forma, construíram a nossa história. A Literatura Contemporânea se distingue justamente por esse viés é o que aponta Nelly Novaes Coelho:

[...] o que hoje define a contemporaneidade de uma literatura é sua intenção de estimular a consciência crítica do leitor; levá-lo a desenvolver sua criatividade latente; dinamizar sua capacidade de observação e reflexão em face do mundo que o rodeia; e torná-lo consciente da complexa realidade-em-transformação que é a Sociedade, onde ele deve atuar, quando chegar a sua vez de participar ativamente do processo em curso (COELHO, 1984, p. 105).

A ensaísta e crítica literária brasileira, Nelly Novaes Coelho (1984) cita algumas obras da Ana Maria Machado como sendo obras representativas das linhas ou tendências narrativas contemporâneas. São os títulos citados por ela: *De Olho nas Penas (1981)*, *Bento-Que-Bento-É-O-Frade (1977)*, *Currupaco (1977)*, *O Domador de Monstros (1980)*, *Bisa*

Bia, Bisa Bel (1981), *Uma Boa Cantoria* (1981), *História de Jabuti Sabido com Macaco Metido* (1981), *Pimenta no Cocuruto* (1981). Tais obras supracitadas, conforme nos mostra Coelho (1984), passam por seu olhar de análise e interpretação como sendo obras literárias que seguem essas novas tendências.

Os livros *De Olho nas Penas* (1981), *Bento-Que-Bento-É-O-Frade* (1977), *Currupaco* (1977), *O Domador de Monstros* (1980), todos esses seguem a linha do Realismo Cotidiano que conforme nos aponta Coelho se caracteriza em uma escrita que apresenta “situações radicadas na vida do dia-a-dia” (COELHO, 1984, p. 109) e que mostram alguns aspectos específicos dentro dessa mesma tendência.

No caso da obra *De Olho nas Penas* (1981), este se caracteriza como uma obra pertencente ao Realismo Crítico que, segundo Coelho são, “obras atentas à realidade social e cuja matéria literária é orientada ou filtrada por uma perspectiva político-econômico-social (COELHO, 1984, p. 109).” Podemos aqui citar um trecho da obra para visualizarmos tal análise feita por Coelho (1984) sobre a mesma.

Primeiro, tem o Brasil, o país onde nasceram a mãe e os dois pais de Miguel. E que também é o país que fez Miguel ficar sendo brasileiro. Mas não foi onde ele nasceu. Ele nasceu mesmo foi no Chile. E por isso é um bocado chileno[...]. Miguel não se lembrava muito do Chile. Tinha saído de lá bem pequeno e nunca mais tinha voltado (MACHADO, 2003, p. 9-10).

O trecho acima posto nos diz da realidade social presente nas relações humanas. Ana Maria Machado, por meio do personagem Miguel levanta questões pertencentes a realidade comum da vida humana, sendo elas: as origens, questões mais acentuadas a partir do Século XX como é o caso das migrações, problemas sociais de ordem políticas e outras questões. Encontramos, na narrativa, aspectos que a caracterizam como pertencente a uma tendência denominada na Literatura Infantojuvenil, caracterizada como Realismo Cotidiano com aspectos do Realismo Crítico, conforme análise de Coelho (1984).

Submetemos à análise algumas obras mais recentes de Ana Maria Machado, comparado à obra acima mencionada. *De Olho nas Penas* foi publicado em 1981 e a narrativa vai mencionar uma situação política - ditadura militar- na qual, a partir desse tema, aborda uma realidade social. Na obra *Uma, Duas, Três Princesas* publicada em 2013, veremos que a realidade social trabalhada na ficção será sobre a organização política de uma dada sociedade, mais precisamente se refere no conto sobre: sucessão ao trono do Rei. Na narrativa, a autora explora, de maneira implícita, sobre os espaços que a mulher pode ocupar em uma sociedade. Sabemos que, em algumas sociedades e historicamente fora também a realidade de muitos povos, as mulheres não poderiam governar. Na obra *Uma, Duas, Três*

Princesas (2013), abre-se um questionamento; o que faremos pois se o rei não teve filhos homens para herdar o trono?

A situação política, nessa narrativa, seria a própria organização governamental firmada nos princípios sexistas de superioridade e de poder do homem. Podemos inferir que é comum, nas narrativas de Ana Maria Machado, a abordagem de situações da vida cotidiana que revelam a atenção às realidades sociais e a algumas formas de organização das sociedades, portanto, o rigor crítico é característico em suas obras. Ainda conforme as publicações desse período, Marisa Lajolo & Zilberman (2022) definem a época em que a literatura infantil segue uma “tendência contestadora” que, segundo elas, “manifesta com clareza na ficção que envereda pela temática urbana, focalizando o Brasil contemporâneo, seus impasses e suas crises” (LAJOLO & ZILBERMAN, 2022, p.217).

Os livros, *Bento-Que-Bento-É-O-Frade* (1977), *Currupaco* (1977) e *O Domador de Monstros* (1980), pertencem à tendência do Realismo Cotidiano é o que vai apontar Coelho (1984), as mesmas seguem a linha do Realismo Lúdico que são “Obras que dão ênfase na aventura de viver, na alegria ou nos conflitos do convívio humano; nas travessuras do dia-a-dia” (COELHO, 1984, p. 109). Nas obras que selecionamos para estudo, também encontramos destaque no que diz respeito à aventura de viver. Podemos citar, por exemplo, o conto *A Princesa que Escolhia*, publicado no ano de 2006. Essa obra revela que, apesar do decorrer dos anos de publicação, Ana Maria Machado mantém, em suas escritas, aquilo que ela mesmo preza na vida, que é a alegria do convívio humano, e que os conflitos gerados a partir desse convívio devem ser trabalhados para avançarmos positivamente enquanto seres humanos que vivem em sociedade. Ana Maria Machado diz assim: “Coisas que gosto: gente, mar, sol, natureza em geral, música, fruta, salada, cavalo, dançar, carinho” (MACHADO, 2004, p. 30). Conforme exposto, compreendemos que a escritora Ana Maria Machado é apaixonada pela vida. E ela ainda se expressa da seguinte maneira: “Coisas que não aguento: qualquer forma de injustiça ou prisão e gente que quer cortar a alegria dos outros”. Nesse trecho, ela diz diretamente dos conflitos que envolvem o convívio humano (MACHADO, 2004, p. 30).

E, partindo dessa fala da escritora, continuamos a falar das relações humanas e do cotidiano da vida postas em ficção na narrativa *A Princesa que Escolhia* (2006). No conto, a personagem principal diz a seu pai: “Quero estudar muito, viajar muito, conhecer outros lugares e outras pessoas” (MACHADO, 2017, p. 31). Falaremos com mais detalhes sobre essa obra no capítulo II desta pesquisa, antes previamente a citamos, buscando ressaltar que;

apesar de ser uma publicação mais recente do que os citados por Coelho (1984) o trecho acima revela traços do Realismo Lúdico. Vejamos porém que Coelho (1984) menciona obras na qual os protagonistas são figuras masculinas, com exceção da obra *Bento-que-Bento-é-o-Frade* (1977) na qual também temos uma protagonista feminina. Nessa narrativa, através da personagem Nita, Ana Maria Machado trata do tema aventura de viver, por meio dos diálogos que a mesma realiza e das amizades que faz em suas viagens pelo mundo, personagem que “não gostava de ser mandada” e que através da demonstração desse sentimento por parte dessa personagem, Ana Maria Machado já evidencia o que dará continuidade na obra *A Princesa que Escolhia* (2006). Nessa vertente, nota-se que ambas as personagens se assemelham pelo perfil decisivo e autônomo.

Em *A Princesa que Escolhia* (2006), temos o protagonismo feminino revisitando, por meio da ficção, as lutas e conquistas da mulher na sociedade, inserida no convívio com duras regras e situações culturalmente impostas. Ainda é pertinente dizermos que a autora, em suas narrativas, continua a trabalhar a ficção a partir dos fatos reveladas no cotidiano da vida, relevante porque os estudos sobre o cotidiano expõem as facetas do mundo que nos cerca e das nossas próprias ações frente a esse mundo. Portanto, Ana Maria Machado estabelece, na construção de suas narrativas, uma relação com o cotidiano da vida, relação essa que já é parte constitutiva dos estudos historiográficos do século XX.

Convidamos você a entender mais sobre o Cotidiano:

[...] no decorrer do século XX, as renovações conceituais e metodológicas da História propiciaram abertura para os estudos do cotidiano, que começaram a ganhar espaço com a corrente historiográfica chamada Nova História. Daí em diante, intensificaram-se os estudos de temas como a família, o papel da disciplina, as mulheres e os significados dos gestos cotidianos. Para Maria Izilda Santos de Matos, a historiografia começou, então, a estudar o poder em outros espaços, não apenas nas instituições públicas e no Estado, mas também na esfera do privado e do cotidiano (SILVA, 2015, p. 76).

O exposto em citação acima nos leva a conhecer a escrita de Ana Maria Machado demonstrando a pertinência ao período historiográfico em que escreve, no sentido de que suas obras revelam o que discutiam os historiadores do século XX. Esses textos, por meio da fantasia e do maravilhoso, fortalecem esses diálogos na medida em que alcançam a intelectualidade da infância, da adolescência e da juventude estimulando-os à criticidade frente às realidades na qual estão inseridas.

Zilberman e Lajolo, ao discorrerem sobre esse período, apontam que em relação à literatura infantojuvenil, “submergiu também o compromisso do livro infantil com valores autoritários, conservadores e maniqueístas” e acrescentam que “É o próprio mundo

fantástico tradicional que sofre uma revisão drástica” (LAJOLO e ZILBERMAN, 2022, p.219), para exemplificar citam algumas obras, dentre elas o livro *História Meio ao Contrário* (1979) de Ana Maria Machado. Em relação à essa narrativa, Lajolo e Zilberman (2022) expõem que há “uma proposta explícita de uma história de fadas invertida, onde o príncipe se casa com a pastora e a princesa vai cuidar da sua vida, pode ser considerada o emblema do que pretende essa narrativa infantil moderna” (LAJOLO e ZILBERMAN, 2022, p. 220). Ao falar dessa característica do contemporâneo presente na obra de Machado lançada ainda no século XIX, é interessante pontuarmos que a escritora mantém essa ideia também na publicação do livro *A princesa que escolhia*, obra de 2006 pertencente ao século XXI.

Ambas as obras trazem desfechos semelhantes, uma vez que a princesa do conto *A princesa que Escolhia*, decide se casar com o filho do jardineiro. Em relação aos perfis femininos em ambas as obras, existe semelhantes características:

Em *História Meio ao Contrário* (1985):

-Meu real pai, peço desculpas. Mas se o casamento é meu, quem resolve sou eu. Só caso com quem eu quiser e quando quiser. O Príncipe é muito simpático, valente, tudo isso. Mas nós nunca conversamos direito. E eu ainda quero conhecer o mundo. [...] Tem muita coisa mais que eu quero saber. Isso de ficar a vida inteira fechada num castelo é muito bonito, mas eu vi que aqui fora, nesses campos e nesses bosques, tem muita coisa mais. Não quero me casar agora (MACHADO, 1985, p. 38).

E em *A princesa que Escolhia* (2017):

- Pois eu escolho não me casar agora. Ainda sou muito moça para isso. Quero fazer que nem o mago que morava lá na torre. Quero estudar muito, viajar muito, conhecer outros lugares e outras pessoas. [...] Estudou, viajou, aprendeu um monte de coisas. Foi para a universidade e virou arquiteta. Depois, resolveu estudar ainda mais, umas coisas de nomes compridos: urbanismo e habitação popular (MACHADO, 2017, p. 31-33).

Vejamos que, a partir da fantasia presente na vida do ser humano, encontramos, em nas obras de Machado, o uso da imaginação, do maravilhoso e do fantástico, porém ambas postas com reflexos de situações vividas em nossa realidade. Tomando como exemplo os contos citados acima, observamos que há, no enredo fictício, a exposição de uma nova imagem do comportamento da mulher apresentada em duas faces, a do passado e a que se emerge num período que estudiosos consideram contemporâneo. Lajolo e Zilberman (2022) corroboram com essa análise quando expõem que antes não eram postas, em narrativas de literatura infantojuvenil, experiências que envolvem relações tradicionais com aspectos das mudanças sociais da cultura de um povo.

Essas obras, caracterizadas como contemporâneas, abordam temáticas oriundas da experiência humana, das relações com o outro, e do outro em outras realidades sociais e culturais. A maneira a qual a escritora escreve está ligada à temas sociais pertinentes, ao mesmo tempo artística, pois explora possibilidades de mudanças, um fazer literário que dialoga com os contos populares numa abordagem capaz de despertar no leitor uma nova maneira de ver e estar no mundo.

No geral, usando a imaginação e a fantasia, os personagens das narrativas de Ana Maria Machado aprendem com os conflitos e as adversidades da vida. Dessa maneira, essas narrativas tendem a estimular o leitor, ainda em fase de formação, a serem cidadãos ativos na resolução de problemas de ordem individual e comunitária. As obras envolvem o cotidiano, apresentando discussões sobre a liberdade, a diversidade, as autoridades na esfera familiar e política. É o que acontece, por exemplo, com o personagem principal da obra *Currupaco* (1977), onde o papagaio que, ao conseguir se livrar das correntes de seu dono que o prendia, viaja o mundo a fora e, a partir da liberdade que conseguira, vai precisar aprender com os conflitos e contrariedades da vida. Assim também acontece com o conto *A Princesa que Escolhia* (2006), objeto de análise dessa pesquisa. Nessa obra, a personagem principal, a princesa, viaja o mundo a partir da liberdade que conseguira, *a priori*, por meio de contradizer o seu pai. Após isso, conquista-o com o seu conhecimento, ajudando-o a solucionar problemas de ordem política e, a partir de então, livremente, pode escolher e tomar suas próprias decisões e construir sua própria história. Mas enfim, é uma personagem que também viaja o mundo em busca de construir uma história diferente das princesas comumente narradas. “Estudou, viajou, aprendeu um monte de coisas” (MACHADO, 2017, p.33).

Em *O Príncipe que Bocejava* com data de lançamento em 2004, a personagem que atrai o príncipe, protagonista da narrativa, é justamente uma princesa que lia, viajava e mais, sabia discutir e dialogar sobre diversos assuntos. Esses personagens da narrativa publicada em 2004 se aproximam do perfil da personagem protagonista do conto *A Princesa que Escolhia*, obra de 2006. Outro ponto interessante no texto *O Príncipe que Bocejava* são as diferenças de perfis femininos colocadas na narrativa. O príncipe é um personagem intelectual e ético, tal característica o define e é critério ele escolher bem com que perfil de princesa se relacionar.

A narrativa conta que as primeiras conversas com princesas e moças do reino não agradam ao príncipe, pois este não demonstra interesse por elas, uma vez que elas só sabiam

falar de coisas superficiais da vida humana.

O príncipe dançou com todas e foi muito gentil. Mas assim que começou a conversar com a primeira, aconteceu algo muito desagradável. [...] O príncipe estava bocejando! [...] E trataram de levar a moça dali e chamar outra para conversar com o príncipe. Não adiantou nada. Em cinco minutos, ele já estava bocejando: -Aaaaaaaahhh! Vinha uma princesa atrás da outra para conversar com ele. Com todas acontecia o mesmo (MACHADO, 2004, p.15 - 17).

O conto narra que, numa viagem, o príncipe conhece uma moça fascinada por livros e de perfil semelhante ao seu, a partir do diálogo com essa moça o príncipe mais tarde descobre que ela é uma princesa. Esse texto, é interessante pois traz diante de um mundo que se transforma a cada dia, o personagem representa a figura de um homem que busca uma mulher de face autêntica e autônoma, capaz de conhecer e lidar com o mundo à sua volta. Esse perfil feminino destacado em *O Príncipe que Bocejava*, ganha ênfase em outra narrativa de Machado, *A princesa que escolhia* (2006). Podemos inferir que *A princesa que escolhia* evidencia essa nova postura feminina num enredo de maior visibilidade, isso porque o título da obra dá o recado em seu próprio nome.

Continuemos a falar da representação da mulher através das personagens femininas dentro da tendência do Realismo Mágico termo utilizado por Coelho (1984). Vejamos a obra *Bisa Bia, Bisa Bel* publicada pela primeira vez em 1980, obra premiada mais de seis vezes. Segundo Coelho, as obras que seguem essa linha são “mais atraentes para os leitores contemporâneos” (COELHO, 1984, p. 111). Para definir melhor o termo Realismo Mágico Coelho explica que são “Obras em que as fronteiras entre Realidade e Imaginário se diluem, fundindo-se as diferentes áreas para dar lugar a uma terceira realidade, onde as possibilidades de vivências são infinitas e imprevisíveis” (COELHO, 1984, p.111). Essa perspectiva é justamente o que Ana Maria Machado cria nessa narrativa, cujo diálogo das personagens acontece por meio das gerações. Uma menina encontra uma fotografia de sua bisavó, e a partir dessa imagem, utiliza sua imaginação para falar de como era a realidade feminina no tempo passado. A menina mostra o presente e, no desfecho da narrativa, temos uma perspectiva futura da linhagem feminina.

Ana Maria Machado, além de escritora, é mãe e essa condição social da mulher é posta em suas narrativas, em diferentes contextos, para falar de geração e de questões familiares. Sendo assim, percebemos que ela traz esse realismo, isto é, as experiências femininas para a ficção. Em seu artigo “O Tao da teia – sobre textos e têxteis” texto publicado em 2003, Ana Maria Machado relata uma experiência que teve com sua filha enquanto trabalhava numa escrita, dessa experiência, segundo ela, nascia sua história “Fio a

“fio” (MACHADO, 2003, p.175), que depois resultou na criação da obra literária *Ponto a Ponto* (2006). No mais, queremos aqui pontuar que a própria escritora relata no artigo que, a partir dessa experiência, a partir da relação entre mãe e filha, é que ela conseguiu dar significados ao processo de escrita com a arte de tecer e de relacioná-las com sua própria história. No artigo, relata esse momento assim:

Diante do computador, eu trabalhava. Mas a Luísa, estava no jardim. De repente, ela me chamou com voz vibrante para ver alguma coisa. Aquele tom de voz inconfundível, de maravilhamento, com que nossos filhos tantas vezes nos presenteiam. Parei o que estava fazendo e fui até o quintal encontrá-la (MACHADO, 2003, p. 173).

A mulher que escreve, parou de repente para atender ao chamado de sua filha. Dessa maneira, relata a criação de uma de suas narrativas. Ao destacar as relações humanas em diversas facetas em suas obras de ficção, percebemos esse realismo, inclusive o da representação feminina que se elucida a partir de suas experiências enquanto mulher, mãe e escritora. Coelho (1993) ao discorrer sobre a escrita feminina do século XX diz que esse período trouxe mudanças para a vida da mulher e que essas mudanças foram um “fator determinante para o surgimento e expansão de uma literatura feminina” (COELHO, 1993, p. 16).

Em *Bisa Bia, Bisa Bel* (1980), na qual Ana Maria Machado põe em evidência a figura da mulher através das personagens femininas baseada em fatos de suas experiências anteriores. Adentramos mais nesta narrativa. No prefácio da obra, a escritora ressalta

Quando escrevi *Bisa Bia, Bisa Bel* só estava com muita saudade de minhas avós. Vontade de falar sobre elas com meus dois filhos. Não imaginava que pouco depois ia ter uma filha e essa linhagem feminina ainda ia ficar mais significativa para mim (MACHADO, 2001, p. 63).

No artigo, *Ana Maria Machado – A audácia de uma escritora*, Regina Zilberman (2017) mostra que, ao publicar essa narrativa de gênero novela, Ana Maria Machado dá voz ao imaginário feminino. Visitemos rapidamente o enredo dessa narrativa, vamos conhecer um trecho cujo as personagens dialogam sobre um tempo em que os lenços de resfriados eram feitos artisticamente, com bordados e bem engomados, para serem usados.

- Acho que também era um sintoma de um tempo em que as mulheres geralmente não trabalhavam fora e ficavam inventando trabalho dentro de casa para se sentirem úteis. Já imaginou que tristeza devia ser passar os dias esperando o marido e os filhos chegarem? Um monte de empregadas e só um trabalho pouco criativo na casa?

Não entendi bem:

-Você acha que trabalho de dona-de-casa é só inventado, mãe? Não é útil?

-Não é isso que eu quis dizer. Acho que me expliquei mal. O que eu acho é que é um trabalho que não transforma o mundo, não melhora as coisas, é só manter como estava, lavar para ficar limpo e depois sujar, cozinhar para comer e depois ter mais

fome, sei lá... Claro que educar filho é trabalho que transforma o mundo, mas isso é coisa que pai também faz, e mãe que trabalha fora também... (MACHADO, 2001, p.45-46).

Nesse trecho da narrativa, percebemos que a ficção é usada para expor as condições da mulher em determinado período histórico. Através de um simples lenço que, aliás, não tinha nada de simples em sua produção, a escritora desperta, no leitor, uma consciência crítica de um passado histórico marcado pelas condições de uma época específica. É época esta em que a mulher era estritamente destinada aos afazeres domésticos. Essa realidade é marcada não apenas em um contexto histórico, há fatos que perpetuam em nossa consciência, ou seja, se fazem presente ainda hoje nas condições representativas do lar. Historicamente, com a contemporaneidade, a mulher tem ocupado outros espaços, portanto, repensar a produção do lenço é, para a autora em questão, uma oportunidade de falar sobre as condições da mulher a partir de seu próprio olhar como mulher. Essa consciência crítica da escritora é observada pela crítica abaixo:

Desse amadurecimento crítico resulta, na literatura, a presença cada vez mais nítida de uma nova consciência feminina que tende, cada vez com mais força e lucidez, a romper os limites do seu *próprio Eu* (tradicionalmente voltado para si mesma em uma vivência quase autofágica) para mergulhar na esfera do Outro – a do ser humano participe deste mundo em crise (COELHO, 1993, p. 16).

Destarte, entendemos que, por meio da ficção, Machado (2001) retoma essa ideia de Coelho (1993) sobre a consciência feminina. Assim, a escritora fomenta, por meio literário, a desestabilização da consciência formada a partir de algumas ideias do patriarcado, ideologia esta que em algumas realidades histórica limitava a mulher à esfera doméstica. Se observarmos a fala da personagem na narrativa *Bisa Bia, Bisa Bel*: “O que eu acho é que é um trabalho que não transforma o mundo, não melhora as coisas, é só manter como estava lavar para ficar limpo e depois sujar, cozinhar para comer e depois ter mais fome, sei lá...” (MACHADO, 2001, p.45-46). Aqui percebemos a crítica implícita sobre a necessidade de uma nova consciência feminina, que seria a necessidade da mesma assumir trabalhos e espaços que a permita contribuir de forma significativa em outros espaços sociais, além do doméstico, ou seja, apropriar-se de uma identidade crítica e ativa. Vale destacar que essa consciência crítica feminina foi consolidada a partir dos espaços que a mulher foi conquistando e assumindo ao longo do percurso histórico.

Outro aspecto interessante na citação é o movimento de reflexão quanto às posições sociais quando a personagem pontua a importância de um dos serviços domésticos, que é o ato de educar os filhos. Assim, a obra movimentava as imposições e responsabilidades

atribuindo também ao patriarca esse dever. “Claro que educar filho é trabalho que transforma o mundo, mas isso é coisa que pai também faz, e mãe que trabalha fora também” (MACHADO, 2001, p.45-46). Com essa declaração, além dessa movimentação de papéis sociais, Machado, por meio da literatura, estimula o leitor a essa consciência feminina que amplia as possibilidades de contribuição social por meio da atuação da mulher também em outros espaços, que passam a ir além do lar.

Importante ainda destacarmos, em relação a essa obra que, Ana Maria Machado (1941) por meio de suas personagens, inicia um resgate de memórias, resgate este em relação à posição que a mulher ocupou em gerações passadas e, ainda nos tempos da escrita, revelando também, algumas condições da mulher no cotidiano contemporâneo. Segundo Regina Zilberman nessa narrativa, Ana Maria Machado apresenta “duas visões da mulher, a antiga e convencional, representada por Bia, e a moderna e descontraída, encarnada por Bel” (2017, p. 186). Dessa maneira podemos ver, nesse texto, aspectos de diversidade cultural, vida familiar e social retratadas, sobretudo a partir da realidade feminina.

Após essa publicação, Ana Maria Machado (1941), em suas ficções, reaparece com a mesma ideia, explorando as faces da mulher a partir da realidade ao longo do tempo, na qual há diálogo de memória, sendo que aborda um discurso de relato das condições vividas pela mulher na antiguidade e apresenta também as condições de vida da mulher na atualidade, vista como indivíduo atuante na sociedade é o que iremos mostrando nesta pesquisa.

Ainda a respeito da escrita de Machado (1941) a partir da obra *Bisa Bia, Bisa Bel* (1981) vai dizer Zilberman (2-17, p. 187) que “Uma de suas marcas principais advém do reconhecimento de um passado que pode ter sido reprimido por efeito de políticas de esquecimento e negacionismo praticadas pela escola e pela sociedade (BENJAMIN, 2006; RICOEUR, 2007; LACAPRA, 2008, ZILBERMAN, 2017)”. -

No ano de 2001, na 3ª edição do livro, fala também dessa mesma narrativa, de gênero *Novela*, a ensaísta e crítica, professora e escritora brasileira Maria Lajolo, ela vai dizer que “num livro como este, parece que a história se passa com a gente. Ficamos íntimos das personagens. Temos a impressão de que o que acontece nas páginas do livro acontece conosco (2001, s.p)”. Desta maneira, ao adentrar o imaginário feminino, Ana Maria Machado vai registrar aspectos do cotidiano da mulher por meio de suas personagens, mas não deixa de realizar a escrita de maneira a garantir a aproximação leitor e texto, sendo, portanto, uma característica do Realismo Mágico.

Vânia Maria Rezende (1988), educadora e pesquisadora especialista em Literatura Brasileira e Literatura Infantojuvenil, discorre que as escritas de Ana Maria Machado assume um ato criador numa atitude de compromisso com a fantasia, o que acaba fazendo com que os textos tenham a linguagem da infância, utilizando a mesma linguagem e tendo garantida a apreciação do jogo poético pelas crianças. Completa dizendo que a poeticidade é marca pertinente nas obras da Ana Maria Machado o que conseqüentemente gera empatia com os seres de menor idade.

Voltemos para a década de 70, na qual Cláudio Martins, ilustrador, professor e escritor brasileiro, ao ilustrar a obra *Camilão, o Comilão* (1977), fala da escritora Ana Maria Machado, nas últimas páginas do livro, ele vai dizer que, a mesma, “é uma fábrica de ideias e uma oportunidade para os ilustradores”. Sabendo, pois dessa sua capacidade de criar, Ana Maria Machado vai dizer que o que ela realiza com suas criações literárias “[...] é uma ponte com outros seres humanos, de origens e idades variadas (MACHADO, 2001, p. 63)” e chama essa ponte de um grande presente, tais palavras são postas pela autora, ao falar da obra que escrevera em 1980, obra de nome *Bisa Bia, Bisa Bel*.

De acordo com Nelly Novaes Coelho (1984), obras pertencentes à *Linha do Maravilhoso* são textos que apresentam “situações que ocorrem fora do nosso Espaço/Tempo conhecido ou não em local vago ou indeterminado na terra” (COELHO, 1984, p. 111). Dessas narrativas, ainda conforme Coelho (1984), distinguiu-se mais três características; apontaremos aqui somente as que são diretrizes na escrita de Ana Maria Machado, que é o foco central deste estudo. Da linha das narrativas pertencentes ao Maravilhoso, temos com características da Tendência do Maravilhoso Satírico, as narrativas *História Meio ao Contrário* (1977) e a história *Uma Boa Cantoria* (1981).

A obra *História meio ao contrário* conta a história de um rei que vivia em seu castelo e que pouco conhecia o seu reino. Um dia, resolve ficar mais tempo que o de costume contemplando o dia e olhando seu reino pela janela. Nesse dia, ele descobre o entardecer, porém o personagem não enxerga um entardecer como conhecemos, ele vê na mudança do dia para a noite que há algo de errado e que o dia havia sido roubado. E, essa criação imaginativa e fantasiosa é o que gera todo o contexto da narrativa. No texto fictício, alguns personagens desempenham papéis importantes para a resolução da problemática são eles: o “Príncipe Encantador – que veio de terras distantes” (MACHADO, 1985, p.24), a princesa – filha do rei dono do reino -, e por fim a pastora.

Bom, vamos conhecer um trecho das narrativas citadas? Seguimos com a leitura:

Em *História Meio ao Contrário*:

...E então eles se casaram, tiveram uma filha linda como um raio de sol e viveram felizes para sempre...

Tem muita história que acaba assim. Mas este é o começo da nossa. Quer dizer, se a gente tem que começar em algum lugar, pode muito bem ser por aí.

Vai ser a história da filha desses tais que se casaram e viveram felizes para sempre. E a história dos filhos começa mesmo é na história dos pais. Ou na dos avós, bisavós, tataravós ou requetatataravós – se alguém conseguir dizer isso e se lembrar de todas essas pessoas (MACHADO, 1977, p. 04).

Em *Uma Boa Cantoria*, a narrativa começa assim:

Era uma vez um rei que achava que entendia de tudo mais que os outros. E que, como era rei, podia mandar. Um dia, ele estava no palácio se preparando para dormir depois do almoço, quando passou um amolador de facas e tesouras pela rua em frente, fazendo aquele assobio agudo na pedra de amolar.

E o rei ficou furioso e chamou o primeiro-ministro:

- Essa gente tem a mania de cantar e não sabe. Que cantoria mais desafinada! Assim não é possível. O povo ainda não sabe cantar direito e não pode sair por aí atingindo os ouvidos dos outros dessa maneira. A partir de hoje, é proibido cantar nesse reino. E como todo mundo tinha muito medo dele e ainda não tinha aparecido ninguém pra dizer que ele é que não sabia governar direito, o jeito foi cumprir a ordem. E durante anos e anos ninguém cantou naquele reino (MACHADO, 1981, p. 07-08).

Pertencentes à Linha do Maravilhoso, nas obras em questão, temos a expressão do Maravilhoso Satírico que, segundo Coelho essas “Narrativas que utilizam elementos literários do passado ou situações familiares, facilmente reconhecíveis, para denunciá-las como erradas, superadas... e transformá-las em algo ridículo (1984, p. 111)” e ainda acrescenta Coelho que “O humor é o fator básico dessa diretriz (1984, p. 111).” Interessante que, nessas obras, Ana Maria Machado as inicia apresentando justamente o que pontua Coelho (1984) sobre a Tendência do Maravilhoso Satírico; pois tais narrativas começam com teor transgressivo. Machado demarca que é “um rei que achava que sabia de tudo (1981, p. 07)”, tal demarcação também é feita com o mesmo teor transgressivo na narrativa seguinte, cujo próprio título *História Meio ao Contrário*, já nos remete ao novo como sendo fator de que algo mudou. Machado, ao inverter a linguagem final da maioria dos contos, ou seja, começando pelo- felizes para sempre-, vai dizer que “Tem muita história que acaba assim. Mas este é o começo da nossa” (1911, p. 04).

Vale ressaltarmos que, por serem contos pertencentes à Linha do Maravilhoso, podemos perceber que ambas são histórias fora do nosso contexto de espaço e de tempo, sendo criadas a partir da linguagem fictícia remetendo a um contexto em que a sociedade se organizava a partir da figura de um monarca. Ainda assim, é visto como oportuno trabalhar a narrativa, a consciência crítica por meio dos personagens, uma vez que de maneira

implícita diz em uns dos contos que o rei “achava que entendia de tudo mais que os outros” (1981, p. 07). É pertinente pontuarmos que em *História Meio ao Contrário* (1979), temos numa perspectiva contemporânea a representação feminina através de suas personagens, podendo citar como exemplo a princesa deste conto que, demonstra ser decidida, frente ao tempo da narrativa. Esse personagem surpreende a todos pelo posicionamento “– Meu real pai, peço desculpas. Mas se o casamento é meu, quem resolve sou eu. Só caso com quem eu quiser e quando quiser” (MACHADO, 1985, p. 37). A expressão utilizada - viveram felizes para sempre - nesse conto, também nos remete à ideia dos contos de fadas tradicionais. Esta expressão é utilizada nos contos populares para marcar o fim da história e principalmente para expressar ao leitor que a problemática do enredo tinha sido solucionada. Ana Maria Machado cria desfechos adversos do tradicionalmente colocado, não na intenção de desvalorizar os contos populares, pelo contrário. Para a escritora, esses contos são relevantes na construção de suas histórias uma vez que a mesma apropria deles para trazer, mesmo nas narrativas de cunho maravilhoso, a sátira.

A obra *História de Jabuti Sabido com Macaco Metido* (1981) segue à Linha Popular ou mais conhecida como Folclórica, que são as lendas, estórias e mitos. Conforme Coelho, essas “narrativas que exploram nossa herança folclórica europeia e nossas origens indígenas ou africanas” (COELHO, 1984, p. 112). Coelho (1984), ao definir o termo Linha Popular ou Folclórica, no enredo da narrativa em questão, é perceptível que Ana Maria Machado, trabalha com as características da Linha Folclórica sendo que, é posto na história, a revisitação das tradições orais brasileiras, ou seja, quando são passadas oralmente de geração em geração e que a autora recria-as em narrativas literárias.

Essa tendência foi adotada por aqueles que seguiram a proposta de Monteiro Lobato. Revisitando a historiografia literária infantojuvenil, temos o escritor como um divisor de águas no século XX. Segundo Coelho, ele separa o Brasil de ontem do Brasil de hoje. Divisor de águas porque se empenhou e se destacou na “luta pela descoberta e conquista da brasilidade ou do nacional” (COELHO, 1985, p. 186). A crítica ainda acrescenta que Monteiro Lobato fazia, no Brasil dos anos 20, a combinação do Real com o Maravilhoso em uma única realidade. Ana Maria Machado faz uso de alguns desses elementos, mas percebemos que, dentro das obras analisadas, a mesma não faz desses elementos o fio condutor de suas criações. É o que veremos mais adiante, com citações de outras obras que compõem o acervo criativo das narrativas dessa escritora.

Conforme nos apontam dados de publicação pela Editora Companhia das Letras,

estão presentes na narrativa *História de Jabuti Sabido com Macaco Metido (1981)*, os jogos de adivinhação, a mitologia indígena e a simbologia dos animais da fauna nativa. Para visualizarmos melhor o exposto aqui, sobre a característica folclórica da narrativa, segue o resumo da mesma. O livro conta a história dos animais de uma floresta que resolvem fazer um concurso para definir o mais esperto daquele lugar. Com a ajuda do Índio Curumim, que é convidado para medir a disputa, acontece o concurso que, no desfecho reserva o inesperado, um duelo entre o macaco e o jabuti, um famoso por sua malandragem e o outro conhecido por sua morosidade.

Em *Pimenta no Cocuruto*, publicado em 1981, Ana Maria Machado vai explorar outra diretriz, que é a Linha da Fábula. Coelho vai explicar que são narrativas que apresentam “Situações vividas por personagens-animais, que podem ter sentido simbólico, satírico ou puramente lúdico” (COELHO, 1984, p. 113). Nessa obra, Ana Maria Machado conta a situação vivida por uma personagem galinha que “não era muito esperta e se assustava a toa” (MACHADO, 1981, p. 08), situação esta que a deixa assustada e que acaba por amedrontar todos os animais que recebiam a notícia do ocorrido com a mesma. Aqui, percebemos bem a diretriz da Linha da Fábula sendo explorada. Das cinco obras analisadas nesta pesquisa, percebemos que uma delas envolve um personagem animal com um personagem humano. Podemos inferir que nesse conto, Ana Maria Machado trabalha com essa diretriz. Estamos nos referindo ao conto *Menina Bonita do Laço de Fita (1986)*. A narrativa conta a história de um coelho branco que se encanta com uma menina negra, no sentido de achar a menina muito bonita. Esse encantamento pela beleza negra leva o coelho a levantar questionamentos à garota, tais perguntas se referem à cor de sua pele, na qual o personagem – coelho branco – deseja ser como a moça. Quando descobre que a cor da menina é uma condição genética, ou seja, de origem familiar, ele logo diz que irá se casar com uma coelha pretinha para ter filhos semelhantes à menina negra. “E se ele queria ter uma filha pretinha e linda que nem a menina tinha era que procurar uma coelha preta para casar” (MACHADO, 1986, p. 13). As demais obras não passam por essa diretriz mas carregam sentido simbólico, ou seja, trazem ideologias e reflexões acerca das relações humanas.

Podemos perceber, pelas obras até então brevemente aqui analisadas, com o auxílio de Nelly Novaes Coelho (1984), que as narrativas de Ana Maria Machado, ao pertencer a alguma Tendência Narrativa Contemporânea, mais especificamente a partir do século XX, essas obras são de caráter inovador e fazem parte de um acervo riquíssimo da literatura

infantojuvenil brasileira reconhecida a nível internacional e utilizada também em outros países como referência nessa área.

Partindo agora para algumas críticas levantadas acerca dos romances de Ana Maria Machado, Adriana Lisboa, escritora brasileira, vai dizer no prefácio da obra *A audácia dessa mulher* (romance de 1999) na reedição de 2021, que a audácia de Ana Maria Machado está na desenvoltura com que situa esta narrativa no espaço entre o cotidiano e suas tramas às vezes comum no nosso dia a dia.

Questões que apesar de modestas, são fundamentais à vida de qualquer leitora ou leitor, postas em narrativa, como a memória, o amor, a dignidade, como definimos nosso estar no mundo. Maria Lajolo (2001) corrobora com Adriana Lisboa (2021) quando menciona que Ana Maria Machado tem a capacidade de situar o leitor e a leitora num espaço entre ficção e realidade trabalhando em suas narrativas o cotidiano da vida comum, mostrando através de seus personagens reflexos da realidade humana.

Destarte, usando das palavras de Lajolo (2001) e Lisboa (2021) sobre os romances de Ana Maria Machado, pontuamos que a escritora também traz a mulher e suas problemáticas seguindo essa mesma vertente nos textos infantis estudados neste artigo. Regina Zilberman (2017), ao analisar os romances *Do outro lado tem segredos* (1980), *Palavra de honra* (2005), *O mar nunca transborda* (1995) e *A audácia dessa mulher* (1999), vai dizer que Ana Maria Machado valoriza, por meio de suas narrativas, a pluralidade de vozes harmonizando-as na dicção feminina, sendo que tais obras apostam no poder da memória que se transmite por meio da oralidade e da fantasia (ZILBERMAN, 2017).

Zilberman (2017) também compara o romance de Machado de Assis, *Dom Casmurro* (1996), com o romance de Ana Maria Machado, *A audácia dessa mulher* (1999). Ao comparar as narrativas, Zilberman (2017) vai dizer que o romance da Ana Maria Machado retoma um diálogo com o romance de Machado de Assis, uma vez que as personagens femininas protagonistas - Capitu, de Ana Maria Machado- e Capitu, de Machado de Assis- apresentam reações, posturas opostas frente a uma mesma situação levantada em ambos os romances, que é o da temática da traição. A voz passada que é Capitu silenciada e a voz presente que é a Capitu com versão ativa. Ainda conforme Zilberman (2017), a Capitu de Ana Maria Machado:

[...] dá voz a uma das personagens mais silenciosas da literatura brasileira, pois, em *Dom Casmurro*, são poucas as oportunidades de que a moça dispõe para expressar seu ponto de vista, e menores ainda as chances de se defender das acusações cruéis do esposo supostamente desagravado (ZILBERMAN, 2017, p. 193).

Conforme o exposto, percebemos que, por meio do perfil das personagens femininas criadas por Machado, ora em romance ora em textos de literatura infantojuvenil, seguem a mesma vertente, o de trazer a mulher e suas problemáticas. Interessante observarmos que algumas de suas obras já trazem o nome das personagens como sendo o próprio título da obra. Em outros casos, há obras da escritora que não trazem como grifo no título da obra tais personagens, mais no interior dessas narrativas encontramos a voz do protagonismo da mulher atuando diretamente com um diferencial em suas criações literárias, como é o caso da obra *Bento-Que-Bento-É-O- Frade* (1977) e *História Meio ao Contrário* (1979).

Corroboram Zilberman (2017) quando diz que em se tratando de narrativas destinadas ao público infantojuvenil e também as obras destinadas ao público adulto “Ana Maria Machado mantém rigorosa coerência, procurando destacar o papel da memória, sobretudo a da mulher, no resgate de eventos esquecidos do passado (ZILBERMAN, 2017, p. 185).”

No geral, o fazer literário de Ana Maria Machado, em especial, produções destinadas ao público infantojuvenil, Vânia Maria Resende vai dizer que “a viagem que a escritora faz no seu próprio imaginário redonda na trajetória circular de muitas de suas personagens” (1988, p. 100)”. Ao fazer as análises das obras *Bento que Bento é o Frade* (1977), *Bem do Seu Tamanho* (1979) e *O Menino que Espiava pra Dentro* (1984), Vânia Maria Resende (1988) ainda acrescenta:

Em todas essas obras, nota-se a passagem fabulosa das personagens do plano primeiro do imaginário, para um outro, segundo, ato especular do mergulho da escritora em camadas mais profundas do seu imaginário, onde se processa o diálogo entre a sua imaginação adulta (face consciente) e a fantasia das suas personagens infantis (face inconsciente, profundamente simbólica) (RESENDE, 1988, p. 100).

A escrita de Ana Maria Machado, destinada ao público infantojuvenil, que atrai o leitor contemporâneo, não somente os pequenos leitores mais também os leitores adultos tem se caracterizado ao longo das publicações como: histórias de humor, histórias que contrapõem ideias e valores tradicionalmente impostos, histórias que exploram a linguagem criativa e reservam situações inesperadas, histórias que expressam novas possibilidades, novos rumos. Narrativas que apresentam um discurso de vozes, muitas vezes, revelando um passado silenciado, um presente modificado e um futuro com possibilidades. Nas obras que compõem o corpus de análise dessa pesquisa temos todas essas características, é o que veremos mais detalhadamente nas páginas que seguem o segundo capítulo.

Para melhor finalizarmos esse tópico, usaremos as palavras da Ana Maria Machado,

quando nos esclarece sobre o seu fazer literário destinado ao público infantojuvenil. E em conversa com as crianças e professores em uma rede estadual de ensino na cidade de Uberaba, no estado de Minas Gerais, no dia 23 de outubro de 1985, Ana Maria Machado diz: “Rarissimamente eu escrevo para crianças mesmo, eu escrevo para a criança que fui; os livros não são livros para crianças, mas podem ser lidos por elas (Machado *apud* Resende, 1988, p.98- 99).”

Ainda sobre seu fazer literário, em 2010, entrevistada por Luiz Henrique Gurgel, jornalista e mestre em Literatura Brasileira, Ana Maria Machado argumenta: “Escrevo sempre a partir de duas coisas: o que eu lembro e o que eu invento.” E ela acrescenta: “Acho que um livro começa muito antes da hora em que a gente senta para escrever. É um jeito de prestar atenção no mundo, em todas as coisas, nas pessoas, e ficar pensando sobre tudo. Raramente eu sei como uma história vai terminar” (MACHADO *apud* GURGEL, 2010, s.p).

A partir dos relatos da autora em entrevista, podemos perceber que a mesma possui um modo específico para criar suas narrativas quando explica “que um livro começa muitos antes da hora em que a gente senta para escrever” (MACHADO *apud* GURGEL, 2010, s.p). De certa forma, adianta aos seus interlocutores que suas reflexões sobre a vida e sobre o modo de ser e estar na sociedade revelam o seu fazer literário e que muitas das histórias que vive inventando, como ela mesmo se expressa “vivo inventando histórias” (MACHADO, 2004, p. 30), surgem a partir do contato com o mundo que procura conhecer. A escritora, usando suas experiências enquanto mulher, utiliza a escrita para falar em suas obras do que aprecia no mundo, e ainda, muitas vezes de maneira implícita, expõe o que não lhe agrada no mesmo.

1.3- Contexto histórico, escrita e literatura infantojuvenil.

Conforme dados do Anuário 2007- 2011 da ABL, há 25 anos, Ana Maria Machado, vem exercendo intensa atividade na promoção da leitura e fomento do livro, tendo dado consultorias, seminários da UNESCO em diferentes países e sido vice-presidente do IBBY (*International Board on Books for Young People*)⁹. Portanto, falar sobre a leitura e a escrita

⁹ O International Board on Books for Young People (IBBY) é uma organização sem fins lucrativos que representa uma rede internacional de pessoas de todo o mundo que estão empenhadas em reunir livros e crianças. Informações contidas em: <https://gramadomagazine.com.br/2020/08/26/international-board-on-books-for-young-people-ibby/> Acesso em 08 de março de 2023.

nessa pesquisa se faz necessário.

Segundo Maria Helena Martins:

Saber ler e escrever, já entre gregos e romanos, significava possuir as bases de uma educação adequada para a vida, educação essa que visava não só ao desenvolvimento das capacidades intelectuais e espirituais, como das aptidões físicas, possibilitando ao cidadão integrar-se efetivamente à sociedade, no caso à classe dos senhores, dos homens livres (MARTINS, 1982, p. 22).

Assim como Maria Helena Martins (1982), Ana Maria Machado (2007) vai falar sobre o ler e escrever como condição necessária para que o indivíduo se sobressaia na sociedade. Machado assegura que, “ler e escrever é sempre deter alguma forma de poder” (2007, p. 134)”. Maria Helena Martins afirma que “[...] “ler significa inteirar-se do mundo, sendo também uma forma de conquistar autonomia [...] (1982, p. 23).”

Ana Maria Machado sendo leitora e escritora discorre sobre a importância dessa prática para o indivíduo em sociedade. A escritora afirma em seu texto *Entre Vacas e Gansos: Escola, Leitura e Literatura* que, “Se nenhum adulto em volta da criança costuma ler, dificilmente vai se formar um leitor” (MACHADO, 2001, s.p.). Relevante acrescentarmos que Ana Maria Machado declara que seu contato com a literatura infantojuvenil ocorreu antes de ela saber ler. Apaixonada pelas narrativas literárias, em especial os contos de fadas, Ana Maria Machado declara - “Adoro meu trabalho. Ainda bem, porque acho que não ia conseguir viver se não escrevesse” (MACHADO, 2004, p. 30). O reconhecimento de suas escritas se consolidou em âmbito nacional e internacional, conforme vimos em linhas anteriores, através dos prêmios conquistados.

Ana Maria Machado, grande escritora brasileira da literatura infantojuvenil e a primeira desse gênero a fazer parte da Academia Brasileira de Letras- ABL, mérito este conquistado pelo trabalho que dedicou e dedica com tanto afinco à essa literatura considerada fundamental, já que é a base para a formação do ser leitor e do futuro cidadão.

Sendo uma arte fundamental, falemos mais sobre a importância dessa literatura. A Literatura infantojuvenil é conceituada por Hênio Último da Cunha Tavares como sendo “essencialmente de natureza lúdica, onírica e mágica, e cujo conteúdo caracteriza-se pela inverossimilhança”(TAVARES,1981, p. 401), ou seja, uma escrita capaz de adentrar o universo fantástico da criança através da linguagem apropriada para o imaginário infantil e juvenil. Por meio da palavra, há na literatura em geral, a representação do mundo que nos cerca, das relações sociais, de nossas lutas e nossas conquistas.

Usando a palavra, a autora imprime a representação de um mundo a partir da voz feminina. Os textos destinados ao público infantil e juvenil, possuem a linguagem da fantasia

e, ao mesmo tempo, mostram aspectos de nossa realidade humana. Para falarmos mais sobre a linguagem da fantasia utilizada em seus contos, especialmente os estudados nessa pesquisa, tomemos como exemplo os contos- de- fadas que foram acessíveis a nós enquanto leitores na infância e ainda o é muitas vezes ao tomarmos para levarmos para as nossas crianças. Ao estudar sobre os contos- de- fadas, Ana Maria Machado, vai dizer que:

Falar em conto de fadas é evocar histórias para crianças, lembranças domésticas, ambiente familiar. Equivale também a uma filiação ao maravilhoso, em que tudo é possível acontecer. Esse universo tem a ver também com outro aspecto: o da cultura oral. Trata-se de contos populares, de uma tradição anônima e coletiva, transmitidos oralmente de geração a geração e transportados de país em país (MACHADO, 2010, p.6).

Em diversas entrevistas Ana Maria Machado fala da experiência que teve com a linguagem literária, isso antes dos cinco anos de idade, por meio dos livros, das histórias orais contadas por seus familiares. A literatura infantojuvenil tem importante papel na construção da sociedade, já que é destinada ao público em processo de formação, ou seja, a criança, o adolescente e o jovem. Apesar de que essa literatura não se restringe somente a esse público, uma vez que, nós adultos, especialmente nós profissionais da educação beberemos sempre deste acervo até mesmo como objeto de pesquisa acadêmica, ou ainda na seleção destes para utilizarmos em nossos trabalhos, em nossas escolas e, há quem tem o costume, o adulto escolherá também para ler para os filhos.

Há discussões sobre a literatura infantojuvenil e o livro destinados a eles, discussões de épocas passadas que são importantes trazermos com a intenção de reconhecermos e valorizarmos as bases da formação do leitor. Sobre o livro infantil, Coelho explica:

[...] o livro infantil é entendido como uma “mensagem” (= comunicação) entre um autor- adulto (= o que possui a experiência do real) e um leitor- criança (= o que deve adquirir tal experiência). Nessa situação, o ato de ler (ou de ouvir) pelo qual se completa o fenômeno literário, se transforma em um ato de aprendizagem. É isso que responde a uma das peculiaridades da Literatura Infantil (COELHO, 1984, p. 13).

A fase da infância, adolescência e juventude é marcada pela aprendizagem, o que somos como adultos é o reflexo de uma fase construída ainda na primeira etapa de nossas vidas. Sabemos que somos seres em constante aprendizado, entendemos ainda que, ao longo da vida, vamos passando por algumas etapas do desenvolvimento que fazem parte da natureza humana. Maria Luiza Amorim vai dizer que “A leitura está estritamente ligada ao crescimento total do indivíduo. Conhecer textos diversos e interessantes concorre para a formação do hábito da leitura. De modo especial, isso se adquire nas primeiras fases do aprendizado” (AMORIM, 2005, p. 13). Portanto, o acervo literário infantil e juvenil exerce

importante papel nas primeiras fases de desenvolvimento do indivíduo. Para compreendermos melhor sobre o que é essa literatura infantojuvenil, podemos iniciar para esclarecer melhor o termo. Primeiro, faz-se necessário destacarmos que o termo infantil ligado ao conjunto de obras literárias destinadas a um público específico, de menor idade, jamais pode ser considerado como obras que apresentam um sentido de fácil, menor ou ainda ingênuo. Vânia Maria Resende vai dizer que:

Os textos chamados infantis, quando bem elaborados em nível de arte, se integram no campo geral da literatura, proporcionando leituras de acréscimo tanto ao leitor de faixa etária menor quanto ao mais velho, permitindo a este reconquistar um equilíbrio, às vezes perdido, entre a infância com os seus aparentes absurdos e a vida adulta com a sua suposta coerência lógica (RESENDE, 1988, p.98).

Os livros de Ana Maria Machado e demais escritoras brasileiras que produzem para essa área, como exemplo citamos mais algumas: Ruth Rocha, Sylvia Orthof, Lygia Bojunga, são autoras que enriquecem o acervo literário infantil brasileiro por fundir o real com o maravilhoso. Hênio Tavares assegura sobre importância e valor dessa literatura:

A literatura infantil reveste-se de inestimável importância e o seu estudo se impõe por se tratar de matéria indispensável e básica no campo da cultura e da educação. Para aquilatar seu valor bastaria remontarmos às suas origens, íntima e simultaneamente ligadas à tradição e ao folclore, as fontes mais primitivas e genuínas do saber humano. Os contos e as lendas maravilhosas, as canções ingênuas e as poesias graciosas, enfim todo o acervo de que ela se compõe nada mais são, em sua maioria, do que criações da tradição oral e mitológica, vindas através das gerações, e apenas adaptadas pela experiência milenar do adulto com o fito de satisfazer e dessedentar a insaciável sede que flui da mente infantil, tão fértil e inesgotável [...] (TAVARES, 1981, p. 403- 404).

Essa importância da literatura infantojuvenil nas áreas da cultura e da educação na formação inicial de crianças e jovens é parte da geração da chamada tradição oral. Contar histórias ou até mesmo inventá-las é parte natural de um povo que cultua a arte literária antes mesmo de uma definição precisa do conceito de literatura. Sabemos que muitas histórias surgem a partir do imaginário humano e ainda que, muitas delas, são criadas a partir das experiências reais, mais que, fundidas ao fantástico e maravilhoso, conquistam uma nova forma de elaborar, questionar e explanar as ideias. Tendo em vista o exposto por Hênio Tavares, todo o acervo literário infantil tem a capacidade de contribuir na “formação do caráter e do desabrochar da inteligência” (TAVARES, 1981, p. 404). Além disso, contribuem na formação da personalidade da criança, do adolescente e do jovem, isso quando bem direcionada por textos que favoreçam o desenvolvimento intelectual, com a orientação do adulto, tendem a auxiliar com o enobrecimento do futuro cidadão, no sentido de colocar em prática virtudes e valores positivos.

É interessante salientar que os textos estudados nessa pesquisa permeiam tais perspectivas, visto que apresentam personagens femininas que se envolvem com as problemáticas que surgem nas narrativas, questões estas que abrangem uma sociedade em transformação. Tais personagens demonstram serem ativas na busca pela solução dos problemas e apontam pensamentos novos à medida que compreendem as necessidades frente ao mundo que as cercam.

Para Ana Maria Machado (1977), o mais importante em seu trabalho, é conquistar a atenção de um leitor que consiga entender bem suas histórias e ainda aproximar pensamentos, ideias e emoções de pessoas, mesmo que vivam distantes ou em épocas diferentes.

Passando pela historiografia literária, verificamos que Ana Maria Machado, começara a escrever para o público infantil por volta do ano de 1970, na qual já enviava, em 1969, textos dessa área para serem publicados na Revista *Recreio*. O Brasil, nesse período, estava sob o regime da Ditadura Militar, que se iniciou em 1964 e se estendeu até 1985. Vivendo as censuras como consequências do regime, Ana Maria Machado foi presa, juntamente com demais colegas que protestavam contra o mesmo. Através deste percurso, verificamos também que a escritora desempenha um papel atuante na sociedade, envolvida com questões que pertencem a sua nacionalidade. Compreende-se o envolvimento da autora no sentido de se comprometer com a realidade nacional a ponto de a escritora levar para a literatura as angústias e os questionamentos frente às questões que envolvem a cultura, a política, enfim, as relações humanas nas áreas da educação, da família e da cidadania. Após ter sido presa pelo Regime Militar, exilou-se na Europa e continuou a escrever para o público infantil, sendo que sua produção literária cresce rapidamente com uma série de publicações que, para o período da literatura infantil brasileira terá uma importância significativa, pois a partir da década de 70 é que surge um movimento renovador dessa arte literária, que é o de escrever para crianças e jovens.

Os textos da escritora revelam o que define ser essa literatura infantil por José Nicolau Gregorin Filho (2009):

O que se percebe é a existência de uma literatura que pode ser chamada de infantil apenas no nível de manifestação textual, isto é, no nível do texto em que o leitor entra em contato com as personagens, tempo, espaço, entre outros elementos textuais; percebe-se também que os temas não diferem dos temas presentes em outros tipos de texto que circulam na sociedade, como a literatura para adultos e o texto jornalístico, por exemplo (GREGORIN FILHO, 2009, p.15).

Portanto, coerente com a realidade nacional, somando a experiência do exílio, Ana

Maria Machado escreve a obra literária *De Olho nas Penas (1981)* na qual retrata, através do olhar do personagem Miguel, a questão do exílio durante o regime militar no Brasil. Junto de seus pais, o garoto vivia mudando de país, com essas mudanças, passa a conhecer melhor o mundo e a história da América Latina. A partir desse contexto, o personagem descobre muito sobre sua própria história. Regina Zilberman fala sobre essa obra apontando alguns questionamentos, a mesma vai dizer que:

[...] De olho nas penas (MACHADO, 1985), de 1981, duas questões se colocam: de que passado se trata, quando lidamos com a tradição brasileira, seja a de cunho étnico, seja a de gênero? Como fazer emergir o passado à consciência do protagonista, quando ele pertence a um desses segmentos que ficaram, digamos assim, excluídos da memória oficial? (ZILBERMAN, 2017, p.188).

Podemos perceber que, quando Ana Maria escreveu a obra, o Brasil ainda estava sob o regime da ditadura militar; Interessante pontuar aqui a liberdade de poder relatar fatos da sociedade brasileira em sua obra ficcional. E, é justamente sobre a liberdade de poder escrever tais fatos que caracteriza a escrita das obras de Ana Maria Machado dentro de um período considerado inovador para a literatura infantil e juvenil brasileira. É relevante destacarmos que o conto demonstra aspectos da realidade vivenciados pela escritora. Apesar de o protagonismo da narrativa ter sido criado a partir da figura masculina o personagem Miguel, ainda sim, a presença da mulher como autora da obra, marca o profundo envolvimento da escritora com as questões de ordem nacional, mostrando, na ficção, a historicidade de seu tempo e que os acontecimentos do passado refletem nossas reais condições do presente. As lutas e as conquistas fazem parte de uma trajetória que a escritora não permite que caia no esquecimento, pelo contrário, através dessa narrativa, relembra um passado da realidade brasileira.

Segundo Coelho as obras entre as décadas de 1960, 1970 até 1984 vão apresentar um “valor literário original (resultante do estilo peculiar ao seu autor)” e ainda acrescenta que tais obras perpassam em “duas grandes áreas: a do *questionamento* e a da *representação* [...]” sendo elas: as obras que “[...] se integram na primeira área, são classificadas como obras *inovadoras* e as da segunda área, de obras *continuadoras*” (COELHO, 1984, p. 104).

Nelly Novaes Coelho ainda completa:

[...] as primeiras *questionam* o mundo, - procurando estimular seus pequenos leitores a *transformá-lo*, um dia; - as segundas *representam* o mundo, - procurando mostrar ou (denunciar) os caminhos ou os comportamento a serem assumidos (ou evitados) para a realização de uma vida mais plena e mais justa (COELHO, 1984, p. 104).

Nos contos: *Menina Bonita do Laço de Fita (1986)*, *A velha misteriosa (1994)*, *Ponto*

a *Ponto* (2006), *Uma, duas, três princesas* (2013) e em *A princesa que escolhia* (2017), temos exatamente o que aborda Coelho (1984). São obras *continuadas*, ou seja, *representam* o mundo, no sentido de denunciar comportamentos e ou ainda de assumirem atitudes para que a mudança para uma sociedade melhor ocorra. Vejamos como exemplo a narrativa *A princesa que escolhia* (2017), de maneira implícita, são abordadas questões referentes ao sistema patriarcal e, a partir dessas questões, apresentada uma nova postura das personagens frente a algumas ideias desse sistema.

Os demais contos também podem ser classificados dentro das características levantadas por Coelho (1984), mais precisamente como obras que *representam* o mundo, tendo em vista que nos contos selecionados e estudados nessa pesquisa mostraram as faces da nova mulher e também daquelas que desempenharam papéis importantes para a manutenção e construção de toda uma sociedade seja em âmbito cultural, social e político. Nesse sentido, a *representação* do mundo criada nas narrativas, vem abordar a nova mulher que assume comportamentos para “realização de uma vida mais justa e plena e mais justa” (COELHO, 1984, p. 104), conforme explica Nelly Novaes Coelho.

Do exposto até aqui, as obras de Ana Maria Machado, vão apresentar tais características, pois, através de suas narrativas, mostra certa ligação com a realidade nacional e com as diversas situações sociais que envolvem o ser humano. É a partir do conceito de verossimilhança que discorreremos mais sobre a escrita dessa grande autora. Vale ressaltar que tais características estão presentes também nos romances de Ana Maria Machado, destinados para o público adulto. Por exemplo, em *Tropical Sol da Liberdade* (1988), também apresenta o tema da ditadura militar, na qual a escritora vai recontar sobre a realidade vivida no exílio, o processo de manifestações contra o regime e a luta pela democracia. A narrativa mostra fatos da sociedade brasileira, vejamos que a escritora apropria de sua memória para discutir, através da ficção, o período de transição da ditadura militar até a conquista da democracia.

Vejamos um trecho dessa obra de Machado:

Por isso mesmo era impiedosa com as falhas que atraíam o que ela considerava a essência do jornalismo: informar honestamente. Sabia que, durante a ditadura, o ambiente das redações, como tudo mais, refletirá os tempos que o país vivia. Nos jornais havia homens dignos e crápulas. E, como em toda parte, o regime militar foi a época ideal para os crápulas crescerem viçosos. E os não tão crápulas, mais simpatizantes (MACHADO, 1988, p. 55).

Podemos inferir que, a escrita da Ana Maria Machado, se ajusta ao que Coutinho (2011) diz sobre a história da literatura brasileira, na qual o período do século XX é marcado

por escritas que narram livremente através da ficção mas somando a realidade nacional. É um dos aspectos mais pontuados nessa pesquisa até aqui, isto é, verificamos que a escritora configura suas experiências de vida, ou seja, ela possui uma determinada representação do real em suas ficções. Desde sua infância até a vida adulta somando as relações entre família e as relações em sociedade no geral, a escritora ainda configura suas escritas a partir da leitura que realiza das tradições e dos contos populares existentes que, para ela, possui grande valor, “inesgotável baú de tesouros” (MACHADO, 2010, p.05). São entendidos também como de grande importância afetiva: “Em minha memória, estão para sempre associadas ao jeito e ao carinho de quem costumava contá-las” (MACHADO, 2010, p.05).

Lembrando que, dos contos de fada, Ana Maria Machado apropria da técnica da linguagem escrita já existente e, por diversas vezes, utiliza-as para iniciar suas narrativas, como é o caso dos contos estudados neste trabalho. Tomemos como exemplo o texto *Ponto a Ponto* (2006) no qual inicia-se assim: “Era uma vez uma voz” (2006, s.p) e, dessa maneira também faz com os demais contos *A Princesa que Escolhia* (2017), *Menina Bonita do Laço de Fita* (1986) e por fim com o conto *Uma, Duas, três Princesas* (2013). No caso da obra *A Velha Misteriosa* (1994) isso não ocorre, porém no final da narrativa remete o leitor a ter contato com elementos das tradições orais. Relata: “Histórias de antigamente, que ninguém sabe contar tão bem como os velhos. Experimente só. Peça um deles para contar uma” (MACHADO, 1994, p. 23). Todavia, destacamos que a escritora, mais especificamente, nessas obras, dá voz e lugar à figura da mulher, possibilitando-nos a analisar os múltiplos perfis de mulher presentes nessas narrativas.

Destarte, inferimos que Ana Maria Machado cria suas narrativas com certa autoexpressão, caracterizamos suas narrativas com uma certa autonomia literária que, segundo Afrânio Coutinho, é parte de um processo de evolução que sucedeu no Brasil, a partir das mudanças sociais da nação.

E é isso justamente o que a crítica e história literária brasileiras atuais reconhecem na fase iniciada em 1830. É o momento em que a consciência nacional dá à literatura a oportunidade de selecionar os elementos que a tornaram autônoma, diferenciada e peculiar. A independência política, e a autonomia literária associaram-se. Era a liberdade mental. E essa liberdade não mais se perderá. Ao contrário, doravante a literatura, incorporando a realidade brasileira- natureza, tipos, costumes-, tornar-se-á o que hoje possuímos e que já começa a causar a admiração do mundo. Uma literatura peculiar, autônoma, forte, de características próprias, original, qualidades que os movimentos do século XX, o modernismo à frente, não fizeram mais do que confirmar e acentuar (COUTINHO, 2011, p. 89).

O trecho, acima, evidencia exatamente o gosto da autora em questão. Escrever, contar histórias e alargar o conhecimento dos fatos nacionais pondo-os em narrativas que alcancem

o público de origens e idades variadas. As muitas obras publicadas, em especial os textos infantojuvenis, revelam o compromisso de Ana Maria Machado com o fazer literário, isso podemos perceber pelos próprios textos que vem ganhando espaços desde quando iniciaram seus trabalhos, em 1969.

Ana Maria Machado entrevistada pelo Canal TV Brasil, é indagada: A literatura tem um papel fundamental na formação do indivíduo. Mas será que ela, sobretudo a do gênero infantil, tem a obrigação de ser didática? Em resposta a escritora se expressa da seguinte maneira: "Acho que literatura nunca tem uma função didática. A literatura tem a obrigação de refletir a visão de mundo do autor. Mesmo que ele não queira, mesmo que seja inconsciente"¹⁰. Hênio Tavares (1981), diz: “Na era moderna em sentido lato a literatura é o conjunto da produção escrita [...]”(TAVARES, 1981, p. 32), ou seja, no seu sentido mais amplo, literatura é toda e qualquer manifestação do sentido ou pensamento por meio da palavra” (TAVARES,1981, p. 32). Constatamos que Machado, ao falar que a literatura manifesta a visão de mundo do autor, assemelha-se ao pensamento de Tavares que explica o que na era contemporânea a literatura representa, sendo a mesma pontuada por ele como a manifestação do sentido ou pensamento por meio da palavra.

Na Constituição Federal, no Capítulo III, no artigo 206, estabelece que o ensino brasileiro será ministrado com base em alguns princípios; Destacamos aqui o princípio contido no Inciso II na qual vai dizer que, como filhos dessa nação, temos a “liberdade de aprender, ensinar, pesquisar e divulgar o pensamento, a arte e o saber”, portanto, o que Tavares (1981) argumenta sobre o fazer literário na contemporaneidade, é reafirmado pela Constituição Brasileira, assim como também reafirma Ana Maria Machado quando diz que a literatura consiste em “refletir a visão de mundo do autor”.

A partir do conceito de Tavares (1981) e com base no que estabelece o inciso II do parágrafo 206 no capítulo III da Constituição Federal, tivemos a oportunidade de compreendermos melhor o contexto em que Ana Maria Machado produziu e produz sua escrita na área da literatura infantojuvenil.

¹⁰ Trecho da entrevista contida em: <https://tvbrasil.ebc.com.br/trilha-de-letras/2017/07/literatura-nunca-tem-uma-funcao-didatica-diz-escritora-ana-maria-machado#:~:text=A%20escritora%20Ana%20Maria%20Machado%2C%20primeira%20autora%20de%20obras%20infantis,que%20seja%20inconsciente%22%2C%20afirma.>
Acesso em 21 de abril de 2023 às 09hs.55min.

CAPÍTULO II

DIFERENTES FACES DE MULHER EM CONTOS INFANTOJUVENIS

2.1 Contos de Ana Maria Machado: por que estudar?

A literatura infantojuvenil brasileira é estruturada a partir de um acervo próprio, criado e construído por escritores que carregam, em suas raízes, a tradição e a criatividade do povo brasileiro. É claro que, historicamente, somos também um povo recebedor e consumidor de literatura europeia, mas essa bagagem serve como suporte para que, a partir da realidade de nossa nação, criarmos em nossos escritos uma identidade nacional. Assim como outras escritoras, Ana Maria Machado (1941) é destaque na área da escrita literária infantojuvenil, sendo ela destaque temos a oportunidade de salientar, neste trabalho de pesquisa, o que é característico em algumas de suas obras, como o protagonismo feminino na história e na literatura.

Os estudos do cotidiano revelam o dia a dia da mulher, suas perspectivas, suas angústias e seus anseios. A literatura apresenta papel importante em relação às inquietações femininas frente ao mundo que desenvolve e muda rapidamente, consideramos, portanto, eficaz a representação da mulher por meio de personagens que desnudam suas diversas realidades no contexto histórico. Ainda ponderamos ser relevante a construção do perfil dessas personagens para a transformação da condição da mulher em nossa sociedade. Queremos, contudo, ressaltar que nossa análise não se sujeita à condição da mulher como vítima da sociedade. Desejamos, apenas, destacar que, sob o olhar da escritora, é que compreendemos que a conquista de outros espaços se deu a partir de persuasão e sabedoria, até mesmo para lidar com situações que exigirá da própria mulher uma condição de mudança de comportamento. A persuasão e a sabedoria são qualidades do ser feminino postas em evidência nas personagens criadas por Ana Maria Machado (1941) nos textos em que, segundo ela, “crianças também podem ler” (MACHADO, 2004, p.30).

Nelly Novaes Coelho (2002) argumenta que “desde a origem dos tempos, a mulher tem sido peça-chave na fundação de mundos e na organização ou equilíbrio de qualquer sistema social” (COELHO, 2002, p. 17). O olhar de Coelho nos remete ao contexto bíblico no livro do Gênesis, no qual expõe *Eva* que, segundo os teólogos é a mãe de todos os viventes, sua origem em hebraico *Hava* que significa *vida*. Interessante que a mulher sempre desempenhou papel importante na sociedade, com essa rápida amostragem citada acima, compreendemos que a mulher é um ser de grande valor, pois, busca constantemente atuar na sociedade, ainda que, por diversas vezes, tende a ser vista apenas para desempenhar certas atividades laborais. Mas há, desde a origem dos tempos e em diferentes culturas, fatos que

revelam a mulher um ser proativo, um ser sábio, um ser decidido, um ser com um olhar esperançoso, um ser criativo, um ser que, apesar de todos os contextos difíceis, demonstra iniciativa para construir melhores condições de vida.

A literatura escrita por mulheres revela todas estas características, explora a memória e a visão de mundo feminino que escreve e que vive em meios permeados pelas desigualdades de gênero. Independente desse estado, a mulher escritora tende a transparecer em suas criações literárias, a beleza do ser mulher, suas dificuldades e seus maiores desafios, expondo ainda, por meio de suas personagens, as vontades e desejos de realidades mais justas para com o ser feminino. Quando falamos da importância do ser mulher para a sociedade desde a origem dos tempos, Coelho aponta que “É nessa ordem de ideias que se ressalta a importância que a literatura escrita pelas mulheres vem assumindo desde meados do século XX” (COELHO, 2002, p. 17).

A partir da compreensão de que a literatura mostra a visão de mundo do autor, Ana Maria Machado, em entrevista dada à TV Brasil, assegura: “a minha visão de mundo é muito integradora”.¹¹ Por ter essa visão de mundo e a partir da realidade histórica da mulher, compreendemos que a escritora trabalha em suas narrativas com a presença feminina para evidenciá-la como sujeito ativo na sociedade, não apenas em contextos domésticos, mas em diversos contextos.

Nelly Novaes Coelho, ao falar sobre visão de mundo do escritor, explica que:

Sem dúvida, a *consciência ou visão de mundo* peculiar a cada escritor. “Consciência” que não é outra coisa senão o seu conhecimento- de- mundo, as *relações* que se estabeleceram entre ele e o espaço/tempo em que vive (= seus padrões ideais de comportamento, seus desejos, frustrações, paixões, esperanças, cultura, decepções, medos revoltas, entusiasmos, etc.). Quanto mais orgânicas e profundas forem tais *relações*, entre o *eu* do escritor e as “suas circunstâncias” (como diria Ortega y Gasset), e quanto mais a sua *escritura* for coerente com tais *relações*, tanto mais perfeita será a criação literária que dela resulta (COELHO, 1984, p. 29).

Podemos observar, nas obras em análise, que a mulher assume perfil importante em diferentes realidades e contextos históricos. Enquanto mulher, Ana Maria Machado garante, em seus escritos, um envolvimento mais íntimo com o protagonismo feminino. Nestes textos, as quais revelam esse protagonismo, percebemos a visão integradora em suas

¹¹ Trecho da entrevista contida em: <https://tvbrasil.ebc.com.br/trilha-de-letras/2017/07/literatura-nunca-tem-uma-funcao-didatica-diz-escritora-ana-maria-machado#:~:text=A%20escritora%20Ana%20Maria%20Machado%2C%20primeira%20autora%20de%20obras%20infantis,que%20seja%20inconsciente%22%2C%20afirma.>
Acesso em 21 de abril de 2023 às 09hs.55min.

narrativas na qual aborda seu conhecimento de mundo conforme aponta a citação acima, as obras da escritora envolvem as relações da mulher com o cotidiano e os padrões de vida em diferentes tempos e contextos. Adotando, portanto, essas relações e refletindo-as em ficção, podemos levantar o seguinte questionamento: As representações de mulheres no mundo literário modificam a nossa realidade como sociedade em geral?

Para Ana Maria Machado (1941), talvez o mais importante não fosse responder essa pergunta, já que menciona que sua visão de mundo é integradora. Em suas narrativas, o que mais percebemos é um trabalho que expressa diversidade cultural e foco na realidade feminina como sendo, a partir dessas relações com o meio, fatores de mudança e progresso. Coelho (1993) afirma que “não é, pois, possível pensarmos na criação artística ou literária em sua verdade maior sem pensarmos na cultura em que ela está imersa” (COELHO, 1993, p. 15). Caracterizada pela escrita contemporânea, Ana Maria Machado, em seus escritos, aborda o mundo em mudança, tanto de hábitos e padrões tradicionalmente conservadores quanto de valorizar as relações a partir da liberdade e da justiça a que todos temos direito. A abordagem da escritora nos faz recordar o que Jean- Paul Sartre diz em seu livro: O que é a literatura? Em um dos capítulos leva-nos a refletir sobre o escritor, diz o que é escrever e como o mesmo expõe sobre as coisas do mundo.

Ninguém pode alegar ignorância da lei, pois existe um código e a lei é coisa escrita: a partir daí, você é livre para infringi-la, mas sabe os riscos que corre. Do mesmo modo, a função do escritor é fazer com que ninguém possa ignorar o mundo e considerar-se inocente diante dele. E uma vez engajado no universo da linguagem, não pode nunca mais fingir que não sabe falar: quem entra no universo dos significados, não consegue mais sair; deixemos as palavras se organizarem em liberdade, e elas formarão frases, e cada frase contém a linguagem toda e remete a todo o universo (SARTRE, 1999, p. 21-22).

Dentro dessa perspectiva, Coelho afirma: “A Literatura Contemporânea, expressão das mudanças em curso e que, longe de pretender a *exemplaridade* ou a transmissão de valores já definidos ou sistematizados, busca estimular a *criatividade*, a descoberta ou conquista dos novos valores em gestação” Coelho (1984, p. 27). Com base nas narrativas selecionadas para este estudo, vemos as memórias da mulher de um tempo e de uma cultura passada, o tradicional, de modo a redescobrir o vivido numa determinada época, para que possamos compreender o que se vive hoje. Percebemos que, com isso, conseguiremos entender quando falamos de avanço em vários setores da sociedade e, principalmente em relação à mulher que, ao se posicionar sabiamente, historicamente, mudam rumos de programas preestabelecidos.

É fato que, no mundo globalizado, ainda encontramos realidades extremamente

difíceis para a mulher, fatos que as colocam tanto como vítimas mais também como heroínas, pela capacidade de sobreviverem a situações de descaso e de políticas que não as assegurem em suas necessidades mais básicas, isso dentro de suas condições naturais do ser mulher. Ao tratarmos da nossa realidade enquanto nação, Ana Maria Machado, ao trabalhar com o protagonismo feminino, adota a posição da nova mulher, aquela cujo termo moderno será embasado na definição de Kalina Vanderlei Silva, “podemos definir modernidade como conjunto de modificações nas estruturas sociais” (SILVA, 2015, p. 297). Dessa maneira, ela apresenta suas personagens, nova mulher esta que expressa desejos, sonhos, e que dialoga em diversas áreas da sociedade sendo assim envolvidas nos processos de transformação da nação.

Interessante pensarmos também que evidenciar a figura da mulher e dá voz a mesma, provém de um passado muitas vezes silenciado e desvalorizado. Esse fato histórico é lembrado através das narrativas literárias, a fim de descobrirem o eu mulher no mundo, os espaços que ocupamos e as opiniões que corajosamente são expostas para a construção de sociedades mais justas. Em relação ao exposto, falar das memórias da mulher e de suas lutas históricas é uma reflexão não apenas por parte de escritoras, mas também de escritores, como é o caso do ensaísta Gilbert Keith Chesterton. Para ele, “Não nego que, mesmo sob a antiga tradição, as mulheres tiveram vidas mais árduas que os homens; e é por esse motivo que lhes tiramos nossos chapéus” (CHESTERTON, 1910, p.113).

Criar narrativas que refletem fatos históricos, tende a construir possibilidades de novas formas de se pensar o mundo e suas relações. E, é assim que Ana Maria Machado vê nesses fatos, apresenta- os mais percebe na vida a aventura de poder viver, por isso há humor em suas narrativas, uma visão que integra a resolução de problemas a partir dos desafios que surgem entre as relações culturais e sociais.

Antes de iniciarmos com as análises das obras que se seguem, queremos apresentar para vocês como se deu a seleção de tais contos. Confessamos que este fato primeiramente se deu de maneira aleatória. Uma ideia de projeto de pesquisa baseada no interesse em falar da escrita de mulheres, evidenciando momentos importantes da literatura brasileira. Analisamos essas escritas com o objetivo de ressaltarmos as peculiaridades históricas da mulher em nossa sociedade e até onde esta se assemelha com outras realidades e em épocas diferentes. Contudo, pensamos em selecionar cinco contos que no título a escritora já menciona como sendo personagens principais a própria figura da mulher, com isso, veremos ainda como sua narrativa traz essa imagem.

Através de uma pesquisa rápida, exceto uma das obras a qual já pretendemos submeter à análise que é o livro *Menina Bonita do Laço de Fita* (1988), na qual, o primeiro contato fora relatado no início desse trabalho. Tivemos acesso aos títulos mais recentes da autora, podemos considerar pela data de publicação, sendo elas, *Uma, duas, três princesas* (2013), *A princesa que escolhia* (2017). A obra *Ponto a Ponto* (2006) também foi selecionada a partir do contato que tivemos com uma síntese da narrativa apresentada na capa da obra, na qual a escritora já inicia falando de uma voz de mulher, dessa maneira, o interesse pela análise da obra foi conquistado. O livro *A velha misteriosa* (1994) retiramos de uma prateleira de biblioteca infantil, a seleção dessa obra se dá pelo próprio título, inclusive nos surpreendemos o quanto essa face de mulher é uma realidade em nossa nação e em diversos lugares no mundo e em diferentes épocas.

Apresentamos, nesta pesquisa, uma seleção de cinco obras da escritora Ana Maria Machado que revelam *faces* distintas de mulheres. Segundo o dicionário etimológico da língua portuguesa, a palavra *face*, na qual dá sentido à análise, deriva do Latim *facies* que quer dizer - aparência, forma, figura - ou outro sentido, o dicionário aponta que face é o mesmo que - presença, estado, situação – e é exatamente a proposta que esse trabalho de pesquisa ressalta, ou seja, a presença da mulher em diferentes abordagens fictícias perpassando por áreas, domésticas, política e intelectuais a partir das tradições e das gerações. O estudo revela através de cada personagem o estado de ser mulher frente aos desafios de uma cultura nem sempre favoráveis à presença delas. Apesar de termos escolhido as obras de maneira espontânea, descobrimos que a riqueza de informações presente em cada texto nos faz refletir um pouco mais sobre os problemas existentes em relação à imagem da mulher em nossa e em outras culturas. Através do ofício literário de Ana Maria Machado, foi possível discutirmos sobre as conquistas e as atuações da mulher em nossa e em outras realidades.

As obras analisadas neste trabalho seguem listadas em ordem cronológica de publicação: *Menina Bonita do Laço de Fita* (1986), *A velha misteriosa* (1994), *Ponto a Ponto* (1998), *Uma, duas, três princesas* (2013), *A princesa que escolhia* (2017). Porém, realizamos as análises conforme seguem cada subitem. É importante esclarecer aos leitores desta pesquisa que, para melhor apreciação das obras utilizadas para estudo, é necessário que leiam as mesmas na íntegra, uma vez que ao estudarmos tais textos, utilizamos algumas citações, ou ainda recortes delas. Lembrando que são textos literários da área infantojuvenil, portanto apresentam ilustrações e você, leitor, só poderá visualizá-las tendo o contato com

as mesmas.

2.2 *Menina Bonita do Laço de Fita*: a presença da mulher negra nos contos de literatura infantojuvenil

Os contos de literatura infantojuvenil, dos acervos mais conhecidos, dentre eles os contos de fadas tradicionais, contemplam, em sua maioria, um aspecto físico específico da mulher e, como consequência, evidenciam um único perfil de beleza feminina. Observando a realidade brasileira, encontramos no conto *Menina Bonita do Laço de Fita* a oportunidade de refletirmos sobre a face da mulher afro-brasileira, representada pela personagem protagonista. Outro ponto relevante é a data em que a obra foi publicada, 1986, ano em que pouco se falava do negro, tal afirmação é posta com base nos estudos dos conceitos históricos exemplificados por Silva (2015).

Em nossa nação, a marca da escravização dos povos negros e indígenas perpetuou ideias que desvalorizavam tais etnias colocando-os como povos inferiores por sua condição de ser dominado, o que mais tarde associou-se à falta de melhores oportunidades de vida pela cor de sua pele. Portanto, ao representar a cultura afro-brasileira na imagem da personagem protagonista e ainda falar da diversidade de nossa nação, Ana Maria Machado valoriza as nossas raízes e, de maneira poética, traz uma personagem que se difere em seus aspectos físicos das protagonistas dos contos tradicionais.

O texto contribui na reeducação de nossa nação que foi se formando a partir da diversidade de povos pelo processo de colonização. Ao falar dessa diversidade cultural existente no Brasil, a narrativa ressignifica as relações humanas. Portanto, verificamos que temos no conto certa verossimilhança com aspectos da cultura brasileira a partir dos acontecimentos narrados na obra.

A análise do conto *Menina Bonita do Laço de Fita* nos objetiva refletir sobre a face da mulher negra na historiografia literária e ainda discorrer sobre a importância dessa representação para a cultura afro-brasileira. Por esta rápida amostragem e, em se tratando de um conto destinado ao público infantojuvenil, verificamos que a obra é importante para a formação do leitor contemporâneo. Consideremos que, em 1986, ano de publicação da obra, a população negra, apesar de pouco representada, em sua maioria sofria pela falta de oportunidade de melhores condições de vida. Sob essa perspectiva, nota-se, na narrativa *Menina bonita do laço de fita*, a valorização de uma cultura e a propagação do respeito à

diversidade nas relações humanas a partir do contexto biológico e social que nos afirma enquanto nação. No contexto biológico, a narrativa explora o conceito de genética o que, para a educação escolar, é um conceito apresentado nos currículos do ensino fundamental, já que este é um tema relevante da medicina, tema base que desenvolve pesquisas científicas em diferentes áreas do conhecimento. Apropriando da origem da palavra genética, do grego que quer dizer- fazer nascer -, inferimos que há, no conto, uma série de discussões implícitas que nos permite refletir sobre as questões sociais que envolvem a nação brasileira; suas principais características, identidade da nação a partir da origem dos povos que a constituem e, por fim, os processos de migração que resultou no desenvolvimento dessa sociedade. Deduzimos que a escritora, ao partir do conceito de genética, utiliza de um recurso científico que lhe confere a oportunidade de expor nossa realidade firmada enquanto nação. Na narrativa, expressar a realidade biológica é uma maneira de falar da nossa origem enquanto sociedade.

É possível encontrar o livro em bibliotecas da rede municipal e estadual de ensino do nosso país. *Menina bonita do laço de fita* conta com várias edições, a última é de 2019. Neste trabalho, utilizamos a primeira edição lançada em 1986 publicada pela editora, Melhoramentos. Ana Maria Machado ganhou diversos prêmios por suas publicações e, com a publicação de *Menina bonita do laço de fita* (1986) conquistou: Menção honrosa do Prêmio Bienal de São Paulo, uma das cinco melhores obras do biênio 1988. Prêmio ALIJA – Melhor Livro Infantil Latino-americano – Buenos Aires, 1996 e ainda Prix Octogone – França, 2004– Biblioteca Nacional – “Melhores do Ano” – Caracas, 1995. – Fundalectura – Altamente Recomendável – Bogotá/Colômbia, 1996. Prêmio Américas – Melhores livros latinos nos EUA – 1997¹².

A partir da análise do conto, percebemos que, na época do lançamento do livro, algumas temáticas não eram trabalhadas em textos destinados ao público infantojuvenil. Conforme aponta Marisa Lajolo e Regina Zilberman, “várias obras se ocupam da representação de situações até então evitadas na literatura infantil” (LAJOLO & ZILBERMAN, 2022, p. 218). Essas abordagens se referem a diversas questões como as desigualdades sociais, conflitos entre as relações humanas como o preconceito racial, educação feminina e outras. Essas temáticas vão iniciar o que Lajolo e Zilberman

¹² Informações contidas em: ABL, Academia Brasileira de Letras. **Anuário 2007-2011**. Publicações da ABL Coordenação e atualização Maria Celeste Garcia. <Disponível em https://www.academia.org.br/sites/default/files/anuario2007_2011.pdf> Acesso em 06 de março de 2023.

denominam serem narrativas modernas e, é dentro desse contexto, que ainda classificamos a obra como parte do acervo contemporâneo, pois trata de discussões acerca da imagem da mulher negra presente na narrativa literária. E, como essa face é abordada? É o que veremos mais adiante.

Em *Menina bonita do laço de fita* a representação cultural brasileira no que diz respeito aos grupos silenciados, temos como protagonista a imagem da mulher negra. Pensemos num contexto em que havia pouquíssima representatividade do negro, no geral e principalmente na literatura destinado a: crianças, adolescentes e jovens. Pensemos também nas relações humanas e na formação do povo brasileiro que possui, em suas origens, uma ampla diversidade cultural incluindo os negros africanos e indígenas. E, por fim, pensemos que os primeiros textos de literatura infantojuvenil que tivemos contato foram a riquíssima herança dos contos populares de origem europeia que, em sua maioria, trazem outro aspecto específico de beleza feminina própria da região que se origina.

Diante do exposto, o conto *Menina Bonita do laço de fita* representa originalidade nacional, representa um povo, parte das nossas origens enquanto nação brasileira. A narrativa valoriza a diversidade cultural, de maneira humorada mantém diálogo com os textos tradicionais, apropria dos contos de fadas em linguagem e em intertextualidade enriquecendo a literatura local.

A obra enriquece o acervo infantojuvenil brasileiro e mais, aproxima o leitor de sua própria realidade social. Sendo assim, a análise do conto parte de uma perspectiva histórica na qual evidencia a mulher negra como parte no processo de construção e formação da diversidade cultural brasileira. A representação da mulher negra por meio da personagem criada por Machado (1986) demonstra a importância da identidade afro-brasileira que representa essa cultura no espaço do texto literário numa época em que pouco se via a valorização da mesma.

Atentamos também em realizar a análise da obra comparando com narrativas dos contos tradicionais, já que é perceptível, na narrativa, a inferência a tais textos. Essa relação também nos dá suporte para considerarmos a obra *Menina bonita do laço de fita*, um clássico nacional na literatura infantojuvenil que forma um leitor crítico e atento às realidades de sua nação.

Na obra literária *Menina Bonita do Laço de Fita*, é possível tratar como temática as relações étnicas - raciais. Ao inserir uma personagem negra na narrativa, Ana Maria Machado abre-nos a oportunidade de falarmos sobre diversidade cultural e protagonismo

feminino. A protagonista do conto *Menina Bonita do Laço de Fita* é uma menina negra, em que Machado (1986) descreve suas características, destacando sua beleza nas primeiras páginas da narrativa “Era uma vez uma menina linda, linda” (MACHADO, 1986, p.04).

O livro conta a história de um coelho branco que achava essa menina negra “a pessoa mais linda que ele tinha visto em toda a sua vida” (MACHADO, 1986, p.06). Aqui, nós identificamos a face da mulher negra na reconstrução da historiografia literária, uma vez que nos clássicos de literatura infantojuvenil, em sua maior parte, nos deparamos com outro aspecto físico de protagonistas, como é o caso do conto *Branca de Neve* “(...) ela teve uma filha, que era branca como a neve, vermelha como o sangue e tinha cabelos negros como o ébano, deram a ela o nome de branca de neve” (GRIMM, 2010, s/p), distinta da descrição física da personagem de Machado (1986). “Era uma vez uma menina linda, linda. Os olhos dela pareciam duas azeitonas pretas, daquelas bem brilhantes. Os cabelos eram enroladinhos e bem negros, feitos fiapos da noite. A pele era escura, lustrosa, que nem o pelo da pantera negra quando pula na chuva” (MACHADO, 1986, p.04).

A personagem *Branca de Neve* se difere da *Menina Bonita do Laço de Fita*, pois percebemos que, para falar das diferenças existentes, sejam elas culturais e/ ou sociais, é relevante abrir a possibilidade de refletirmos sobre problemáticas que envolvem as sociedades. Essa distinção entre as personagens, *Branca de neve* e *Menina bonita do laço de fita* – sendo esta última em foco à beleza negra-, nos revela o quanto é necessário aproximar o leitor de textos que estimulem a criticidade para um bom convívio nas relações humanas, nesse caso, compreendendo que não há um único modelo de beleza. Estes elementos utilizados para descrever as personagens das diferentes narrativas, em que ambas têm por protagonismo, à mulher, em partes são textos que caracterizam as regiões as quais se originam.

Segundo Bruno Bettelheim (1980), o conto *Branca de Neve* “é um dos contos de fadas mais conhecidos” e acrescenta que “sua narrativa remonta a séculos, sob várias formas, em todos os países e línguas europeias; daí se disseminou para os outros continentes”(BETTELHEIM, 1980, p.239). *Branca de Neve* é uma obra que avança por gerações e ainda ultrapassa o continente. O conto *Menina Bonita do Laço de Fita* vem ganhando espaço semelhante, uma vez que, com mais de 30 anos de publicação, tem alcançado diversos públicos em idade escolar. Também há destaque para publicações em outros países, com alguns títulos e prêmios, sendo eles: Melhores do Ano pela Venezuela, Altamente Recomendável pela Colômbia, Melhor Livro Infantil Latino Americano em

Buenos Aires e Finalista do Prêmio Américas nos Estados Unidos da América. E ainda Melhores do Ano em Caracas, Prix Octogone na França e o Prêmio Bienal de São Paulo no Brasil.

O conto trata do diálogo entre uma menina negra e um coelho branco que, fascinado pela beleza negra, deseja ter uma filha com as características físicas da menina. Para isso, o coelho tenta descobrir qual o segredo da menina ter a pele negra, e a cada resposta da menina o coelho verificava que a mesma não sabia explicar de fato o porquê de sua cor de pele. Portanto, o tom da pele da garota é motivo para um contexto narrativo delicado, mas, ao mesmo tempo, diverte o leitor e explora a beleza negra feminina em uma época em que pouco se representava a pessoa negra.

A narrativa gira em torno da pergunta “Menina bonita do laço de fita, qual é o teu segredo para ser tão pretinha?” (MACHADO, 1986, p.08). Podemos dizer que a narrativa é delicada justamente pela expressão do termo utilizado - pretinha -, sabemos que muitas são as críticas em relação ao termo presente no texto. No conto, a palavra pretinha se refere à cor de pele da garota, interessante que não aparece o termo negro, mas a própria ilustração comprova o fato de que a personagem é uma menina negra. E porque o termo é delicado? Nas relações sociais, encontramos inúmeras formas de preconceito racial e discriminação da população negra, em nossa e em diversas sociedades, isso ocorre, no geral, principalmente pela nossa colonização escravagista e pelas condições econômicas desfavoráveis associadas às características físicas de uma pessoa.

Historicamente, em algumas sociedades, os negros tiveram uma vida mais árdua que a classe da população de pele branca. Vejamos como se deu o conceito de negro em algumas realidades, conforme aponta Vanderlei Kalina Silva:

[...] os séculos XVII, XVIII e XIX conheceram um tráfico de escravos sem precedentes no mundo. O fluxo de escravos sequestrados na África e trazidos para a América era inédito e gigantesco. Logo, o africano passou a ser sinônimo de escravo na América e na Europa, e a associação entre a cor da pele escura e a escravidão passou a ser constante. O preconceito contra o escravo foi acrescido pelo imaginário pejorativo sobre a cor negra e logo se criou um preconceito acerca de todos os afrodescendentes caracterizados como negro, mesmo após a abolição da escravidão. [...] o conceito de negro só existe do ponto de vista social, pois tanto a sociedade brasileira denomina um determinado grupo de seus membros como negros quanto muitos integrantes desse mesmo grupo se autoidentificam como negros, inclusive criando traços culturais que consideram próprios e falando de uma *cultura negra* brasileira específica, uma identidade negra específica, que conceituam como negritude (SILVA, 2015, p. 313-314).

Considerando o exposto por Silva (2015), podemos argumentar que a narrativa de Machado (1986) propicia discussões acerca da cultura do povo brasileira, suas raízes e sua

construção histórica acerca das ideias de preconceito racial. Percebemos que a narrativa, ao nos afirmar como uma nação construída a partir da diversidade cultural, a escritora ressignifica, de maneira positiva, a história do nosso povo. E, para ressignificar, utiliza da literatura como meio formativo na qual valoriza a imagem da mulher negra enquanto representação da cultura afro-brasileira, através de sua personagem.

Obra importantíssima nesse período, uma vez que: “Devido ao preconceito, durante todo o século XX o número de pessoas que se designavam negras sempre foi menor do que o número de pessoas designadas como tal pela sociedade” (SILVA, 2015, p. 314), na qual segundo essa afirmação vê-se a dificuldade entre as relações humanas devido ao preconceito.

No artigo de Peggy McIntosh, escritora e pesquisadora estadunidense, publicado em 1988, ela cita os privilégios dos povos de pele branca que, em contrapartida, fazem-nos repensar as oportunidades e a qualidade de vida daqueles que se afirmam como população negra. A seguir, citamos apenas trechos desse artigo.

Na qualidade de mulher branca, Peggy McIntosh (1988) relata que:

Posso ligar a televisão ou abrir a primeira página do jornal e ver pessoas da minha raça amplamente representadas. Nunca sou chamada a falar em nome de todas as pessoas do meu grupo racial. Se um guarda de trânsito me pede que pare ou se um fiscal da receita auditar meus impostos, posso seguramente saber que tal decisão não ocorreu por conta da minha raça. Posso facilmente comprar posters, cartões postais, livros de fotos, cartões de aniversário, bonecas, brinquedos e revistas infantis com fotos de pessoas da minha raça. Posso escolher um corretivo ou curativo cor “da pele” e saber que ele mais ou menos vai ter o mesmo tom da minha pele (MCLNTOSH, 1988, s/p).

Sendo assim, é possível ver na obra, *Menina bonita do laço de fita*, a representação daqueles que se afirmam como pertencentes à cultura negra ou que se afirmam ser negro. Na narrativa é curiosa a maneira como Ana Maria Machado vai falar da beleza negra. Ela inicia a narrativa descrevendo: “Era uma vez uma menina linda, linda” (MACHADO, 1986, p. 04), até então nada sobre a etnia da garota até mesmo o próprio título não há essa referência, é claro que a linguagem não verbal, presente na obra, vai falar muito sobre essa beleza. A descrição da imagem da personagem é feita em linhas seguintes. Afinal, qual é o segredo de a garota ter a pele negra? No início do conto, podemos dizer que Ana Maria Machado dá uma possível resposta ao descrever a beleza da menina: “ela ficava parecendo uma princesa das Terras da África, ou uma fada do Reino do Luar” (MACHADO, 1986, p. 05). Interessante pontuarmos que - Terras da África - é uma região geográfica, a escritora diz que a menina parece com uma princesa do referido local. Ao associarmos o conto de Machado (1986) com as formas de organização da sociedade brasileira e da sociedade africana,

encontramos realidades que a narrativa nos possibilita agregar como conhecimento. Fora do cenário fictício, encontramos o título de princesa na sociedade da África. Através de algumas pesquisas¹³ descobrimos nomes como o da princesa Akosua Cyyama Busia (1966), pertencente à Família Real de Wenchi (Gana – África), aos cinquenta e seis anos de idade possui um vasto currículo; essa mulher é atriz, romancista, poeta, roteirista, diretora e oradora. Pensar sobre os povos africanos escravizados no território brasileiro e nas diversas formas de discriminação que definiu os povos negros como inferiores, é repensar como esses povos viviam em suas regiões de origem. Isso nos possibilita reeducar nossa nação para a valorização de um povo que, conseqüentemente, contribuiu para o fortalecimento e surgimento de um povo enquanto nação.

Fica evidente, na trama, que a menina possui em suas origens, mais precisamente em relação à geração familiar, parentes africanos. No Brasil, é comum encontrarmos em nossas famílias a presença de parentes que vieram de outra nação e que em terras brasileiras ficaram e construíram uma vida a partir das condições sociais que aqui encontraram ou que aqui foram submetidos. Sabemos que o Brasil foi fortemente colonizado pelos Portugueses e que estes, nos períodos das grandes navegações, escravizavam negros africanos e indígenas, sendo que outras nações vieram povoar essas terras pelas riquezas naturais e por influencias econômicas.

Apesar de seu papel como agente cultural ter sido mais passivo que ativo, o negro teve uma importância crucial, tanto por sua presença como a massa trabalhadora que produziu quase tudo que aqui se fez, como por sua introdução sorrateira mas tenaz e continuada, que remarcou o amálgama racial e cultural brasileiro com suas cores mais fortes (RIBEIRO, 1995, p.113).

Comumente, encontramos nos lares brasileiros, a mãe que é negra e o pai que é branco, e ou vice versa. A trajetória de povoação da nação brasileira resultou em uma presença marcante dos distintos tons de pele de nossos cidadãos. Na ficção de Ana Maria Machado, temos esse retrato, no conto *Menina Bonita do Laço de Fita*, a personagem mãe da garota negra é uma mulata, e a avó da menina é uma negra. Sobre a origem da avó, podemos entender que seria africana, já que na narrativa, a fala da mãe da garota, finaliza com o uso do recurso de reticências, dando- nos a entender que há o que se falar sobre essa avó: “– Artes de uma avó preta que ela tinha...” (MACHADO, 1986, p. 12).

Interessante pensarmos dessa maneira porque, o Brasil é conhecido por sua

¹³ Contido em: <https://claudia.abril.com.br/sua-vida/princesas-negras-realeza-africa-europa/> Acesso em 15 de maio de 2023.

diversidade étnico-racial, ou seja, em nossa gênese histórica, há o que os antropólogos chamam de *aculturação* ou ainda *miscigenação*. De acordo com o historiador francês Nathan Wachtel *apud* Silva (2015), “*aculturação* é todo fenômeno de interação social que resulta do contato entre duas culturas, e não simplesmente a sujeição de um povo por outro” (SILVA, 2015, p. 15). Em se tratando do termo *miscigenação* ou *mestiçagem*, Silva (2015) define “[...] como a mistura de seres humanos e de imaginários. Tal conceito é amplo e pode abranger tanto a chamada mestiçagem biológica, a mistura de raças, quanto à mestiçagem cultural” (SILVA, 2015, p. 290).

Darcy Ribeiro discorre o processo na qual se formou a nação brasileira enfatizando que estão presentes as vias ecológicas, econômicas e imigratórias, todas estas envolvidas na construção de nossa nação. Ele acrescenta que:

Por essas vias se plasmaram historicamente diversos modos rústicos de ser dos brasileiros, que permitem distingui-los, hoje, como sertanejos do Nordeste, caboclos da^[P]Amazônia, crioulos do litoral, caipiras do Sudeste e Centro do país, gaúchos das^[P]campanhas sulinas, além de ítalo-brasileiros, teuto-brasileiros, nipo-brasileiros^[P]etc. Todos eles muito mais marcados pelo que têm de comum como brasileiros, do que pelas^[P]diferenças devidas a adaptações regionais ou funcionais, ou de *miscigenação* e *aculturação* que emprestam fisionomia própria a uma ou outra parcela^[P]da^[P]população^[P](RIBEIRO, 1995, p.21).

Portanto, compreendemos que é possível visualizarmos, na obra fictícia de Machado (1986), o processo de como se construiu a nação brasileira, sendo esta explicada parte no sentido biológico e numa outra no sentido cultural, formando assim um país de marcantes raízes históricas. Os personagens criados por Machado são apresentados à literatura nacional e internacional, estes representam a diversidade que constitui o Brasil, isso conforme aponta Darcy Ribeiro na citação acima.

Em *Menina bonita do laço de fita*, há junção do real com o maravilhoso. Esse realismo mágico, que é parte constitutiva da narrativa, insere o leitor infantil numa divertida viagem no texto que homenageará a figura feminina de etnia específica. Mas não podemos esquecer que é uma narrativa brasileira e que diz muito sobre a nossa nação. Apesar dos personagens apresentarem traços e cultura marcadamente de origem africana, “[...] a mãe gostava de fazer trancinhas no cabelo dela e enfeitar com laço de fita colorida” (MACHADO, 1986, p.05). Como podemos ver, a narrativa é brasileira e agrega a diversidade de povos existentes nessa nação.

Aos leitores, a escritora revela que sempre foi “apaixonada pelo tema diversidade” (MACHADO *apud* RODRIGUES, 1996, p. 53). Vejamos como o texto explora a diversidade, através do diálogo entre a mãe da menina e o coelho: “quando a mãe dela, que

era uma mulata linda e risonha, resolveu se meter e disse: artes de uma avó preta que ela tinha...” (MACHADO, 1986, p. 12). Percebemos, nesse contexto, a presença implícita do termo biológico, genética familiar, quando a escritora narra o que o coelho devia fazer para resolver a problemática do enredo. “E se queria ter uma filha pretinha e linda que nem a menina tinha era que procurar uma coelha preta para casar” (MACHADO, 1986, p. 13).

No que diz respeito a genética, o conto vai relatar que o coelho casara com uma coelha preta e sua geração de filhos deu se em filhotes: “branco bem branco, branco meio cinza, branco malhado de preto, preto malhado de branco e até uma coelha bem pretinha” (MACHADO, 1986, p. 15). A curiosidade do personagem Coelho Branco, também foi uma questão muito estudada pelo cientista Gregor Johann Mendel (1822), o pai da genética, que estudou sobre como as características físicas eram passadas, desenvolvendo, portanto o conceito de *genes* que, segundo a lei desenvolvida por ele, a estrutura que continha a característica que determina a cor do indivíduo, passadas de pai para filho, sendo que o indivíduo herda características do pai e da mãe. Entendemos que esse conceito científico está presente na narrativa. Obviamente, o conto transmite aos leitores a compreensão de questões referentes à nossa identidade enquanto seres humanos, origem e gerações familiares: “[...] viu que a mãe da menina devia estar mesmo dizendo a verdade, porque a gente se parece sempre é com os pais, os tios, os avós [...]” (MACHADO, 1986, p. 13).

Em relação ao protagonismo feminino, veremos essa representatividade durante toda a narrativa. Percebemos a menção de uma geração feminina; a menina, a mãe da menina e avó da menina, todas elas postas para falar de diferentes características físicas. O enredo traz o tema numa linguagem nacional, mas que apropria de recursos linguísticos dos contos populares de outras origens. Ao trazermos as literaturas tradicionais, como os contos populares, veremos alguns pontos interessantes a serem discutidos. Anteriormente falamos do tom de pele das personagens comparando com a descrição da narrativa *Branca de neve*. Vimos que, nos contos de fadas, o protagonismo feminino apresenta certo biótipo de beleza, já na narrativa de Machado, verificamos que ela homenageia outra beleza, a face da mulher negra que, diferente dos contos tradicionais, que é mais comum mostrarem a face da mulher branca.

Dos grandes clássicos que possuem o protagonismo feminino, temos: *Cinderela*, *Branca de Neve*, *A Bela Adormecida*, entre outros. Vamos tomar como critério de comparação *A Bela Adormecida* dos Irmãos Grimm (1825). Nesse conto, não aparece descrição da característica física da personagem principal, porém nós podemos identificar

tais características pelas imagens que compõem a ficção. As mais clássicas ilustrações são as do ilustrador inglês Walter Crane (1845), onde verificamos que a bela adormecida do conto é uma menina branca, já a menina bonita do laço de fita da narrativa de Machado é uma menina negra. Interessante percebermos que os títulos de ambas as narrativas vêm ressaltar a beleza, ora a beleza da mulher branca, - *A Bela Adormecida* -, ora a beleza da mulher negra, - *Menina Bonita do Laço de Fita*.

A narrativa *Menina Bonita do Laço de Fita*, pela trama e seus personagens, nos faz recordar de outro clássico da literatura, *Alice no país das maravilhas*, de Lewis Carroll. Esse conto foi publicado em 1865. A obra traz uma protagonista feminina- Alice- menina curiosa que busca respostas em relação ao perfil do personagem Coelho branco- vestindo um jaleco e possuidor de um relógio-, no qual durante toda a narrativa se apresenta apressado. A relação do coelho branco com uma menina também é posta na narrativa de Machado (1986), o que, em nossa análise, percebemos certa semelhança entre seus personagens e a maneira como ambas as narrativas seguem.

Em *Alice no país das maravilhas*, o personagem coelho branco é o motivo do desenrolar do texto, assim também acontece em *Menina bonita do laço de fita*, neste conto, o coelho branco assume o papel de curioso em relação à cor da pele da protagonista. No conto *Alice no país das maravilhas*: “Foi quando um Coelho Branco de olhos cor -de - rosa passou correndo perto dela” (CARROLL, 2019, p. 10) e, em *Menina bonita do laço de fita* aparece assim: “Do lado da casa dela morava um coelho branco, de orelha cor de rosa, olhos vermelhos e focinho nervoso sempre tremelicando” (MACHADO, 1986, p. 06). Ambos os personagens falam e se comportam como seres humanos e são perfis importantes para o desenvolvimento dos textos.

É importante pontuar que a personagem *Alice* criada por Carroll, conforme a publicação apresenta também linguagem não verbal na qual apresenta a personagem com características físicas próprias da origem da região anglicana, Alice é uma menina de pele branca. No caso da narrativa de Machado (1986), a protagonista representa, no próprio texto literário, a cor de um povo pouco representado, e revela a nós, a beleza dessas características físicas. Para a pesquisadora Zilá Bernd (2003), alguns textos literários trazem certa poética da diversidade, uma literatura que representa o negro e o valoriza a partir da memória histórica.

[...] literatura negra brasileira que pode ser definida como sendo aquela aonde emerge uma consciência negra, ou seja, onde um “eu” enunciador assume uma identidade negra, buscando recuperar as raízes da cultura afro-brasileira e

preocupando-se em protestar-se contra o racismo e o preconceito que é vítima até hoje a comunidade negra brasileira, apesar de passados mais de cem anos da abolição da escravatura (BERND, 2003, p.113-114).

Ainda em relação à comparação da obra com os contos tradicionais, outro aspecto a tratar, refere-se ao casamento. Em algumas narrativas literárias populares o casamento é sempre um modo de solucionar as problemáticas que constrói toda a trama. Em *Branca de Neve*, por exemplo, a personagem principal -Branca de Neve - se vê protegida a partir do momento que se casa. O casamento é, basicamente, o desfecho da narrativa:

O príncipe ficou emocionado e disse: “Você vai ficar comigo”, e contou-lhe o que acontecera. “Eu te amo mais que tudo no mundo”, ele disse. “Venha comigo para o castelo do meu pai, seja minha noiva.” Branca de Neve sentiu afeição pelo príncipe, e partiu com ele. As núpcias foram celebradas com enorme esplendor (IRMÃOS GRIMM, 1825, p.76).

Em *A Bela Adormecida*, também dos escritores Irmãos Grimm (1825), encontraremos o casamento como o grande final da narrativa e, principalmente, veremos o mesmo como o ponto chave de resolução da questão problema que envolve o conto. A personagem principal, chamada de Rosa de Urze, adormece devido a um feitiço para tirá-la do sono profundo, além do prazo de cem anos em que ela iria permanecer adormecida, estipulado pela feiticeira, o que acorda a princesa é a chegada do príncipe. Sendo assim, a narrativa se encerra com o casamento destes. “O casamento da Rosa de Urze e do príncipe foi celebrado com grande esplendor, e os dois viveram felizes para sempre” (GRIMM, 2010, s/p).

Ora, podemos perceber que Ana Maria Machado também apresenta discurso semelhante ao das narrativas dos contos tradicionais, pois o coelho branco, para chegar a ter uma filha parecida com a menina bonita, teria que se casar com uma coelha preta. Dessa maneira, garantiria a sucessão familiar com características físicas às quais admirava. Sendo assim, a problemática “Menina bonita do laço de fita, qual é o teu segredo para ser tão pretinha?” (MACHADO, 1986, p.06), seria então solucionada através do casamento. E, assim acontece: “Logo encontrou uma coelhinha escura como a noite, que achava aquele coelho branco uma graça. Foram namorando, casando e tiveram uma ninhada de filhotes [...]” (MACHADO, 1986, p. 14).

A importância dessa narrativa está exatamente nas questões que envolvem as relações humanas e, especialmente, no que diz respeito às diferenças existentes entre uma pessoa e outra. No interior das diversas instituições brasileiras, encontramos situações de intolerâncias raciais entre pessoas da própria nação. A ficção, ao enfatizar a beleza negra,

alcança e diverte o leitor. Este que, ainda por vezes, tende a sofrer com preconceitos raciais. A figura do coelho branco evidencia a beleza negra da menina, pontuando-a ser muito bonita, é o que mais o deixa fascinado, o tom de pele da garota.

Essa figuração na narrativa é carregada de significados já que, além de trabalhar o tema da diversidade étnico-racial, dá ênfase à mulher. Nesse caso, a face da mulher negra exalta a beleza negra e, dessa maneira, a escritora inicia um trabalho valioso na formação de leitores, de cidadãos brasileiros e de outras nações. A obra *Menina Bonita do Laço de Fita*, apesar de mais de 30 anos de sua publicação, mantém valor significativo, uma vez que percebemos a necessidade de acervos que vão trazer essas temáticas para melhor respeitarmos as diferenças existentes entre os povos. Afirmamos assim porque a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (9394/96) quando se refere aos princípios e fins da educação nacional, no décimo segundo termo estabelece “consideração com a diversidade étnica- racial” (BRASIL, 2021, p.09), e somando aos conteúdos a serem trabalhados como base obrigatória em todos os currículos nacional, atualizada recentemente em 2021, pontua no inciso nono do artigo vinte e seis: “Conteúdos relativos aos direitos humanos e à prevenção de todas as formas de violência contra a criança, o adolescente e a mulher serão incluídos, como temas transversais, nos currículos [...]” (BRASIL, 2021, p.21).

Ao trabalhar com personagem negra, podemos inferir que a autora descreve as relações da nossa cultura e da nossa história. É próprio das famílias brasileiras; a resposta dada ao coelho branco pela mãe da menina negra – que o tom da pele da garota era uma herança da avó - em outras linhas, é afirmado, primeiramente pelo pai da genética, que explica em relação às características físicas que se manifestam até a segunda geração. Possivelmente, pela construção da narrativa, tanto a mãe quanto o pai da menina eram mulatos, ou a mãe mulata e o pai branco. Enfim, o que pretendemos argumentar é que a resposta dada ao coelho revela que a menina tinha uma avó negra, e assim aparece na narrativa como justificativa da herança genética ser o tom de pele negro: “Artes de uma avó preta que ela tinha” (MACHADO, 1986, p. 12). Tal compreensão alcança o leitor levando-o a entender que não existe um único perfil de beleza, e que, por mais notório que seja, há essa diversidade em nossas famílias brasileiras. Fácil percebermos tal afirmativa, basta que cada um de nós comece a conhecer a árvore genealógica de nossa história familiar. Em *Menina Bonita do Laço de Fita*, não temos uma personagem protagonista nomeada, pois esta personagem representa todas as meninas negras que, lendo a narrativa, se identificam como sendo parte dessa beleza deslumbrante.

Vimos que, pela origem dos contos tradicionais, conseqüentemente, a representação da beleza feminina é posta quase sempre numa figura de mulher branca. Para uma sociedade marcada pela escravização dos negros, a representação da mulher negra e a evidência de sua beleza física em obras literárias, se fazem necessárias, uma vez que, o leitor, em fase de formação escolar e futuro cidadão, toma conhecimento das origens de seu país, das lutas e conquistas.

Outras obras da escritora têm por protagonistas a beleza feminina negra, como em *Uma, Duas, Três Princesas* (2013). Texto que segue no próximo subitem, porém agora veremos não apenas a representação da beleza feminina negra, mas esse conto representa o público feminino no geral, pois vem falar sobre os espaços que elas, as mulheres, ocupam na sociedade.

2.3 Uma, duas, três princesas: a mulher nos espaços políticos da sociedade

"Não há limite para o que nós, como mulheres, podemos realizar, seja na política ou em outras áreas".
(Michelle Obama)

Obra publicada em 2013, *Uma, duas, três princesas* narra a vida de uma família real, na qual o rei e a rainha esperavam ter um herdeiro do sexo masculino. Porém, todas as gestações da rainha são de meninas. Na terceira gestação da família real, o rei se preocupa e questiona o que ambos irão fazer se não houver um príncipe herdeiro. No início da narrativa, observamos que há de forma implícita a representação de uma tradição governamental chamada monarquia parlamentar¹⁴, temos ainda presente na ficção o resgate de uma cultura patriarcal, uma vez que o personagem do rei em sua fala aponta traços da tradição real em que há a crença de que a melhor gestão é realizada pelo homem, no caso do conto um príncipe. A trama traz a memória do leitor de que em nossa sociedade, ainda há diálogos semelhantes aos da situação posta pelo personagem rei, a ideia machista, no sentido de colocar a mulher numa posição inferior ao homem nas áreas intelectuais e sociais. Corrobora com essa análise Régine Pernoud:

¹⁴ No sistema parlamentarista, existe uma clara diferenciação entre a figura do Chefe de Estado e o Chefe de Governo. O primeiro é exercido por um monarca, no caso de uma monarquia, ou por um presidente, no caso de uma república, e o segundo, pelo presidente do conselho de ministros (ou primeiro-ministro). Definição contida em: <https://www.jusbrasil.com.br/artigos/por-que-monarquia-parlamentarista/369169909> Acesso em 12 de maio de 2013 às 07h30min.

A mulher nos tempos clássicos é relegada para segundo plano; ela não exerce já influência senão clandestinamente, e principalmente encontra-se excluída de todas as funções políticas ou administrativas. Ela é mesmo tida, e isto sobretudo nos países latinos, como incapaz de reinar, de suceder no feudo ou no domínio, e, finalmente, no nosso Código, de exercer qualquer direito sobre os seus bens pessoais (PERNOUD, 1978, p.90).

Ao mesmo tempo que a narrativa reconstrói experiências e expectativas da mulher em contextos passados, o texto também apesar do contexto machista apresentado, tem a capacidade de identificar a mulher como sujeito da história e possuidor de uma identidade ativa sendo estas duas as características, a face da mulher que assume perfil político.

Esse diálogo nos faz recordar, por exemplo, do texto Bíblico que narra a história de Ester. O livro de Ester na Sagrada Escritura, de autor anônimo, “relata a história de um plano para aniquilar a população judaica na diáspora” (BÍBLIA, A T. 2012, p.595). Interessante pontuar que, naquela época e na referida região, rainhas não podiam dirigir-se aos reis sem que eles autorizassem que elas assim se portassem. Ester, ciente de sua beleza e de sua inteligência, rompe com a regra, apresenta-se diante do rei para pedir a salvação do seu povo. Diante desse perigoso desafio, Ester se posiciona com persuasão e coragem, e assim consegue alcançar e vencer uma norma posta pela autoridade real.

Vejamos um trecho:

Ester se apresenta no palácio no terceiro dia, quando terminou de rezar, ela tirou suas vestes de súplicas e se revestiu com todo o seu esplendor. Suntuosa, invocou o Deus que vela sobre todos e os salva. Depois tomou consigo duas servas. Sobre uma, ela se apoiava suavemente. A outra acompanhava e segurava seu vestido. No apogeu de sua beleza, ela, ruborizada, tinha o rosto alegre como se ardesse de amor. Mas seu coração gemia de temor. Ultrapassando todas as portas, ela se achou diante do rei. Ele estava sentado em seu trono real, revestido com todos os ornamentos de suas aparições solenes, resplandecente em ouro e pedras preciosas: parecia terrível. Ele ergueu o rosto, incendiado de glória, e, no cúmulo da ira, lançou um olhar. A rainha, sucumbindo, apoiou a cabeça na serva que a acompanhava, empalideceu e desmaiou. Deus mudou o coração do rei e o inclinou à mansidão. Ansioso, ele precipitou-se de seu trono e a tomou nos braços até que ela se recuperasse, reconfortando-a com palavras tranquilizadoras. [...] Ergueu seu cetro de ouro, pousou-o no pescoço de Ester, beijou-a e lhe disse: “Fala comigo!” (BÍBLIA, A T. 1998, p. 709).

Assim como vimos no livro de Ester, a mulher muitas vezes é parte de contextos difíceis para a sua própria natureza. Há realidade que lhes é tirado até mesmo o direito do diálogo, diálogo este, entre ela - a mulher- e o homem, isso vimos em textos fictícios mas não diferente da realidade, em algumas culturas. É possível nos situarmos, citando algumas destas, por exemplo, a região do Haiti, no continente americano, e do Afeganistão, no continente asiático, ambas regiões, apesar de estarem em diferentes continentes, são territórios marcados pela dura situação de descaso para com a vida da mulher. Muitas delas

são vítimas de violência doméstica e violência sexual, destinada a culturas absurdas como o casamento forçado, alto índice de evasão na formação escolar, ou até mesmo não concedido tal direito, devido a falta de recursos próprios à sua condição. Ainda sim, percebemos que a mulher manifesta não estar satisfeita com tais realidades e revela através de alguns meios novas oportunidades para que alcancem estruturas favoráveis para sua sobrevivência, dessa forma, vão conquistando novos espaços, inclusive os espaços políticos.

No texto literário, observamos essas manifestações de incômodo e, em contrapartida, ideais de uma vida mais justa e ativa no meio social são exploradas. Em *Uma, Duas, Três Princesas* (2013), a escritora manifesta um incômodo ao narrar: “Num lugar e num reino em que mulher não podia governar” (MACHADO, 2013, p.04). Esse mesmo incômodo, expressado na narrativa por Machado (2013), é refletido e discutido por Margareth Rago (2000) em *História das Mulheres no Brasil*:

As barreiras enfrentadas pelas mulheres para participar do mundo dos negócios eram sempre muito grandes, independentemente da classe social a que pertencessem. Da variação salarial à intimidação física, da desqualificação intelectual ao assédio sexual, elas tiveram sempre de lutar contra inúmeros obstáculos para ingressar em um campo definido – pelos homens – como “naturalmente masculino”. Esses obstáculos não se limitavam ao processo de produção; começavam pela própria hostilidade com que o trabalho feminino fora do lar era tratado no interior da família. Os pais desejavam que as filhas encontrassem um “bom partido” para casar e assegurar o futuro, e isso batia de frente com as aspirações de trabalhar fora e obter êxito em suas profissões. Não socializar informações importantes era uma boa estratégia, e os homens se valiam dela procurando preservar seu espaço na esfera pública e desqualificar o trabalho feminino (RAGO, 2000, p.582).

As condições difíceis para a atuação da mulher em outros espaços, como o político, é revisitado na narrativa *Uma, Duas, Três Princesas*, uma vez que, a escritora já menciona no início do texto que a problemática que envolve o enredo é o espaço em que mulheres não podiam governar. Assim sendo, verificamos que Machado dá posicionamento ativo para as personagens sendo que a rainha do conto, assim como a rainha Ester, consegue dialogar diretamente com a figura do rei para um posicionamento político; Ester foi pedir a favor de seu povo, do povo judeu, já a rainha do conto de Machado foi pedir pela sucessão do trono familiar para que uma ordem política se mantivesse e se fortalecesse. Nesse ato da personagem de pedir para que mulheres também governem, “Mandou um projeto para o parlamento, propondo que princesas também pudessem herdar o trono e mandar em tudo um dia, como já acontecia em alguns países” (MACHADO, 2013, p.09), observamos aqui como a escritora manifesta na personagem um desejo de mudança das condições feminina para o contexto exposto na narrativa.

Portanto, Machado (2013) faz dois movimentos, o primeiro está relacionado ao resgate dos padrões tradicionais, quando no início da narrativa é colocado a herança do reino por um príncipe. “O rei era o mesmo. A rainha também. Num só e único reino. Mas três vezes tiveram filhas. Três filhas. O reino todo queria um herdeiro para o trono, um príncipe. E só nascia princesa” (MACHADO, 2013, p.04). Esse movimento relaciona o tradicional com o moderno, uma vez que fica nítido um diálogo equiparados entre rei e rainha, cujo o rei não precisa desaparecer do cenário para ouvirmos a voz da rainha, num diálogo em que o rei pergunta a rainha o que fazer, e ela responde “Vamos ser modernos e acabar com essa história de príncipe herdeiro” (MACHADO, 2013, p.06). Assim, o primeiro movimento é revelado no espaço da narrativa pelo contexto patriarcal, já que o rei ainda é a pessoa de intermédio de poder. E, o segundo movimento é a tentativa de ruptura com esse contexto, uma vez que o rei aderiu à ideia da rainha: “Foi isso mesmo que o rei fez. Mandou um projeto para o parlamento, propondo que princesas pudessem herdar o trono e mandarem em tudo um dia, como já acontecia em alguns países.”(MACHADO, 2013, p. 9). É a voz da mulher sendo ouvida.

Por meio desse foco narrativo, entendemos esse movimento do moderno, com essa ideia de ressignificar “o herdar o trono e o mandar”, ampliando o espaço da mulher nesse contexto social, permitindo- a possibilidade de aderir espaços de poder e de liderança. Vale ressaltar que, quando Machado (2013) descreve a situação do rei diante da ideia da rainha, o rei adere ao conselho da mesma, mas se depara com a realidade de que precisa solicitar um poder parlamentar, sendo essa a única saída que seu reinado terá para sucessão do trono. O parlamento apoia a ideia do rei, porém impõe uma condição para que as princesas pudessem herdar o trono. Neste trecho, fica evidente que a educação naquele contexto tinha diferenças entre os gêneros. Vejamos como Machado (2013) aponta essa questão no texto: “Mas, com uma condição: para reinar, as princesas iam precisar ter a mesma educação que os príncipes antes tinham. Para ficarem tão sabidas e preparadas como eles. Portanto, assim ficou sendo” (MACHADO, 2013, p.09).

Essa condição imposta pelo parlamento mostra que a educação de meninas – princesas -- eram diferentes da dos meninos –príncipes -- realidade esta que perpetuou por muitos anos na sociedade. Conforme aponta Margareth Rago (1996), “A injustiça começa no berço, para o menino, mestres, colégios, ginástica; para a menina, ignorância, o atrofiamento da energia, a imobilidade forçada pela vida sedentária” (RAGO, 1996, p. 20). Por meio dessa educação diferente destinada a homens e mulheres evidenciamos os reflexos

do enraizamento das ideologias patriarcais que inferem a educação masculina voltada para o poder do homem que, desde cedo, é destinado à tomada de decisão de comandos e de posições de poder. Registros historiográficos apontam que, apesar de um número pequeno, as mulheres ganham destaque pela relevância do trabalho desenvolvido na área da política. Margaret Hilda Thatcher (1925), grande líder da política britânica e a primeira mulher a conquistar este espaço no Reino Unido entre os anos de 1979-1990, diz que “Na política, quando você quer que algo seja dito, procure um homem. Quando você quer que algo seja feito, procure uma mulher” (THATCHER, 1925, s.p). Para continuarmos com a discussão, antes, vamos compreender melhor a palavra *política*, do grego *politikos*. Em suma, os *politikos* na Grécia clássica eram todos aqueles que se preocupavam com o bem comum dos que pertenciam a *polis*, ou seja, a *cidade*¹⁵. Quando nos referimos à política, estamos nos referindo a um grupo que é parte de uma sociedade que se preocupa com a organização e o bem comum em geral. Esse grupo representa essa sociedade, portanto, temos nessas relações o que denominados o poder dos políticos que trabalham para garantir o bem comum da polis.

Toda a vida social grega estava assentada na atividade política. Aristóteles, na Grécia antiga, tinha uma visão bastante otimista da política: ele a pensou como a ciência que estuda o *sumo bem*, e como a finalidade da política é o *bem humano*, ela devia abranger todas as outras ciências. Pensava Aristóteles que a prática política e a virtude caminhavam juntas. Segundo ele, o homem verdadeiramente político gozava da reputação de haver estudado a virtude “*acima de todas as coisas*”. No contexto de Aristóteles, a política era uma atividade ética que tinha a função pedagógica de transformar os homens em cidadãos (SILVA, 2015, p.336).

Diante do apresentado, o perfil da mulher presente na narrativa de Machado (2013), é a mulher pertencente ao grupo da polis, ou seja, é a mulher política, aquela que está atenta ao bem comum da sociedade. Relacionando a ação das personagens com o exposto por Aristóteles, a prática destas revelam esse perfil político, quando na narrativa, surge um problema que afligem todos do reino, uma possível doença ou feitiço. Para solucionarem e atenderem todos que pertenciam àquele reino, as princesas demonstram no ato de ir em busca da cura, uma virtude, compreendendo o papel da função na qual foram lhes confiado, ou seja, assumem o poder político em prol do bem do seu povo. Essa análise nos faz recordar um grupo pequeno de mulheres que ficaram na história pela prática significativa na área política. Podemos citar por exemplo o caso da Princesa da Angola, Zacimba Gaba¹⁶, escravizada no Brasil por volta do ano de 1690. Lutou pelo seu povo escravizado ajudando-

¹⁵ Definição contida em: <https://www.dicionarioetimologico.com.br/politico/> Acesso em 20 de maio de 2023 às 10hs.10min.

¹⁶ Contido em: <https://observatorio3setor.org.br/noticias/a-princesa-de-angola-escravizada-no-brasil-que-lutou-por-seu-povo/> Acesso em 19 de maio de 2023.

os a escapar das mãos dos fazendeiros, nessas condições, morreu numa das invasões a um navio para libertar escravos. O comprometimento com os seus, apesar de estar em terras que a colocava em condição de escrava, para ela, ver seu povo escravizado, a faz assumir sua verdadeira identidade. Dessa maneira, atua na área política, já que está atenta às necessidades de seu povo e luta para lhes conceder, mesmo em terras estrangeiras, a liberdade.

Em épocas mais distantes que a mencionada anteriormente, recordamos uma nobre carolíngia da Idade Média. Dhuoda, esposa de Bernardo de Septimânia conde de origem carolíngia e governante de Narbona, iniciou seu governo por volta do ano 829, chegando estar à frente em torno de 15 anos. Sua esposa, Dhuoda, recebe de seu marido uma importante missão, governar as terras de Uzès sudoeste da França. Conforme registros históricos, essa mulher de origem carolíngia, desenvolve papel excepcional no governo, mostrando-se ativa nas administrações dos campos e nos atos de solicitações de empréstimos para o fortalecimento do reinado como um todo. Essa mulher privilegia as boas ações para com todos, tinha uma fama de dama digna, culta e notável pela capacidade de dialogar em torno das demandas políticas. Dhuoda ganha destaque também na esfera doméstica, pois como mãe, garantiu boa educação de seus filhos, para estes inclusive escreveu um manual – Manual de Dhuoda (901- 1000) – Liber Manualis (841-843), cujo conteúdo ganhou relevância pelos grandes ensinamentos direcionados aos filhos e ainda por ter sido escrito por uma mulher, o que na época não era algo comum.

Pelas ações desenvolvidas na área política, em épocas mais recentes, temos como exemplo a Doutora Ruth Katherina Martha Pfau, faleceu em 2017 aos 87 anos de idade. Ruth Pfau foi uma alemã, freira religiosa que desenvolveu trabalhos na área da saúde no Paquistão na cidade de Karachi, região afetada pela doença lepra. Como médica, dedicou sua vida e sua profissão à transformação da realidade local, porém seu trabalho ganhou força por sua capacidade de dialogar e incentivar o cuidado com a pessoa humana em situação de enfermidade. As ações de Ruth Pfau foram reconhecidas fora de atividades especulativas, pois sua única preocupação era atender às crianças que sofriam com a doença da lepra e que foram, por esse motivo, excluídos do seio da família e da sociedade. Com esse objetivo abriu ampliou um centro de tratamento contra a doença, centro este que antes de sua chegada era um dispensário que não tinha remédios, nem água tratada, não havia energia, enfim os doentes eram atendidos em condições subumanas. Ao ver essas condições, iniciou seu trabalho em 1960, suas ações foram ganhando força, pela sua maneira de se posicionar frente ao governo paquistanense e por suas solicitações junto ao governo alemão. E através do

diálogo com os mais poderosos e usando de seu poder persuasivo, o Dr. Ruth Pfau juntamente com seus apoiadores, construiu um hospital “Marie Adelaide Leprosy Center, centro de 157 centros de controle de lepra, com mais de oitocentos funcionários”, prédio que no começo era um casebre que passou a funcionar em um prédio de um andar e que logo se “transformou em um Edifício médico de 8 andares”¹⁷. Ruth Pfau formou grupos de médicos que se interessavam pelo trabalho, adotou iniciativas para que a população aprendesse lidar com os doentes sem os deixar à margem da sociedade. Em 1966, constata-se o controle da doença no Paquistão, com isso, seu trabalho foi reconhecido e premiado pelos governos e pelas universidades do Paquistão e da Alemanha, também era escritora, escreveu alguns livros, todos em edição alemã.

Na ficção *Uma, Duas, Três Princesas* (2013), encontramos esse perfil das personagens criadas por Machado, desde a rainha até as princesas, é nítido o envolvimento das protagonistas na política. Apesar dos contextos machistas da sociedade, ainda assim percebemos na mulher a capacidade para gerenciar, interessante ressaltar que o protagonismo feminino de Machado (2013) leva-nos a discutirmos o termo identidade social. O texto aborda memórias passadas, e resgata culturas que desfavorecem o perfil da mulher em sociedade, mas aponta rumos modernos e representa nova postura em relação à face da mulher. Partindo do pressuposto social, o conceito de Identidade, nos auxiliará a compreender essas questões:

Todos temos identidade, a palavra inclusive está em nosso dia a dia: no Brasil, somos registrados em documento, *a carteira de identidade*. Tal documento é a representação oficial do indivíduo como cidadão. Ele é uma representação, entre várias, de nossa identidade social. Para a Psicologia Social, a identidade social é o que caracteriza cada indivíduo como pessoa e define o comportamento humano influenciado socialmente. Nesse sentido, a identidade social é o conjunto de papéis desempenhados pelo sujeito *per se*. Papéis que, além de atenderem a determinadas funções e relações sociais, têm profunda representação psicológica por se referirem sempre às expectativas da sociedade. A Psicologia Social assume, assim, que a personalidade, a história de vida de cada um, é bastante influenciada pelo meio social, pelos papéis que o indivíduo assume socialmente. Nesse sentido, a identidade social é construída para permitir a manutenção das relações sociais de dominação. Além disso, tomar consciência da própria identidade, tomar consciência de si é um primeiro passo para alterar, se necessário, a identidade social, como dominado (SILVA, 2015, p. 202-203).

Nesse sentido, a identidade social de cada uma das princesas da narrativa, é construída a partir do meio na qual estão inseridas e esta é fortemente revelada mediante suas atitudes frente aos atos administrativos diante da problemática que aquele reino irá

¹⁷ Informações contidas em: <https://malc.org.pk/about-us/history/> Acesso em 20 de maio de 2023 às 09hs.15min.

apresentar. Portanto, em *Uma, Duas, Três Princesas* (2013), as personagens assumem essa identidade devido à necessidade do reino, o rei fica doente e agora elas, as princesas, assumem o trono, assumindo portanto uma condição política.

E nesse dia, começaram a surgir no reino umas notícias estranhas. De um encanto ou feitiço, feito doença esquisita. Todos logo se preocuparam. Teve gente bem aflita. E quando menos esperavam, o rei ficou bem doente, preocupando toda a gente (MACHADO, 2013, p.12).

Nesse sentido, conseqüentemente, elas assumem uma nova identidade social, sendo esta motivo de críticas, uma vez que elas precisam corresponder positivamente às expectativas da administração geral do reino, basicamente composta por homens, como é possível constatar pela fala da narradora quando diz que aquele reino era um reino onde mulheres não podiam governar (MACHADO, 2013, p. 04). Devido à necessidade, elas precisam submeter a uma educação específica para assim governar, “para reinar, as princesas iam precisar ter a mesma educação que os príncipes tinham antes. Para ficarem tão sabidas e preparadas como eles. Portanto, assim ficou sendo” (MACHADO, 2013, p.09). A partir da narrativa de Machado (2013), podemos revisitar o conto de tradição oral, *Os Três Príncipes de Serendip*, a própria obra nos recorda quando narra “Nas outras histórias, as tais dos três irmãos, seria hora de reunir os sábios, os ministros e mandar chamar os três príncipes” (MACHADO, 2013, p. 15). Publicado no ocidente pela primeira vez no ano de 1557 na cidade de Veneza na Itália pelo editor e impressor Michele Tramezzino (1526), essa narrativa possui várias versões. Duas delas utilizaremos para discutirmos mais questões na análise do conto de Machado (2013).

A primeira versão vai dizer que um rei para se sentir seguro em relação à sucessão do trono que passaria para seus três filhos, para ter certeza de que estes, mediante toda a educação que receberam, já estariam preparados para governar. Para conferir se eles estavam preparados, manda-os em viagem com a finalidade de colocá-los à prova. Diante de acontecimentos não previstos nesta viagem, acontece que os três príncipes de Serendip fazem descobertas frente ocorridos misteriosos, as interpretações dadas, eram “sempre com muita sagacidade, fino senso de observação e uma grande capacidade em fazer deduções” (CONSOLARO, 2005, p.25). Com isso, ganham a credibilidade nas regiões por onde passam, chegando a serem reconhecidos pelas cortes locais.

Na segunda versão encontramos:

Os três príncipes foram chamados pelo pai, o rei de Serendip, imediatamente antes da morte, para transferir o poder e dizer que havia um grande tesouro muito próximo da superfície em suas terras. Terminado os ritos funerários, os três príncipes mobilizaram os homens do reino para cavar e revolver a terra. Anos após anos de

trabalho nenhum tesouro foi encontrado, mas a terra ficou tão revolvida que as colheitas foram as maiores de toda a história daquele reino (CONSOLARO, 2008, p.25).

Comparando a narrativa dos *Três Príncipes de Serendip* com a narrativa *Uma, Duas, Três Princesas*, verificamos o mesmo perfil que é dado aos príncipes de Serendip na segunda versão da narrativa, é também dado por Machado (2013) às suas princesas. A busca pelo tesouro- três príncipes de serendip- é a própria condição de assumirem a tarefa dada pelo pai, e o ato de fazer, de procurar o tesouro, é a ação que se traduz na virtude da obediência e de conseqüentemente gerenciar. No conto de Machado (2013), também encontramos na busca pela cura da doença que alastrava no reino – busca feita pelas princesas -, sendo traduzida na observância pela obediência ao posto que lhes foram confiado, a condição do buscar é o ato de gerenciar, ou seja, estão realizando papel político “Partiu em busca de algum remédio mágico para salvar o rei” (MACHADO, 2013, p.15).

Comparando a primeira versão dos *Três Príncipes de Serendip*, verificamos que, o acesso à formação educacional dos príncipes lhes favorece para decifrar um misterioso acontecimento durante a viagem. Essa formação educacional também é posta no conto *Uma, Duas, Três Princesas* (2013), na qual o acesso ao conhecimento é que favorece às princesas, a capacidade de dialogar e de buscar a solução da misteriosa doença que atinge a população do reino.

Por conta disso, as meninas ganharam computadores. E com eles navegaram. Jogaram jogos empolgantes. Aprenderam muitas coisas diferentes, de muitas terras e gentes. Ouviram histórias, viram fotos, por tudo se interessaram. Leram até algumas revistas e livros, quando encontraram. Principalmente a mais velha (MACHADO, 2013, p.10).

A condição que lhes são ofertadas, a formação educacional é um meio para que elas se adaptem ao mundo em que lhes foi confiado, assumindo a resolução dos problemas de ordem governamental. A preparação para assumir o posto é que lhes dará condição necessária para tal, lembrando que o que põe a prova se estas possuem essa capacidade de governar é exatamente os desafios na busca pela resolução do problema que aparece no reino, no caso a doença do rei e de demais pessoas do reino. Outro desafio para as princesas é lidar diretamente com as críticas dos sábios e dos ministros “Sem príncipes, mas com as três princesas, que jeito?” (MACHADO, 2013, p. 17). A leitura que realizamos dessa frase posta no conto de Machado (2013) retrata bem a questão cultural de algumas sociedades, determinar a natureza da mulher como sendo incapaz de tomar decisões, ou até mesmo de administrar e de auxiliar em problemas de ordens sociais, corrobora com o exposto por

Kalina Vanderlei Silva, doutora em História, quando ela escreve sobre as relações de poder, diz que: “O poder que, historicamente o mundo masculino exerce sobre as mulheres é algo tão arraigado na consciência das pessoas, tanto de homens quanto de mulheres, que passa despercebido na maioria das vezes” (SILVA, 2015, p.336). Sendo assim, podemos inferir que as mulheres nesse contexto só teriam acesso a uma formação especial devido não ter um príncipe herdeiro para governar, educação esta que dava acesso ao conhecimento de uma determinada área.

Em *Uma, Duas, Três Princesas*, percebemos, portanto que as personagens são colocadas sob a condição de herdeiras presuntivas, ou seja, “aquele que é tido como herdeiro enquanto não se apresenta outro melhor direito à herança”¹⁸, podemos dizer que as personagens são postas nestas condições já que o rei e a rainha só tiveram meninas e não meninos. Historicamente, há um termo utilizado para o que é posto na narrativa de Machado, na falta de um príncipe herdeiro, uma princesa ou a rainha que assume o trono. Nesse período, em tal situação, a mulher que assumira o trono para governar, assumia a condição de herdeira presuntiva. Esse título, de herdeira presuntiva, é disponibilizado quando não há opção masculina para o trono. Levantamos a reflexão no que diz respeito às críticas dos personagens da comunidade e da mídia: essas críticas foram levantadas por serem mulheres no poder uma vez que a educação foi a mesma de príncipes? Se fossem príncipes receberiam as mesmas críticas?. Essa reflexão é parte constitutiva da narrativa, visto que durante o percurso das três princesas que são desafiadas a resolver o problema da doença do pai e demais pessoas que estavam adoecendo no reino, observamos que as personagens enfrentam dificuldades e muitas críticas por parte dos parlamentares e da mídia. “Nosso reino está perdido. É muito preocupante que Suas Majestades tenham educado tão mal as princesas. Agora as consequências caem sobre todos nós” (MACHADO, 2013, p.35). Acreditamos que essas dificuldades e críticas ocorrem por serem mulheres em posição de poder.

Outro ponto interessante é o fato de Machado (2013) dar voz à rainha. Assim é notório que esta personagem já diverge da maioria das personagens femininas dos contos tradicionais em que rainhas não possuem voz, não opinam, ou quando isso ocorre, acontece na ausência do monarca/patrono ou voz da personagem feminina está relacionada com o universo doméstico, tais como: criação dos filhos, idas aos bailes, organizações dos mesmos, organização física do lar ou jantares. Esse ponto vai ressignificar toda a ficção, sendo que

¹⁸ Definição contida em: <https://www.jusbrasil.com.br/artigos/definicoes-de-direito-das-sucessoes/111880033> Acesso em 01 de junho de 2023 às 09hs.05min.

gira em torno das ações femininas, na visão moderna de que a mulher age em diversos contextos sociais, o texto inclusive apresenta um discurso de que, para garantir a atuação da mulher nas áreas políticas, é necessário à figura feminina, estudo, atitude e sabedoria. Para significar a narrativa nesses rumos, entendendo que a mulher pode ser ativa nesses setores, a escritora dá ênfase na busca pelo conhecimento através do estudo, buscando como atividade de sabedoria traduzida em atitude.

Verificamos que as princesas do conto que buscaram a solução baseada nos conhecimentos rasos, não obtiveram êxito, “A princesa do meio [...] Os pais tinham exigido menos dela, que ficará menos tempo lendo e estudando” (MACHADO, 2013, p.20) e ainda como narra em relação ao comportamento da princesa mais nova “A princesa mais nova não tinha estudado tanto tempo [...]” (MACHADO, 2013, p.26). Essas duas, na narrativa, mesmo envolvidas na busca pela solução do problema demonstra falha no processo, porque não estavam ligadas ao meio que de fato contribuiria para o sucesso dessa busca “Foram boas ações, claro. Mas sem nenhum resultado” (MACHADO, 2013, p.23). As princesas mais novas, acreditavam que o que causava a doença, poderia ser um encantamento, um feitiço. Por isso, ao sair em busca da solução mágica, leva o leitor a adentrar em alguns contos de fada tradicionais como *A princesa e o Sapo* “Pior foi quando ela beijou um sapo. Eca! Ele não virou príncipe. E ela ainda ficou doente, com aquela gosma de meleca” (MACHADO, 2013, p.25). E ainda *Cinderela* “Num dia em que estava com fome, encontrou uma abóbora enorme. Fez uma bela sopa numa fogueira. Mas nunca mais Cinderela pôde ir ao baile” (MACHADO, 2013, p.31).

Por meio da personagem mais velha, a escritora, ressalta a importância da leitura para o indivíduo e para a sociedade, lembrando também o discurso anteriormente aqui pontuado, nos referimos à atuação da mulher na área política. Por fim, o diálogo da princesa mais velha com os ministros é que encerra a narrativa, momento em que a mesma diz claramente que a solução para o problema não tinha relação com encantamento nem mesmo com feitiços. Segundo o conto, a terceira princesa era que mais realizava leituras e a de perfil realista, ela desconstrói a ideia de mitos e sugere aos ministros que procurasse um especialista para resolver os problemas do reino:

Mas a princesa mais velha sábia. Os ministros lembraram. Mandaram buscar a princesa que lia. [...] Assim que recebeu o convite, ela deu logo o seu palpite: - Essa história de encantamento é falta de conhecimento. - Como assim? - Pode dar uma pista? - Contratem um especialista. - Quem conhece o assunto. E tenha estudado em tudo quanto é canto, com livro, escola, professor, laboratório, televisão e computador. Foi o que fizeram e deu certo. Até que tinha uns bons ali por perto (MACHADO, 2013, p. 37).

Como sabemos, nos contos tradicionais, a chegada do príncipe desencadeia a solução para o problema apresentando na narrativa e o desfecho seria o casamento do príncipe com a princesa. No conto de Machado (2013) nos deparamos com esse movimento cheio de figuração da linguagem tradicional com a linguagem moderna em torno do protagonismo feminino. O desfecho do texto mostra a ruptura com a ideologia de que somente os príncipes teriam soluções para os problemas do reino, já que é a princesa mais velha, leitora e sábia que apresenta a solução do problema, e isso por meio de seu conhecimento e de seu envolvimento com as demandas do reino. Com isso, percebemos a narrativa como uma ferramenta capaz de elevar a visão feminina a estar em novos espaços e ainda utilizamos da narrativa como uma oportunidade de homenagear as mulheres que, historicamente, se destacaram na área política em diversas sociedades.

Vimos que a ficção de Machado (2013) explora as condições da mulher em diferentes épocas, pois é possível visualizarmos posturas machistas mais em contrapartida as posturas que assumem a condição de que é possível a mulher estar em espaços de gerência política, seja pela necessidade quanto pela oportunidade, o que muda essa condição é o querer da própria mulher em estar nesses espaços e a busca pelo conhecimento como garantia para melhor conduzir situações adversas. A Irmã Doutora Ruth Pfau na qual se preocupava e se compromete “com a igualdade e a melhoria da posição das mulheres na sociedade”¹⁹ escreve seu método de ação que se traduz em “Estar atento, olhar de perto, ouvir as experiências de todos”²⁰, assim também escreve de maneira literária Ana Maria Machado quando apresenta em suas narrativas o protagonismo autêntico e atuante da mulher na sociedade.

2.4 A velha misteriosa: a mulher no trabalho e no empreendedorismo

O conto *A velha misteriosa* foi publicado no ano de 1994, uma das obras das publicações da Coleção Batutinha, da editora Salamandra. Todas as obras dessa coleção foram reeditados, sendo que na 4ª edição do livro encontramos no posfácio: “Qual será o segredo da velha misteriosa? Será que ela é uma bruxa? Será que é perigosa?” (MACHADO,

¹⁹ Vídeos e história da Ir. Dra. Ruth Pfau: https://www-ruth--pfau--stiftung-de.translate.google.com/ruth-pfau/trilogie-es.php?_x_tr_sl=es&_x_tr_tl=pt&_x_tr_hl=pt-BR&_x_tr_pto=sc Acesso em 22 de maio de 2023 às 16hs.52min.

²⁰ https://www-ruth--pfau--stiftung-de.translate.google.com/ruth-pfau/buecher.php?_x_tr_sl=es&_x_tr_tl=pt&_x_tr_hl=pt-BR&_x_tr_pto=sc#anchor_1c01e80f_Leben-heisst-anfangen-----Worte--die--das--Herz--beruehren

2010, sp). A respeito dessa narrativa, a personagem principal é uma senhora que mora numa casa velha em uma cidade grande. Ana Maria Machado inicia a narrativa questionando o leitor: “Você já ouviu falar em floresta de cimento?” (MACHADO, 1994, p.02). O cenário geográfico é diferenciado, pois temos no meio a muitos prédios uma casa velha, local onde se constrói a narrativa. Essa “casa velha, com um jardimzinho, umas árvores, uma grade toda enfeitada, uma porção de mato crescendo pelo quintal” (MACHADO, 1994, p.02), pertencia à senhora misteriosa que dá nome à obra, pelo que tudo indica no texto, ela mora sozinha e passa boa parte do tempo em casa.

As crianças que fazem parte do bairro costumam se reunir todos os dias à tarde próximo a essa casa. Ali elas conversam, falam de diversos assuntos e, observam a senhora misteriosa, no interior da casa que, segundo eles, era um imóvel de aparência estranha. Esses personagens julgam também os comportamentos da velha senhora que para eles podem ser uma bruxa: “Ela está sempre carregando umas sacolas. Um dia, eu fui buscar a bola que caiu lá no quintal e olhei pela janela. A velha fica mexendo no caldeirão. Ela usa roupas compridas, esquisitas. A empregada do 501 disse que ela pega crianças. Será que ela é uma bruxa?” (MACHADO, 1994, p. 06).

Assim como no conto de Machado (1994), o questionamento posto por um dos personagens na narrativa, nos faz recordar os acontecimentos históricos de uma mulher que se destacou na Era Medieval. Joana D’Arc (1412), foi mal interpretada por suas ações, condenada à morte sendo julgada por práticas de bruxaria. Essa face de Joana D’Arc foi revista na história e essa mulher passou a ter destaque especial, devido ter participado diretamente da conquista da França na chamada Guerra dos Cem Anos. Ela uma camponesa, corajosamente desenvolveu um trabalho de militar na qual liderou as tropas que saíram vitoriosa dando a Carlos VII a honra de ser coroado na cidade de Reims, porém, em um dos combates guerrilheiros, a camponesa é presa e sua condenação é declarada pelas ações que desenvolvia. Consta nos registros históricos que sua morte ocorrera em 30 maio de 1431, com 19 anos de idade, vale ressaltarmos que, após sua morte, Carlos VII inicia um processo de reavaliação da imagem da camponesa e, apenas no Século XX, foi reconhecida como um dos grandes nomes na história da França. Na história da mulher, podemos considerá-la como exemplo de coragem e de ousadia, compreendendo que frente à realidade francesa fez com que Joana D’Arc assumisse como um encargo a liderança das tropas, sendo assim lutar e esquematizar os combates era seu dever, portanto, seu trabalho era a militância política.

O fato em questão é a reflexão sobre a imagem da mulher que ocupava um espaço

distinto do doméstico. Embora, o conto *A velha misteriosa* (1994) tenha sido escrito posteriormente ao período citado, inferimos que há na narrativa reflexos desse período referente à imagem da mulher, a qual era associada à bruxa quando exercia um trabalho diferente daquele que era ideologicamente e biologicamente destinado ao sexo feminino, ao ser mulher, como a maternidade e o cuidar do lar que por muito tempo e ainda arraigado em algumas culturas, como sendo única missão e atividade destinada às mulheres. Dessa maneira, os acontecimentos e discussões sobre os papéis da mulher e as visões atribuídas às mulheres pela sociedade medieval, ainda estão presentes por meio de ideologias arcaicas.

Para compreendermos melhor, resgatamos um pouco mais a história referente a esse período por meio de Pernoud em seu livro *O Mito da Idade Média*. No capítulo nomeado por “Mulheres sem Alma”, a autora discorre sobre as lacunas de uma fala que escutou na rádio por um romancista; o mesmo dizia que “só no século XV a Igreja admitiu que a mulher tinha uma alma” (PERNOUD, 1978, p. 95). Pernoud (1978) desconstrói essa ideia a partir de diversos nomes de mulheres religiosas que fizeram a diferença na vida da sociedade e da própria Igreja que reconheceu e apontou várias mulheres que se destacaram por suas atividades administrativas e que causaram inveja a qualquer homem até mesmo nos dias de hoje. A vida e história de Joana D’Arc é uma destas, considerada por alguns estudiosos um mistério de caridade, e em muitas escritas, seu nome é lembrado como “guerreira francesa acusada de bruxaria”. Aqui faço uma comparação com a personagem do conto *A velha misteriosa* (1994) na qual é vista também como uma bruxa por alguns personagens. Podemos dizer que o título do conto criado por Machado (1994) nos remete a estes acontecimentos da era medieval em relação ao mistério que envolviam as mulheres em práticas não esperadas por aquela sociedade.

Charles Péguy (1895) escritor e notável poeta, é fascinado pela vida e história de Joana D’Arc. Este autor escreveu um romance sobre a mesma “The Mystery of the Charity of Joan of Arc (Le Mystère de la charité de Jeanne d’Arc) que como corrobora com a ideia de Pernoud (1978, p.98) e ambos destacam o fato de Joana D’Arc não ter merecido o fim que teve. Conforme registros²¹, Joana D’Arc, teve sua história revisitada e sua imagem reanalisada pela historiografia, Machado (1994) também cria em sua narrativa uma espécie de averiguação da real face da mulher que antes vista pelas crianças como bruxa passa a ser vista de outra forma, após uma voz que representa a tentativa de ruptura com essa ideia de

²¹Informações contidas em: <https://direitofamiliar.com.br/uma-analise-da-historia-da-mulher-na-sociedade/>
Acesso em 30 de maio de 2023 às 18hs.30min.

bruxa que foi associada à mulher empreendedora. Essa voz, no conto, é de um dos personagens criança, o Tião Risonho, este faz o trabalho de levantar questionamentos sobre a visão de seus amigos dizendo que: “Nunca vi tanta gente pequena dizendo tanta bobagem grande” (MACHADO, 1994, p. 6). Seus questionamentos levantam vários comportamentos positivos acerca das mulheres da terceira idade; as que fabricam brinquedos, as que contam histórias, as que produzem melodias, as que cuidam dos seus:

Nunca vi velha que não fosse boazinha. A bisavó do Rodrigo faz cada boneco de pano legal! Dona Ritinha conta cada história linda! Vovó Clementina sabe cada música que ninguém imagina. Até hoje, quando vi velha pegar criança, era para botar no colo e fazer carinho (MACHADO, 1994, p. 8).

Por meio dessa citação, percebemos que o personagem usa o argumento dos afazeres domésticos ligados às personagens de terceira idade para desmistificar a ideia de bruxa. Mas, cabe aqui a reflexão de que a imagem de bruxa construída anteriormente pelas outras crianças está justamente associada ao fato de que a protagonista exerce uma atividade distinta dessas mencionadas? Acreditamos, que devido a esse fato, ela foi caracterizada como misteriosa, esquisita e depois posta como bruxa. Fato este que está associado ao período medieval, cujo essas representações e estereótipos foram construídos devido a algumas mulheres daquele período desempenharem papéis semelhantes a personagem do conto criado por Machado (1994).

Na narrativa de Machado (1994), o personagem Sebastião de Almeida conhecido pelos demais personagens como Tião Risonho, ao adentrar a casa da velha senhora, descobriu que a mesma passava horas na cozinha porque produzia doces de vários tipos e os comercializava. *A velha misteriosa* é na verdade uma velha senhora, personagem de nome Deolinda na qual se apresenta a todos os demais personagens por Tia Dolinha. Ela sobrevive através da comercialização de doces, “Sabe, eu faço doces para ganhar um dinheirinho e poder comprar as coisas de que preciso. Fazer doce é meu trabalho” (MACHADO, 1994, p.15). Sendo assim, temos nessa personagem, uma mulher que, como tantas outras mulheres, sobrevivem através do trabalho e que, atualmente, ajudam na renda familiar, mulheres que necessitam empreender para até mesmo ressignificar a nova posição social em que se encontram.

Em épocas tradicionais, investir no futuro profissional, poderia ser visto como algo ousado, pois a mulher foi vista, por muito tempo, destinada exclusivamente ao casamento e aos cuidados do lar. No Brasil, por exemplo, a partir da década de cinquenta, cresce a participação feminina no mercado de trabalho, isso devido ao desenvolvimento das cidades

e dos setores industriais, o crescimento da participação e atuação da mulher em outros espaços de trabalho não eram bem interpretados, é o que nos aponta Carla Bassanezi (2000):

[...] eram nítidos os preconceitos que cercavam o trabalho feminino nessa época. Como as mulheres ainda eram vistas prioritariamente como donas de casa e mães, a ideia da incompatibilidade entre casamento e vida profissional tinha grande força no imaginário social. Um dos principais argumentos dos que viam com ressalvas o trabalho feminino era o de que, trabalhando, a mulher deixaria de lado seus *afazeres domésticos* e suas atenções e cuidados para com o marido: ameaças não só à organização doméstica como também à estabilidade do matrimônio (BASSANEZI, 2000, p.624).

É importante considerarmos que a mulher precisou ressignificar sua posição social, ora por necessidade, ora por anseio de reafirmar sua própria identidade como sendo capaz de realizar outras tarefas. No caso da personagem criada por Machado (1994), percebemos uma certa necessidade de atuar no comércio pela necessidade. A imagem dessa personagem, a Tia Dolinha, nos faz recordar outras mulheres que tiveram perfil empreendedor, podemos citar como exemplo, Mary Kathlyn Wagner (1918), mais conhecida como Mary Kay Ash²² reconhecida em diversos países pela abertura de empresas comerciais de produtos de beleza. Alguns relatos de sua história são interessantes pontuar; Teve dois filhos, seu esposo precisou servir na Segunda Guerra Mundial e, enquanto isso, Mary Kay começa a vender livros de porta em porta. Em 1963, abre sua primeira loja de cosméticos. Realiza diversos seminários e publica, em 1984, a obra que leva seu nome na qual mostra os princípios da filosofia empresarial. Mary Kay tinha uma forma bem dinâmica de vender seu produto, ela realizava festas em sua casa na qual recebia suas clientes, apresentava-lhes os produtos numa única abordagem, pelo retorno de metade do lucro nas vendas, suas clientes se tornavam revendedoras de seus produtos. Assim, a marca ganha enorme adesão, pela qualidade e pela estratégia de venda criada pela empreendedora. Mary Kay recebeu inúmeras homenagens e prêmios de grupos empresariais e ainda foi nomeada em estudo acadêmico como a maior Empreendedora Feminina da História Americana pela Universidade Baylor. Assim como Mary Kay precisou sair vendendo livros de porta em porta, a personagem de Machado (1994) tem essa necessidade de obter uma renda e garantir seu sustento. Dessa forma, Machado constrói a narrativa. “Acordo cedinho e saio com umas sacolas imensas, compro frutas, ovos, açúcar. Passo o dia inteiro junto deste fogão. De tarde, tenho que levar os doces às casas que encomendaram” (MACHADO, 1994, p.15).

Muitas mulheres empreendem bem os negócios, garantem renda familiar e ainda

²² Informações contidas em: <https://www.marykay.com.br/pt-br/about-mary-kay/nossa-fundadora> Acesso em 30 de abril de 2023 às 14hs.30min.

incentivam outras mulheres a fazer o mesmo. Ao trabalhar o protagonismo feminino da mulher empreendedora, através da personagem Tia Dolinha, Machado (1994) homenageia mulheres que são exemplo de coragem, força e sabedoria. Os espaços que a mulher ocupa são ressignificados, a partir de suas necessidades e das oportunidades. No conto de Machado (1994), o personagem Tião Risonho conhece o espaço da casa até chegar no espaço da cozinha. A casa é descrita no texto da seguinte maneira:

Que casa bonita! Tinha umas poltronas lindas, uns paninhos de renda em cima. Tinha retratos de barbudos nas paredes. Tinha enfeites em cima de todos os móveis. Tinha um piano num canto da sala. Tinha um corredor cheio de portas. E, no fim do corredor, a porta da cozinha estava aberta (MACHADO, 1994, p. 11).

A casa da Tia Dolinha é um espaço que nos permite discutir sobre a identidade feminina construída historicamente. Podemos falar das alterações que essa imagem sofreu, tanto na narrativa quanto na história da mulher. Visualizamos que, no conto, a velha misteriosa, passa por uma evolução da sua própria imagem. Há, na narrativa, a averiguação de sua real identidade, “Sou Sebastião de Almeida, mas pode me chamar de Tião Risonho. Vim conhecer a senhora” (MACHADO, 1994, p.10). Este personagem, após conhecê-la passa para os demais companheiros o verdadeiro eu da senhora misteriosa, “Tião foi correndo contar a novidade para a turma” (MACHADO, 1994, p.16).

O trecho da narrativa “tinham uns quadros de barbudos nas paredes” (MACHADO, 1994, p.11) pode significar o que diz a crítica da historiadora Michelle Perrot em relação à escrita de alguns historiadores. “Da História, muitas vezes a mulher é excluída” (PERROT, 2017, p.113), e ainda acrescenta que “O ofício do historiador” é um ofício de homens que escrevem a história no masculino. Os campos que abordam são os da ação e do poder masculinos [...]” (PERROT, 2017, p.113). Ao relacionar os trechos acima mencionados, inferimos que, no texto *A Velha Misteriosa*, há um reflexo dessa exclusão das mulheres dos contextos históricos e entendemos que, apesar de ter apenas quadros de homens nas paredes, é uma forma de resgatar o passado da imagem da mulher que fora, por muito tempo, silenciada, no entanto o protagonismo feminino presente na narrativa nos permite explorar os espaços que a mulher conquistou e atuou em diferentes épocas e lugares como vimos nos nomes de Joana D’Arc (1412) e Mary Kay Ash (1918), mulheres que demonstraram grandes atuações na área do trabalho e do empreendedorismo.

Vejamos que todo o conto trabalha com esses dois espaços o doméstico e o do trabalho, no caso da presente narrativa um espaço configura as duas realidades em que hoje a mulher está inserida e que esteve em outras épocas, mas que devido ao sistema patriarcal

foram apagadas e silenciadas da história, história essa que está sendo revisitada e reconstruída por meio de teóricos como Pernoud (1978). Régine Pernoud, por exemplo, menciona em suas escritas, Leonor da Aquitânia (1122), segundo registros históricos, foi uma mulher de alta classe da Idade Média, considerada poderosa²³, pela formação intelectual que recebeu e pelo trabalho administrativo frente ao governo do reino junto com seu esposo. Assim como Joana D'Arc, Leonor da Aquitânia liderou exércitos, um deles foi o exército da Segunda Cruzada, e ainda foi a patriarca de grandes nomes da poesia medieval como Bernart de Ventadorn, Wace e Benoit de Sainte-Maure. Leonor da Aquitânia, apesar de ter título de Rainha Consorte, termo utilizado na França para designar que uma Rainha nunca poderia governar, ainda assim, realizou todas essas atividades, também foi mãe de dez filhos sendo ela portanto, rainha, mãe, administradora e líder militar. Temos, nesse exemplo, a mulher que atua em diversas áreas do trabalho, sendo doméstico e ou administrativo.

Ainda em relação aos espaços ocupados por mulheres, há na narrativa a ressignificação do espaço da cozinha, antes tido como um ambiente de tarefas domésticas, posto por Machado (1994) como um espaço de trabalho e de retorno financeiro. Dessa maneira, podemos destacar que este espaço junto com a atuação da personagem, pode representar um processo de ruptura com o patriarcado. Vale ressaltar que as condições presentes da personagem Tia Dolinha, atualmente é também uma condição de muitas mulheres, o comprometimento com o trabalho e com o empreendedorismo se dá “em relação à imagem-de-mulher da Tradição e em face do mundo em transformação” (COELHO, 2002, p.17). A participação da mulher nesses setores, contribui no processo de desenvolvimento econômico, para o crescimento de uma sociedade quando não se deixam desvincular de suas inúmeras tarefas cotidianas. A narrativa nos leva a conhecer os espaços ocupados pela mulher e dá ênfase no perfil feminino, o fato de a casa ser bonita em seu interior: “Que casa bonita! Tinha umas poltronas lindas, uns paninhos de renda em cima” (MACHADO, 1994, p.11) nos faz entender o perfil do ser feminino em suas características específicas, compreendendo que a mulher é capaz de não apenas se envolver no processo mais se comprometer com este. Articular bem os trabalhos que lhe for confiado, seja no lar, seja no trabalho é para a mulher a realização de seu ser em sua totalidade. Assim, aconteceu com os exemplos das histórias de mulheres citadas anteriormente, como citado o de Leonor da Aquitânia que desenvolveu várias atividades permitindo que essas se estendessem em áreas

²³ Informações contidas em: <https://www.youtube.com/watch?v=tmirWmE6sAs> Acesso em 30 de maio de 2023 às 16hs.50min.

distintas. Dessa forma, Machado (1994) cria, em sua narrativa, uma personagem protagonista e não coadjuvante.

O livro de Provérbio no Capítulo 31 da Sagrada Escritura descreve bem o perfil feminino:

Quem poderá encontrar uma mulher de valor? Ela vale muito mais do que pérolas. Seu marido confia nela, e a ela não faltam riquezas. Ela traz para ele a felicidade, e não a desgraça, em todos os dias da vida. Ela procura a lã e o linho, e suas mãos realizam o trabalho com dedicação. Ela é como navios mercantes, que de longe lhe trazem o alimento. É noite ainda quando ela se levanta, para preparar o alimento de sua família e para dar ordens às criadas. Ela examina um terreno e o compra, e com o fruto de seu trabalho planta uma vinha. Ela cinge os rins de força, e torna forte a ação de seus braços. Ela sabe que seus negócios vão bem, e mesmo de noite sua lâmpada não se apaga. Ela estende a mão ao fuso e com a palma da mão segura a roca. Ela abre a mão para o pobre e estende o braço para o indigente. Ela não teme por sua família quando cai a neve, porque todos usam roupas forradas. Ela tece colchas para usar e se veste de linho e púrpura. Seu marido é respeitado nas reuniões, quando se assenta com os anciãos da cidade. Ela fabrica tecidos para vender, e fornece cinturões para os comerciantes. Ela se veste de coragem e dignidade, e sorri para o amanhã. Ela abre a boca com sabedoria, e sua língua ensina com bondade. Ela supervisiona o andamento da casa, e não come o pão da preguiça. Seus filhos se levantam para proclamá-la feliz, e seu marido a elogia: “Existem muitas mulheres de valor, mas você superou a todas elas!” A graça é enganadora e a beleza é passageira, mas a mulher que teme a Javé merece louvor. Deem a ela o fruto de seu trabalho, e que suas obras a louvem nos portões da cidade (BÍBLIA, 2015, p.171).

A face da mulher presente na narrativa *A Velha Misteriosa* por meio da personagem Tia Dolinha, apresenta o comprometimento com o trabalho, a consequência disso se dá no reconhecimento daqueles que compreenderam a importância de suas ações, sendo assim “ninguém mais acha que ela é uma velha misteriosa” (Machado, 1994, p. 21). A atuação profissional da personagem mostra que a mulher é capaz de ser provedora de um lar, assim como o homem, que em épocas passadas eram considerados os únicos capazes de prover o sustento de um lar. Em relação a mulher atuante no mercado de trabalho, Margareth Rago (1996) argumenta que: “Ninguém duvida que as mulheres estejam, hoje, em quase todas as profissões, que ocupem dinamicamente os múltiplos espaços da vida social” (RAGO, 1996, p. 01). Assim, esse reconhecimento, do trabalho e do empreender feito pela personagem feminina, apresentado por Ana Maria Machado em seu conto de literatura infantil e juvenil, é crucial, pois levanta reflexões acerca dos espaços ocupados por mulheres na sociedade em geral.

O desfecho do conto, acontece com o encontro entre a turma do Tião Risonho com a Tia Dolinha, em sua casa. Outro aspecto importante posto na narrativa é a cultura do encontro que marca o diálogo positivo entre as relações: “Os meninos vieram com ele

conhecer Tia Dolinha. E até hoje eu não sei quem ficou mais satisfeito com esse encontro, se foi ela ou se foram eles. Hoje em dia a turma só se reúne na casa dela” (MACHADO, 1994, p.19), diálogo este que favorece todos que estão envolvidos em comunidade. Assim, também acontece com as demais mulheres citadas nesse trabalho de pesquisa, em especial neste subitem, são mulheres que fizeram parte da construção de uma sociedade através do diálogo e de suas ações. A comparação da personagem do conto com essas mulheres nos leva a desconstruir a ideia de que a mulher está destinada exclusivamente para um determinado fim, verificamos que há o potencial feminino e sua marca positiva na história atuando em diversas áreas. Percebemos ainda que através da ficção de Machado (1994), tivemos a oportunidade de relembrar o papel significativo desempenhado por mulheres em outras épocas e em outras culturas.

Nas últimas linhas do conto *A Velha Misteriosa* apresenta outra face de mulher:

E todo mundo se reúne em volta de Tia Dolinha, para ouvir velhas canções ou histórias bem compridas. Com fadas, gênios, princesas encantadas, gigantes e dragões. Histórias de antigamente, que ninguém sabe contar tão bem como os velhos. Experimente só. Peça a um deles para contar uma (MACHADO, 1994, p.21).

O trabalho e o empreendedorismo presente no perfil da personagem do conto, nos propiciou recordar das áreas em que a mulher realizou papéis importantes, assim a narrativa de Machado (1994) nos permitiu homenagear essas mulheres através da menção à elas feita por meio da revisitação histórica. Essa face citada nas últimas linhas da narrativa, revela-nos que, a arte literária está presente nas ações e nos trabalhos realizados também por mulheres. Verificamos que Ana Maria Machado, além de levar-nos a discutir sobre a mulher no trabalho e no empreendedorismo por meio do texto literário, ainda é possível na narrativa em questão, falar da sabedoria popular que os mais velhos possuem, pois conforme consta no texto, a Tia Dolina contava “histórias de antigamente, que ninguém sabe contar” (MACHADO, 1994, p.21). Estas são, parte da sabedoria popular, temos aqui um resgate da cultura oral e da menção implícita dos contadores de histórias, papel este também desenvolvido por mulheres. Sobre este perfil de mulher, veremos na análise do conto *Ponto a Ponto*, ítem do próximo capítulo dessa pesquisa.

CAPÍTULO III

A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE FEMININA NA FORMAÇÃO DO LEITOR NA CONTÍSTICA INFANTOJUVENIL

Luciete de Cássia Souza Lima Bastos (2010) pontua que “Ana Maria não menospreza a capacidade de apreensão de seus jovens leitores. Assim sendo, usa, com algumas restrições, construções mais elaboradas” (BASTOS, 2010, p.76). Destarte, neste terceiro capítulo buscamos entender a relação das análises dos contos com a formação do leitor, quanto à construção da identidade feminina, posto que, embora as narrativas de Ana Maria Machado dialoguem com alguns contos e ideologias tradicionais. A autora provoca uma ruptura dos padrões predominantes com representações de mulheres da maioria dos contos clássicos, assim, a leitura e análise dos contos de Machado, por meio da literatura infantojuvenil, é uma forma de ressignificar as faces de mulheres nos contos trabalhados.

Dessa forma, estes contos podem ser lidos como mecanismos literários fundamentais no processo de transformação da educação feminina e na formação do leitor, humanizando-o, como observa Candido (1997) sobre o papel da literatura, e ainda quanto ao lugar da mulher na sociedade. Para tanto, investigamos partindo da narrativa *Ponto a Ponto* e visitando a história da mulher quanto a contação de histórias e inserção no mundo da escrita. Na sequência por meio do conto *A princesa que escolhia*, revisitemos a teoria quanto a mulher no sistema patriarcal e as mudanças quanto a voz, posicionamento e espaços. Por fim, relacionamos como o contato com a literatura infantojuvenil na educação contribui para a formação da identidade feminina e para o sujeito leitor no que diz respeito à liberdade feminina nos contextos sociais. Neste item, comparamos alguns contos tradicionais, com as narrativas de Machado.

Lembrando que, explorar a figura da mulher na contística infantojuvenil destaca a relevância deste trabalho nas duas esferas, a social e a científica. Esta revisita as representações femininas presentes na historiografia literária, compreende as mudanças e as ideologias que permeiam o acervo infantojuvenil e amplia as pesquisas científicas quanto à escrita de autoria feminina, desta mulher que, por meio das suas narrativas, influência na formação de diversas crianças, adolescentes e jovens. Já no campo social, esta pesquisa permite a reflexão quanto ao lugar da mulher diante das mudanças históricas e sociais e como isso pode ser entendido no mundo contemporâneo, além de formar um leitor crítico capaz de visualizar nas narrativas a vivência da mulher na sociedade como bem podemos observar nas análises dos contos a seguir.

3.1 *Ponto a Ponto*: a mulher escritora e contadora de histórias

“Não tínhamos voz
 Não tínhamos nome
 Não tínhamos escolha
 Só tínhamos uma face
 Uma mesma face”

(A odisséia de Penélope, de Margaret Atwood).

Ponto a Ponto foi publicado pela primeira vez em 1998 pela editora Berlendis e publicado novamente em 2006 pela editora Companhia das Letrinhas. A atual edição da obra conta com um posfácio na qual a escritora relata “que escrever esta história foi uma verdadeira viagem literária” (MACHADO, 2006, p.45), isso porque o conto reúne fragmentos de onze histórias da tradição popular de diferentes origens. Essas histórias são mencionadas pela escritora no posfácio, na qual a mesma convida o leitor a conhecê-las na versão integral. As histórias selecionadas constituem parte do conto, todas elas apresentam em comum, a atividade de tecer, bordar e costurar sendo estas feitas todas por mulheres.

Nesse posfácio, Ana Maria Machado explica que a escrita da obra é embasada na relação entre o texto e os têxteis, tal reflexão para ela revelou-se numa discussão ampla que resultou na publicação do Livro *Texturas Sobre Leituras e Escritos*, publicado em 2001. O livro é composto por uma coletânea de ensaios, no qual ela examina o tema numa abordagem teórico científico. Em um desses ensaios, escrevendo sobre tal relação, a autora explica: “Enfim, essas ideias de relacionar a escrita e o tecer, fiar e bordar já vinham girando havia muito tempo em meu espírito, e não havia nada demais nisso” (MACHADO, 2003, p.175). Aqui ressaltamos que em *Ponto a Ponto*, veremos essa relação, do texto e os têxteis, sendo o processo de criação da narrativa, baseado na analogia entre: o processo de tecer com a historicidade da vida da mulher, sendo esta história registrada através da própria narrativa que nos é apresentada pela personagem.

A protagonista da narrativa caracterizada pela voz trazia consigo a tradição da mulher do lar, da dona de casa que, conforme descreve Machado, “cerzia meias, pregava botões, fazia bainhas...” (MACHADO, 2006, p.03). Este ofício é relatado por diversas historiadoras do assunto, história da mulher, na qual há registros que revela ser uma prática comum e desenvolvida especialmente por mulheres, possível de encontrar seu exercício em todas as classes sociais. No Brasil, por exemplo, século XIX, relata a historiadora Maria Ângela D’Incao que “As mulheres da elite, com tempo livre para se dedicarem à leitura entre as aulas de piano e de dança, os bordados e as costuras” (D’INCAO, 2000, p.231). Em outro

escrito, encontramos, o ofício da costura utilizado por outra classe de mulheres, Miridan Knox Falci aponta que: “As mulheres pobres não tinham outra escolha a não ser procurar garantir seu sustento. Eram, pois, costureiras e rendeiras, lavadeiras, fiandeiras ou roceiras[...]” (FALCI, 2000, p.250). Ainda em relação a este trabalho, corrobora Margareth Rago quando afirma que “[...]muitas mulheres eram costureiras e completavam o orçamento doméstico trabalhando em casa [...]”(RAGO, 2000, p.581). E para as moças de alta linhagem Miridan Knox Falci completa que elas não tinham muitas atividades fora do lar. Eram treinadas para desempenhar o papel de mãe e as chamadas “prendas domésticas” – orientar os filhos, fazer ou mandar fazer a cozinha, costurar e bordar” (FALCI, 2000, p.249).

Portanto, verificamos no conto de Machado (2006), a historicidade da mulher que é parte de uma cultura repleta de significados. Aprender a costurar para a mulher, assim como outros ofícios domésticos, está intimamente ligado à uma educação e tradição, sendo esta importante, pois propicia uma possível oportunidade de renda, no que se refere às camadas de mulheres menos favorecidas economicamente; também um ofício tido por muitos como ideia de dote, ou seja, uma qualidade que ideologicamente era ligada à natureza da mulher, por isso era considerada em sociedades patriarcais como uma capacidade necessária a ser estimulada e desenvolvida, isto no caso das mulheres das altas classes. Assim sendo, um trabalho tradicionalmente exercido em diferentes classes sociais, estará continuamente presente nas sociedades contemporâneas.

Michelle Perrot, em seu livro *Minha história das mulheres*, no subitem *Operárias da costura*, destaca: “A costura foi um imenso viveiro de empregos, de ofícios, de qualificações para as mulheres, e isso durante séculos.” Perrot (2016) ainda acrescenta que o ofício, “Está ligado à importância do vestuário e da roupa íntima em nossa cultura, nesse estágio do desenvolvimento das sociedades ocidentais” (PERROT, 2016, p.121). Presente nas atividades do cotidiano, a técnica foi passada de geração em geração, também é possível verificarmos a presença dessa importante atividade nos contos populares. Nos enredos tradicionais, a técnica é desempenhada por mulheres conferindo a elas a capacidade de exercerem bem essa prática. E, é dessa maneira que encontramos nas sínteses das narrativas populares que *Ponto a Ponto* nos faz revisitar, por meio da própria protagonista que se revela uma contadora de histórias, aquela que conta a história não apenas de um ofício, mas sim de uma tradição, valorizada ao decorrer de anos. A narrativa nos diz: “Parece que as mulheres não faziam outra coisa na vida a não ser tecer. Eram tantas as histórias que a voz contava...” (MACHADO, 2006, p.22). Vejamos um trecho de uma das histórias contada que a

protagonista narra enquanto se dedica aos afazeres domésticos. Observemos, como a escritora cita no conto o trecho da história *Os doze cisnes selvagens* dos Irmãos Grimm, na qual percebemos que a autora elucida como ponto de reflexão, a técnica da tecelagem. Temos, portanto, uma importante atividade, necessária à condição humana, e até então conferida e desenvolvida pelas mãos femininas. Conforme os contos populares, uma tradição encontrada em várias partes do mundo:

...Com as mãos feridas, os dedos ardendo, a menina continuava dia e noite, dia e noite, mal parando para dormir. Desfiava os talos de urtiga, montes e montes de talos que trouxera do bosque. Formava fios, fazia meadas, enrolava em novelas. E, preocupada com o tempo que passava veloz, foi tricotando as doze túnicas de urtiga, esperando que chegasse o dia de verão em que os doze cisnes selvagens iriam finalmente voltar. Tinha que conseguir acabar a tempo, para poder vestir neles as doze túnicas que estava tecendo. Só assim o encanto se romperia e eles voltariam a ser seus irmãos queridos. Só assim poderiam todos ir para casa de novo... (MACHADO, 2006, p.18).

Ao realizar a leitura desse trecho, inferimos que a importância do ofício da tecelagem geralmente, é posta na ficção como chave que soluciona a problemática do enredo. Este mesmo ponto chave que o exercício da função de - tecer, bordar, costurar e ou fiar - é sempre uma condição necessária às protagonistas, condição esta para que seja possível alcançar um determinado fim. Essas histórias além de serem fascinantes, nos dão margem para dialogarmos sobre um dado momento histórico em que eram delegado às mulheres a condição de saber exercer as atividades do lar, dentre elas as de - costurar, fiar ou tecer - como algo necessário para serem consideradas boas donas de casa, ou ainda como costumávamos escutar em uma época não tão longínqua dos tempos atuais: - essa moça está pronta para casar. No Brasil dos anos dourados, 1950, por exemplo, temos uma sociedade que prezava pela mulher ideal, e que mulher é essa?

Segundo Carla Bassanezi:

Na família- modelo dessa época, os homens tinham autoridade e poder sobre as mulheres e eram os responsáveis pelo sustento da esposa e dos filhos. A mulher ideal era definida a partir dos papéis femininos tradicionais – ocupações domésticas e o cuidado dos filhos e do marido – e das características próprias da *feminilidade*, como instinto materno, pureza, resignação e doçura (BASSANEZI, 2000, p.608).

Dessa maneira, *Os doze cisnes selvagens* dos Irmãos Grimm entram em harmonia com Bassanezi quanto algumas características da mulher ideal, como o cuidado materno e a ocupação doméstica. Importante pontuar que, *Ponto a ponto* assim como *Os doze cisnes selvagens*, o ato de tecer é o instrumento utilizado pela mulher para a resolução dos problemas, observemos que este instrumento está ligado ao ambiente destinado à mulher por

muito tempo na sociedade, o doméstico, assim como uma prática ideologicamente vinculada a ela quanto a sua praxe “à mulher, a cozer, lavar , a fazer rendas, e todos os misteres femininos, que incluía a reza” (GOTLIB,2003, p.27).

Sobre o cuidado materno em *Os doze cisnes selvagens*, Ana Maria Machado descreve na análise no posfácio, que a narrativa “fala de forma intensa sobre o amor fraterno e o trabalho feminino” (MACHADO, 2006, p. 46). Igualmente veremos que, em toda a narrativa *Ponto a Ponto*, o foco é o trabalho feminino, sendo explorado nas primeiras linhas-as atividades do lar, da mulher dona de casa, da mulher mãe- “Voz de mulher”. Doce e mansa. De rezar, ninar criança, muitas histórias contar. De palavras de carinho e frases de consolar. Por toda e qualquer andança, voz de sempre concordar” (MACHADO, 2000, p.04), e nas demais páginas do conto lerem as histórias que essa voz de mulher irá recontar: “e a velha a fiar” (MACHADO, 2000, p. 07) – trecho do conto *A velha a Fiar* - , “era uma vez três irmãs que passavam o tempo todo fiando...” (MACHADO, 2000, p. 10) – trecho do conto *As Parcas*-, “Era uma vez uma rainha que passava os dias na frente de um tear, fazendo uma tapeçaria” (MACHADO, 2000, p.11) – trecho do conto *Penélope* -, e assim segue toda a narrativa, sendo que esse foco nas atividades do lar, mais especificamente o da tecelagem, é o primeiro ponto a ser colocado na narrativa. Podemos inferir, até aqui, que a ideia expressa no conto é justamente da tradição que envolvia toda a vida da mulher, sendo esta, por sua condição de ser mulher, conduzida pela cultura dominante, destinada a uma única forma de se viver “Voz fraca e pequenina”. Voz de quem vive em surdina. Um fiapo de voz que tinha todo o jeito de não ser ouvido. Não chegava muito longe. Ficava só ali mesmo, perto de onde ela vivia. Um pontinho no mapa” (MACHADO, 2006, p.04). É exatamente essa voz, voz de mulher que conta a seus filhos as narrativas que evidenciam o trabalho desta mesma mulher, e a forma como esta trabalha, e como o sua história se repete a cada nova história contada, “E de noite, em casa, enquanto cerzia meias, pregava botões, fazia bainhas, sua voz contava as histórias que tinha ouvido de outros fiapos de voz. Montes de histórias de mulheres e fiapos, fios e linhas de todo tipo, ponto a ponto se tecendo e virando novas tramas. Cada noite uma história diferente” (MACHADO, 2006, p.09).

Além de adentrarmos nos tempos em que a mulher estava intimamente ligada aos ofício do lar, por tradição e devido a uma cultura preponderante, temos ainda uma outra perspectiva a partir do conto de Machado (2006), verificamos que, a partir da prática de tecer, é nos revelada outra face de mulher, a que conta histórias da tradição oral sendo estas de diversas origens. O conhecimento oriundo de nossa cultura e de nossa historicidade, eleva

a capacidade de percebermos e valorizarmos nossa sociedade como um todo, uma vez que nos põe a par dos avanços e dos retrocessos da mesma. Além do mais, nos faz refletir acerca das relações humanas e das relações com o meio social.

Retomemos a importância da prática da contação de história para a sociedade, além de muitos contos populares, que nasceram da nossa literatura oral, como por exemplo grande parte da obra dos irmãos Grimm, a contação de história é uma prática antiga e contemporânea significativa, visto que utiliza dos meios literários para falar de práticas de um tempo passado e que, por vezes, ainda são atividades do meio presente. No que diz respeito à análise de *Ponto a Ponto*, para a personagem criada por Machado (2006), o contar histórias é um ofício que, agregado às atividades do lar, faz com que a mesma reflita sobre sua própria condição, na qual está associada seu estado de vida entre o imaginário, a memória e o tempo, “Montes de histórias de mulheres e fiapos, fios e linhas de todo tipo, ponto a ponto se tecendo e virando novas tramas. Cada noite uma história diferente. Algumas muito, muito antigas” (MACHADO, 2006, p. 09).

Nesse sentido, a narrativa é construída exatamente como numa costura, sendo o primeiro ponto a ser tratado- costurado- podemos assim notar que se trata do resgate da memória tradicional, mais especificamente, da mulher ideal. A vivência deste perfil de mulher, por parte da personagem protagonista é evidenciado na maneira que o narrador descreve a característica da dona da voz que era uma “[...] voz de sempre concordar” (MACHADO, 2006, p.04). A palavra concordar, segundo o *Dicionário Etimológico*²⁴, origina-se da raiz etimológica da palavra coração – do latim *cor* ou *cordis*. Portanto, *cor* ou *cordis* deu origem a palavra concordar, sendo esta formada do latim *con* + *cordis*, que quer dizer com coração. Para a protagonista do conto é exatamente este o significado, essa voz que sempre concorda é a ligação da história de uma geração feminina com a sua própria, seu coração está decidido viver conforme lhes destinou “Por toda e qualquer andança, voz de sempre concordar” (MACHADO, 2006, p.04). Destacamos que esse perfil feminino não será assim até o final do conto, a narrativa se desenvolve a partir de uma representação, a das mudanças no cotidiano da mulher em linhas históricas da realidade humana. Assim, este trecho da narrativa mostra a existência da face da mulher que foi submissa e posteriormente da mulher autônoma.

Vale ressaltar que, assim como acontece em um processo de costura, na qual a linha

²⁴ Informações contidas em: <https://www.dicionarioetimologico.com.br/coracao/> Acesso em: 05 de novembro de 2023 às 10hs.

vai traçando o tecido, da mesma forma ocorre no percurso histórico da mulher, e é desta maneira que Machado constrói a narrativa, mostrando as modificações históricas da atuação da mulher no tempo. A personagem, de início, “[...] sonhava. Enredada nos sonhos, cantava as velhas cantigas que ouvira quando pequena” (MACHADO, 2006, p.07). Em relação à esse perfil, o de uma mulher com novas perspectivas, Michelle Perrot diz que: “[...] o que importa reencontrar são as mulheres em ação, inovando em suas práticas, mulheres dotadas de vida, e não absolutamente como autômatas, mas criando elas mesmas o movimento da história (PERROT, 2017, p.114)”.

A personagem dona da voz, de início, apresenta um perfil e, mais adiante, como uma mudança de pensamento, passa a demonstrar um novo perfil, sendo assim, temos pontos distintos do perfil de uma mulher. Veremos que há, na narrativa, um movimento de resgate de uma memória do tradicional cultivada e vivenciada até certo momento pela personagem que nos leva a conhecer mais uma representação, aquela que está almejando uma nova perspectiva de vida, a construção de uma nova história. Ao caracterizar a voz da mulher como “um fiozinho à toa”, em relação ao emprego do termo ‘à toa²⁵’ na narrativa, a escritora traz uma série de atributos ao perfil da personagem, o que também podemos inferir algumas observações em relação a mulher e o trabalho no contexto histórico. Tomando por base a frase- algo sem importância-, que constitui parte da definição da expressão ‘à toa’, aqui ressaltamos as discussões em relação aos desafios e perspectivas do trabalho desenvolvido pelo feminino, um deles o trabalho doméstico.

No conto, a personagem, mulher simples, caracterizada pelos trabalhos do lar, é identificada pelo narrador como “um fiapo de voz que tinha todo o jeito de não ser ouvido” (MACHADO, 2006, p.04). Esse trecho da narrativa recorda um tempo em que se ouvia falar em maior número da dona de casa, àquela mulher que se dedicava exclusivamente ao ambiente doméstico. Mudanças na vida das mulheres são notáveis em muitas sociedades, para ilustrar algo sobre as donas de casa e dizer que as mulheres sempre desenvolveram trabalhos, muitas vezes e sob alguns olhares esse trabalho do lar, como vimos na narrativa

²⁵ “Toa” vem do inglês “tow”, que é a corda usada por um barco para rebocar outro. Quando os grandes navios se aproximam do porto, eles são conduzidos por um barquinho pequeno, cujo rabo de reboque recebe o nome de “toa”.

Por isso, enquanto são puxados pela toa, os marinheiros do barco maior ficam sem fazer nada. À toa é algo feito sem esforço, é algo sem importância. Os portugueses, afeitos às grandes navegações, resolveram dar um sentido figurado a esse procedimento marítimo, e já faziam isso desde o século XVII. Contido em: <<https://exame.com/carreira/a-origem-curiosa-de-3-expressoes-populares-do-portugues/>> Acesso em 14 de novembro de 2023 às 22 horas e 15 minutos.

era visto como algo sem muita importância, ‘à toa’. Nos estudos de Michelle Perrot (2016):

O trabalho doméstico é fundamental na vida das sociedades, ao proporcionar seu funcionamento e reprodução, e na vida das mulheres. É um peso nos seus ombros, pois é responsabilidade delas. É um peso também na sua identidade: a dona de casa perfeita é o modelo sonhado de boa educação, e torna-se um objeto de desejo para os homens e uma obsessão para as mulheres. O caráter doméstico marca todo o trabalho feminino: a mulher é sempre uma dona de casa (PERROT, 2006, p. 114).

De início, é essa a mulher que Ana Maria Machado traz em sua narrativa, e que é caracterizada com “voz de sempre concordar” (MACHADO, 2006, p.03), e ainda é comparada com a nascente de um rio que “também nascia manso e suave” (MACHADO, 2006, p.03), um perfil feminino expressado em ficção que é uma história de mulher silenciada, posto em prosa. E essa “voz de sempre concordar” é definida historicamente por Perrot na citação acima e também por Norma Telles que, conforme ela, “O que lhe cabe é uma vida de sacrifícios e servidão, uma vida sem história própria” (TELLES, 2000, p.403). Compreendemos, a partir do exposto, que a história da mulher é uma história singular, uma vida naturalmente construída que historicamente revela marcas negativas, pela visão errônea por parte daqueles que tomavam frente para gerenciar uma sociedade, em sua maioria homens.

Na narrativa *Ponto a Ponto* (2006), essa história singular aparece e mostra ao mesmo tempo que, conforme diz Telles, muitas vezes caracterizada em um cotidiano de servidão, o que prova que as mulheres sempre trabalharam, porém, ainda de acordo com o pensamento de Telles, em sua maioria, esses trabalhos eram desvalorizados pela sociedade. A própria mulher, ao refletir sobre sua identidade, precisou e precisa, muitas vezes, reafirmar-se como importante no processo de construção e organização das sociedades, valorizando suas capacidades e seus posicionamentos frente a desvalorização, seja pela sua identidade, a do ser mulher, ou ainda pelo trabalho que desempenha, independentemente da área de atuação.

Ressaltamos, portanto, que a área doméstica não diminui o ser mulher, pelo contrário, ela já mostra suas capacidades de atuar, de gerenciar e de estabelecer-se como ser necessário à continuação do desenvolvimento da humanidade. O ambiente do lar, na contemporaneidade, no geral, foi ressignificado. Observamos que, atualmente em diversas realidades humanas, as competências em relação aos afazeres domésticos precisaram ser assumidas por ambos os gêneros, uma vez que, assim como o homem, mulheres vem se tornando também provedoras de um lar, passando a ocupar espaços que até então não era o comum de serem vistas, ou seja, integrando à locais e ofícios que, comumente, visualizamos

em massa, sendo realizados pela figura masculina.

Sobre o exposto, Rose Marie Muraro (1993) argumenta:

À medida que as mulheres vão entrando no mundo do trabalho, os homens começam a dividir com elas os trabalhos de casa e a criação dos filhos, isto é, começam a entrar para o domínio privado. Assim, esboça-se um esforço de reintegração entre o público e o privado, fruto de uma incipiente integração entre o homem e a mulher (MURARO, 1993, p.176).

Em *Ponto a Ponto* (2006), é possível termos essa dimensão dos acontecimentos históricos em relação à mudança nas áreas de atuação da mulher, pois o desejo da personagem por adentrar em novos caminhos é essa representação do real expressada na ficção. Essa relação homem e mulher também ganha espaço na narrativa quando lemos “E ele era mesmo seu fio, seu filho nascido de um pontinho, ponto feito de dois pontos, de homem e mulher, vida nova, pronto para a imensidão” (MACHADO, 2006, p.38). Portanto, destacamos que esse estar “pronto para a imensidão” se dá no sentido de integração, explicada por Muraro (1993), na qual não somente está o homem, mas ambos, o homem e a mulher, como sendo capazes de explorar as numerosas oportunidades de atuação no mundo público e no privado.

Por outro lado, a ficção ainda nos leva a pensar nas inúmeras realidades em que as mulheres enfrentam dificuldades pelas condições locais desfavorecidas economicamente e mais, ainda nos faz refletir sobre o condicionamento de costumes ligados ao perfil feminino, que, por vezes, definia o ser e o estar dela conforme todas as demais mulheres de geração e tradição familiar. Por vezes, perceberemos que o meio interfere nos desejos e perspectivas da mulher, ora desmerecendo-a, ora definindo o seu lugar. Ainda assim, é possível encontrarmos as protagonistas, aquelas mulheres que desafiaram o meio e a tradição, buscando novas oportunidades que, muitas vezes, vem acompanhado do desejo de melhorias nas condições de vida. Esse diálogo, nos faz recordar de um curta-metragem vencedor de mais de cinquenta prêmios a nível nacional e internacional, dirigido por Márcio Ramos e intitulado *Vida Maria* (2006), a obra cinematográfica de oito minutos e trinta e cinco segundos de duração, retrata diversos temas, dentre eles as condições da mulher no Brasil, mais especificamente na região do nordeste. Ele conta a história de Maria José, em seus primeiros anos da infância, é condicionada a seguir o ciclo de todas as mulheres de sua ancestralidade: aprender a fazer os serviços do lar e logo mais, enquanto cresce realizando ofícios doméstico esta está destinada a casar, ter filhos e, dessa maneira, realizar o que rege a tradição daquela região. Algo interessante no curta-metragem é a cena em que inicia; Maria

José está escrevendo, treinando a escrita cursiva de seu nome em um caderno, em seguida é interrompida por sua mãe que diz assim: “Em vez de ficar aqui perdendo tempo ‘desenhando o nome’, vá lá pra fora arranjar o que fazer!”. Assim, verificamos que o filme do ano de 2006 e o conto de Machado publicado originalmente em 1998 dialogam em relação à essa história das condições difíceis que estão ligadas ao perfil feminino, o difícil acesso à educação e as melhorias nas condições de vida.

Ambas as protagonistas, tanto a do conto quanto a do filme, representam a mulher simples, das regiões interioranas “A mulher dona da voz gostava de sentar com as filhas junto ao rio” (MACHADO, 2006, p.07), no filme “Tem o pátio pra varrer... tem que levar água pros bichos” (2006). A partir do filme, podemos refletir sobre a dura condição da geração feminina que vive numa região economicamente desfavorecida. A mãe da Maria José compreende ser perda de tempo dedicar-se ao conhecimento, portanto, o acesso à educação de Maria José é interrompido por sua mãe. Segundo o curta-metragem, a geração feminina está relegada à condição de que elas devem desempenhar apenas as atividades estritamente ligadas aos afazeres domésticos.

Em *Ponto a Ponto*, há a interrupção dessa condição de ancestralidade feminina, a escritora revela pela voz da personagem essa ‘Maria’ que está cansada de seguir o ciclo, decide rompê-lo. A personagem ao fazer uma leitura de sua vida, reflete sobre suas condições e revela que não quer mais “aquela vida de tricô, sempre numa carreira depois da outra, tudo igual [...]” (MACHADO, 2006, p. 34), uma nova história ela deseja construir diferente de sua linhagem feminina.

Vejamos como se dá esse processo na narrativa:

E a dona da voz foi lembrando da mãe e da avó. De outras mulheres, no mesmo rio. Agachadas junto à correnteza, lavando roupa, arejando panelas, enchendo cântaros de água para levar para casa. Sempre só com seu fiapo de voz. Bom de rezar, ninar criança, contar história, dizer palavra de carinho e concordar: - Sim, senhor. - Já estou indo. - Amém. Sem sair da linha (MACHADO, 2006, p.31).

Em seguida, a personagem decide construir novos rumos:

Até que, um dia, tudo saiu da linha. Com a dona da voz. Não quis mais aquela vida de tricô, sempre uma carreira depois da outra, tudo igual, ponto a ponto, laçada a laçada, de uma agulha para outra, vai e vem. Para agasalhar os outros. Da correnteza do rio para a reza da igreja. Pró lá, prá cá. Sem ir adiante. Corrente e cruz. Cruz e corrente. Mas a dona da voz seguiu o fio do pensamento e achou que podia ser diferente (MACHADO, 2006, p. 34).

Na narrativa, a personagem revê a repetição de padrões como que um despertar para uma nova posição, a partir dessa postura da protagonista, portanto é possível interpretá-la

como a ‘Nova Mulher’, que segundo a historiadora Norma Telles é parte de algumas mudanças que ocorrem no mundo no século XIX:

O século XIX foi marcado por profundas transformações nas estruturas econômicas e sociais da Europa ocidental; mudanças que acabaram afetando o mundo todo em virtude das características do processo de expansão. Foi o momento de maior abrangência do imperialismo europeu, diferente dos anteriores pela escala, impacto das alterações e detalhamento da organização do poder, fato que mexeu não só com as estruturas, mas também com os detalhes da vida cotidiana: das grandes teorias científicas ou filosóficas ao modo de se portar em determinado ambiente, como cuidar do corpo ou se dirigir ao outro (TELLES, 2000, p.401).

Portanto, sob o olhar da ficção e, conforme aponta Telles (2000), verificamos um novo perfil de mulher, uma face feminina que sob as condições do mundo e suas transformações, está atenta aos detalhes da vida cotidiana e disposta a repensar sua própria história e sua identidade. Àquela que quando se dá conta, desperta a consciência para estar e atuar em novos espaços da demanda social, um ciclo que se encerra ou talvez uma nova maneira de iniciar o ciclo. “Cansou. Ponto final. - Com minha mãe foi assim. Foi assim com minha avó. Não quero isso pra mim, não dou mais ponto sem nó (MACHADO, 2006, p.31)”. A personagem de Machado (2006) assume, socialmente, novo papel e reafirma suas condições de ser e estar na sociedade, “Agora era ponto de honra. Juntaria um fio a outros, somaria sua voz, faria um canto, um tanto... que chegasse a todos nós” (MACHADO, 2006, p. 31).

Interessante que em *Ponto a Ponto* há um movimento entre os afazeres domésticos, com destaque na tarefa do tecer em conjunto a contação de histórias que resulta num processo de reflexão das práticas e a decisão de traçar novos trajetos; Vejamos que esse movimento é importante, pois revela a nós leitores uma geração de mulheres que exercia um ofício que é parte significativa na história da humanidade, caracterizando como trabalho necessário nas questões de avanço econômico e tecnológico e que inclui a mulher nesse processo. Podemos perceber que a maneira como a atividade de tecer e da contação de histórias é posta na narrativa, está também relacionado ao fato de essas mulheres quererem se exprimir de alguma forma. A leitura, a escrita sempre acompanha essa tradição. A mulher cumpriu seu papel, mas sempre almejou alcançar novos espaços. O costurar e tecer também esboçam uma mera introdução da mulher no mundo do trabalho, assim como a educação, outro fator de libertação.

Vimos, em linhas anteriores e é pertinente retomarmos que, em diferentes classes sociais o bordar, costurar e o tecer sempre estiveram presente como práticas necessárias seja

para o trabalho que definiria mulher do lar ou para ser considerada uma mulher pronta para casar. Ainda foi possível verificarmos que, nesse percurso, há detalhes que marcaram a história da mulher, uma vez que a prática da tecelagem foi associada exclusivamente à seu perfil em diversas sociedades. Vamos aproveitar o ensejo da personagem criada por Machado (2006), já que esta representa a mulher da camada popular, e esboçar mais sobre este perfil relacionado à atividade têxtil.

Conforme aponta estudos de Margareth Rago (2000)

A industrialização brasileira iniciou no Nordeste do país entre as décadas de quarenta e sessenta do século XIX – especialmente, com a indústria de tecidos de algodão na Bahia – e deslocou-se progressivamente para a região Sudeste. Na passagem deste século, o Rio de Janeiro reuniu a maior concentração operária do país, tendo sido superado por São Paulo apenas nos anos de 1920. De modo geral, um grande número de mulheres trabalhavam nas indústrias de fiação e tecelagem, que possuíam escassa mecanização; elas estavam ausentes de setores como metalurgia, calçados e mobiliário, ocupados pelos homens (RAGO, 2000, p.580).

Ofício, conforme aponta historiadores, oriundo dos interiores da vida privada, conhecido historicamente por ter sido frequentemente alinhado e desempenhado pela mulher, com isso podemos inferir que, o ato de fiar na narrativa simboliza uma história que passada pela tradição oral e que revela a nós o cotidiano das mulheres, suas vivências e experiências.

A essas fontes clássicas convém acrescentar aquelas produzidas pela história dita “oral”, “autobiografia daqueles que não escrevem”, gravadas em fita. Esse procedimento se difundiu bastante, tendo mesmo despertado um entusiasmo exagerado nos anos 1970, na esteira de um certo populismo cultural que queria fazer falar os mudos, os ausentes da história: os operários, as mulheres (PERROT,2016, p.35).

Esses registros, orais e escritos, estão na literatura e é por meio da escrita fictícia que elas mostram aspectos da tradição e as mudanças em torno da realidade contemporânea. E, é dessa maneira que em *Ponto a Ponto* (2006) é narrado, numa perspectiva de protagonizar o feminino, dando-lhe voz no texto, ou melhor, ser essa voz que conta a história de uma ancestralidade e que deseja escrever uma nova história da mulher.

A estes moldes é que se caracteriza a narrativa, essa nova história da mulher, deduzimos que no texto de Machado (2006) a protagonista representa essa mulher que possui o desejo de ocupar outros espaços, de ter acesso ao conhecimento, de poder criar não apenas em linhas de tecido, tecendo, mas também em linhas de fontes bibliográficas. Em *Ponto a Ponto* (2006), o narrador relata que a protagonista vê seu filho desenhando “Viu o seu filho desenhando, um fio de lápis, pontos, traços (MACHADO, 2006, p.29). É a partir desse trecho que compreendemos ser exatamente a ilustração de uma memória feminina que, por períodos

na história da humanidade e em diferentes sociedades, esteve privada do acesso ao ensino. Na narrativa quem desenha é seu filho, quem segura um lápis é o filho da protagonista, um menino, porém, a protagonista conta enredos, enquanto trabalha no interior de sua vida cotidiana, ao mesmo tempo que tece, narra histórias, brinca com as palavras, porquanto produz literatura oral, uma contadora de história.

A personagem de Machado (2006) almeja avançar, e assim como seu filho, utilizar um lápis, e poder desenhar também sua própria história, não apenas uma ação simples de poder usar de um instrumento de escrita, mas sim de poder dizer que quer, como mulher ressignificar a sua própria condição de ser e estar no mundo, por isso a protagonista do conto diz:

Agora ponto corrente, agora ponto de cruz. –Venham, filhos, venham cá. Venham ouvir novos contos: Nunca mais entrego os pontos. Um mundo vamos bordar. Minha linha agora eu traço, num bordado que eu invento. Ponto a ponto, passo a passo, Por um caminho que eu faço, Modelo que eu mesmo tento (MACHADO, 2006, p.40).

Curiosa é a forma como Machado constrói a narrativa que diz muito de dois papéis importantes, o contador de história que preserva a cultura e a sabedoria popular, e o escritor que contribui no processo de formação cultural e ainda atua diretamente na aprendizagem do ser humano. Ambos os papéis são perfis da personagem principal da escritora, personagem nomeada por ‘Dona da Voz’ e que se inclui no processo ao falar com o filho que “um mundo vamos bordar”. Sob o olhar Histórico, em se tratando da palavra escrita e das produções literárias, conforme Norma Telles, foi a partir do Século XVIII que acentua o número de obras produzidas por mulheres:

[...] foi a partir dessa época que um grande número de mulheres começou a escrever e publicar, tanto na Europa quanto nas Américas. Tiveram primeiro de aceder à palavra escrita, difícil numa época em que se valorizava a erudição, mas lhes era negada educação superior, ou mesmo qualquer educação a não ser a das prendas domésticas; tiveram de ler o que sobre elas se escreveu, tanto nos romances quanto nos livros de moral, etiqueta ou catecismo. A seguir, de um modo ou de outro, tiveram de rever o que se dizia e rever a própria socialização. Tudo isso tornava difícil a formulação do eu, necessária e anterior à expressão ficcional (TELLES, 2000, p.403).

Em *Ponto a Ponto* além da linguagem altamente metafórica, na qual a escritora compara durante toda a narrativa a construção têxtil com a construção da vida simples de sua personagem, “E foi- se o tecido cobrindo, de cor em cor enfeitada. Foi a história construindo, mãos em risco de bordado. Mães e filhos, ponto a ponto, fazem um mundo em contraponto” (MACHADO, 2006, p. 41), é possível conferir à essa linguagem que a narrativa nos aponta uma nova face de mulher que escreve sobre suas condições a partir de

suas memórias, característica ligada à própria personagem que revela muito do universo feminino, seus incômodos, sonhos e a ótica de sua própria identidade.

Em geral, inferimos que a - Dona da Voz -, personagem de Machado (2006) é a face da mulher que encanta pela palavra escrita, que deseja realizar-se no plano de sua própria história, não se prender às atividades domésticas, mas ir além destes trabalhos que tradicionalmente eram padrões em sua linhagem familiar desempenhados por mulheres, esta personagem se vê capaz de rever a sua imagem: “Do mesmo jeito que o rio seu fio-d’água engrossou, o fiapinho de voz por bem longe se espalhou. Virou foto no jornal, saiu na televisão. Contou em livro de história e está aqui na sua mão (MACHADO, 2006, p.45)”, dessa maneira finaliza o conto, a personagem ao rever sua imagem, vê que pode ir mais longe. O ir mais longe é definido pela escritora como a história dessa mulher que é contada em meios de comunicação e, mais ainda, em livro que, conforme a narrativa é escrito pela própria personagem, portanto, essa nova face é abordada na ficção, a face da mulher escritora.

Sobre a importância da mulher que escreve, Perrot (2016) argumenta:

Procuramos os vestígios das mulheres nos arquivos. Cabe igualmente procurá-las nos materiais impressos e nas bibliotecas. Para ouvir suas vozes-as palavras das mulheres-, é preciso abrir não somente os livros que falam delas, os romances que contam sobre elas, que as imaginam e as perscrutam – fonte incomparável -, mas também aqueles que elas escrevem. Folhear os jornais lançados por elas desde o século XVIII. Por conseguinte, transpor, com elas, os obstáculos que, durante tanto tempo, impediram seu acesso à escrita, fronteira proibida do saber e da criação (PERROT, 2016, p.31).

O conto, *Ponto a Ponto* (2006), narra por meio de personagens de clássicos literários mundiais diversas histórias de mulheres, em sua maioria, histórias antigas, com temáticas relacionadas ao ato de tecer, de fiar, e de contar histórias, entretanto, aborda também a mudança da personagem que decide narrar uma nova história. Assim, *Ponto a Ponto* (2006) reúne através da intertextualidade, vozes de mulheres silenciadas que, confinadas ao interior do lar, executavam com afinco a atividade da tecelagem.

Dessa maneira, a mulher representada no conto de Machado (2006) nos faz recordar dos questionamentos em relação ao lugar da mulher. Ora podemos destacar o acesso a leitura e a escrita vista como obstáculo à feminilidade, ou seja, por vezes a imagem da mulher tida como impossibilitada de desenvolver outras atividades senão as prescritas por uma determinada tradição. O confinamento no lar, em *Ponto a Ponto*, pode representar essa história da mulher que se dedicava exclusivamente à um ofício tido por seu dever. Podemos perceber que essa tarefa é um obstáculo para ela se prender a um objetivo único, porém, é

nos cuidados do lar que ela, ao refletir sobre suas condições, decide seguir novos caminhos ou até mesmo assumir estes caminhos pelas necessidades de um mundo em constante transformação.

Em outros casos, o enredo também mostra que o ofício da tecelagem é condição necessária para definir a personagem como pronta para o casamento, e está, portanto, associada à ideia de que todas elas estavam confinadas aos afazeres domésticos. Sob este viés, Machado (2003) resgata o mito misterioso dos gregos que apresenta, historicamente, a dependência da sociedade de atividades como a fiação e a tecelagem, exercícios que eram vistos como atividades femininas. Acrescenta também que mulheres que exerciam tal atividade “não constituíram apenas o modo de produção básico da casa ou da corte, mas também forneceram os primeiros produtos para os antigos mercados de troca de mercadorias” (MACHADO, 2003. p. 181). O interessante é refletirmos sobre a produtividade feminina e a tentativa masculina do apagamento e não reconhecimento do sexo feminino desde os tempos mais remotos, conforme aponta Dieter *apud* Machado (2003):

Isso significava que, para as mulheres, a demanda de um excedente da produção foi posta sobre seus ombros na fase mais remota do desenvolvimento da civilização. [...] Mais que isso. Permitiu a domesticação feminina, o confinamento da mulher no espaço doméstico. Ao mesmo tempo, possibilitou também que o aproveitamento desse excedente de produção levasse a formas primitivas de acumulação de riqueza que geralmente se acompanhavam pelo aumento das casas (ou pela construção de novos espaços) onde a fiação e a tecelagem se faziam lá dentro, longe das vistas, permitindo que os homens que comerciavam ocultasse essa evidência e pudessem negar sua dependência da produtividade feminina (DIETER *apud* MACHADO, 2003, p. 181).

Nesta perspectiva, entendemos que *Ponto a Ponto*, por meio de uma narrativa que traz essa atividade de produção tão significativa exercida por mulheres, mostra este percurso em que as atividades destinadas a mulheres, mesmo que importantes, foram restritas à esfera doméstica por muito tempo. Outro aspecto relevante se trata desta mudança social quanto a atividades e espaços, observemos que a protagonista de *Ponto a Ponto* assim como a mulher analisada em uma linha do tempo, rompe com a ideologia de que mulheres são obrigadas a darem continuidade à tradição e se limitarem a atividades domésticas, “Cansou. Ponto final. - Com minha mãe foi assim. Foi assim com minha avó. Não quero isso pra mim, não dou mais ponto sem nó. Agora era ponto de honra” (MACHADO, 2006, p. 31). Assim, a protagonista muda o ponto fechado, este ciclo, na qual a ação repetitiva é o único caminho familiar a ser seguido pela mulher, e passa a permitir o ponto aberto “Todos juntos, começaram um novo mundo a criar: ponto aberto, canutilho, ponto de hart e de areia, ponto

cheio e de cadeia, crivo, marca e ponto russo, ponto Paris, ponto-atrás, e nem me lembro quantos mais...tudo que é ponto existente e outro mais que se invente” (MACHADO, 2006, p.40).

Em síntese, o ponto aberto é uma técnica que permite abrir espaços no tecido, ou seja, este ponto aberto na narrativa pode simbolizar as possibilidades de novos espaços, estes que foram expandidos pelas mulheres ao longo de suas jornadas sociais. Dessa maneira, além das leituras e análises feitas anteriormente deste conto, pontuamos que ele também revela a libertação e autonomia feminina “Ponto a ponto, passo a passo, por um caminho que eu faço, modelo que eu mesma tento” (MACHADO, 2006, p.40). Isso mostra que *Ponto a Ponto* descreve também a união das mulheres que contribuíram para essas transformações quanto às ideologias patriarcais, uma vez que, por meio da soma das vozes das personagens que em ações pequenas das histórias contadas, consolidaram-se em uma voz forte e alta, torna capaz o ato de alcançar novos espaços, tanto na ficção de Ana Maria Machado quanto na historiografia feminina, inclusive a sua inserção no mundo da leitura e da escrita “do mesmo jeito que o rio seu fio- d’água engrossou, o fiapinho de voz por bem longe se espalhou. Virou foto no jornal, saiu na televisão. Contou em livro de história e está aqui na sua mão” (MACHADO, 2006, p. 44).

Destarte, o conto de Machado nos permite levantar uma reflexão significativa quanto a mulher escritora, tais como: Rachel de Queiroz, Conceição Evaristo, Cecília Meireles, Adélia Prado, Cora Coralina e a própria Ana Maria Machado. Essas mulheres e outras estão revisitando a historiografia literária, escrevendo novas histórias, representando a si mesmas e revelando essa nova fonte por meio da ampliação e exploração da escrita de autoria feminina que foram por muito tempo representadas pelo sexo masculino, mas agora são fontes de si mesmas, como aponta Perrot:

Discursos e imagens cobrem as mulheres como uma vasta e espessa capa. Como alcançá-las, como quebrar o silêncio, os estereótipos que as envolvem? Existem, entretanto, muitas fontes. Fontes que falam delas. Fontes que emanam delas, nas quais se pode ouvir suas vozes diretamente. Podem ser achadas em bibliotecas, local do impresso, dos livros e dos jornais; como nos arquivos públicos ou privados (PERROT, 2016, p.26).

Diante de todo o exposto, entendemos que o contato da mulher com a leitura e escrita permitiu a ela a mudança em sua própria história:

A história das mulheres mudou. Em seus objetos, em seus pontos de vistas, partiu duma história dos corpos e dos papéis desempenhados na vida privada para chegar a uma história das mulheres no espaço público da cidade, do trabalho, da política, da guerra, da criação. Partiu de uma história das mulheres vítimas para chegar a uma história das mulheres ativas, nas múltiplas interações que provocam a

mudança (PERROT, 2016, p.15).

Assim, para pensar nessas mudanças e como a leitura foi significativa para o acontecimento deste processo, analisaremos *A Princesa que escolhia* (2017), explorando questões, como as que envolvem os espaços das mulheres na sociedade, os conceitos do sistema patriarcal, a liberdade de escolha da mulher junto às questões de identidade, conceito da palavra tradição e da contemporaneidade.

3.2 *A princesa que escolhia: a mulher e o sistema patriarcal*

O conto *A princesa que escolhia* foi publicado originalmente em 2006. Para fins de análise textual, utilizamos a nona reimpressão da obra, publicada em 2017. A ficção narra as condições de uma princesa que, inicialmente, é vista como, muito boa, por obedecer e concordar com tudo que lhe era posto.

Era uma vez uma princesa muito boazinha e bem-comportada. Boazinha até demais, sabe? Obedecia a tudo. Concordava com todos, Uma verdadeira Maria vai com as outras. Parecia até que só sabia dizer: - Sim, senhor. Ou então: Sim, senhora. Dependendo de quem mandava. Ainda bem que isso não durou muito, porque senão a gente não ia ter história. Ou só ia ter uma história chata, sem graça nenhuma (MACHADO, 2017, p.05).

Temos, na narrativa, uma protagonista em um ambiente monárquico na qual para a sua condição de mulher há normas estabelecidas que regem seu comportamento, por isso verificamos que o narrador grifa nas primeiras linhas: “Obedecia a tudo. Concordava com todos, uma verdadeira Maria vai com as outras”. Percebemos que o conto de Machado, a partir de frases e expressões utilizadas, já no início da narrativa, contém informações que, se investigadas, nos levam de uma margem à outra, ou seja, a leitura da narrativa nos permite passar do maravilhoso para o real, no qual tende a realizar com o leitor, uma espécie de reflexão dos comportamentos humanos e de sua relação com o meio, estabelecendo ligação entre situações e conceitos definidos em épocas passada e em tempos presentes.

Uma das definições atualmente discutidas quando se aborda sobre a história da mulher é o conceito de sociedade patriarcal, na qual há diferentes explicações, assim também observamos, nesta análise, questões referentes ao comportamento no que se refere aos papéis sociais. Como vimos no capítulo II desta pesquisa, nos contos de Machado, tais quais: *Menina Bonita do Laço de Fita* (1986), *Uma, duas, três princesas* (2013), e *A velha Misteriosa* (1994), a partir de cada um dos enredos, foi possível revisitarmos perfis de mulheres que fizeram marco na História da Humanidade em diferentes sociedades, isso

porque no texto há essa verossimilhança. Vimos que todas essas mulheres são de regiões diferentes, realidades diferentes, ainda assim, eram atuantes na sociedade, portanto, protagonistas de uma dada organização social. O que queremos definir para você leitor é que, na trajetória histórica de organização da humanidade, nem sempre poderemos afirmar que o patriarcado em si constituiu um problema de ordem social ou no que tange às relações um problema de ordem familiar. Por mais que, como define a origem da palavra “o poder do pai – patriarcado –”, observamos que, os nomes especificados no capítulo anterior, são de mulheres que se identificavam como capazes de estarem em um sistema de cooperação e de atuação – no sentido de se relacionarem abertamente com a figura do homem, esposo, pai, chefe de governo, vimos que elas contribuem na organização da civilização. Recordemos, tais nomes, como: Leonor de Aquitânia (1122), rainha de dois países diferentes, mãe de dois reis, e promotora do Ideal Cavalheiresco do Trovadorismo. Provedoras para a continuidade da família, que foi o caso de Mary Kay Ash (1918), empresária e mãe. Temos ainda Zacimba Gaba (1960) princesa africana que, na condição de escrava, não deixou de lutar pela liberdade de seu povo escravizado no Brasil. Na luta pela vida mais digna do ser humano, representada pela Doutora Religiosa Ruth Pfau (1929); por fim representando todas as mulheres promotoras de arte e da cultura, Princesa Africana Akosua Busia (1966).

Portanto, os nomes supracitados, a partir do estudo da realidade que cada uma delas estão inseridas, revelam-nos que há vestígios de uma organização social baseado num sistema patriarcal, ou seja, um ambiente em que o chefe de família é o patriarca, aquele capaz de prover o sustento e a administração em seu entorno, porém, verificamos que, na vida dessas mulheres, essa organização não as limita de agir conforme as oportunidades e desafios que lhes surgiam buscando romper com situações de descasos e injustiças. Como uma via de mão dupla, o sistema patriarcal em tais sociedades, fora capaz de evidenciar o perfil feminino, ainda que este reconhecimento tenha ocorrido apenas mais tarde, como foi o caso de Joana D’Arc (1412).

É certo que, em alguns sociedades, o sistema patriarcal significou dificuldades e injustiças para com o ser mulher, não podemos negar o fato, até mesmo na contemporaneidade, verificamos que há regiões que não favorecem o crescimento integral do ser feminino, restringindo oportunidades básicas, negando até mesmo o acesso à escolarização e, conseqüentemente, acentuada exploração nas atividades profissionais. Nesse caso sim, o sistema patriarcal é um problema social, pois os patriarcas, os chefes que governam, não estão abertos às relações de cooperação, mas sim de exploração. É a partir

dessa realidade, na qual o patriarcado se torna um problema social que, algumas historiadoras definem ser esse sistema. Por exemplo, ao fazer um estudo da sociedade brasileira na década de 50, Carla Bassanezi (2000), identifica que há uma ideia de mulher ideal, que segundo ela:

Na família-modelo dessa época, os homens tinham autoridade e poder sobre as mulheres e eram os responsáveis pelo sustento da esposa e dos filhos. A mulher ideal era definida a partir dos papéis femininos tradicionais – ocupações domésticas e o cuidado dos filhos e do marido – e das características próprias da *feminilidade*, como instinto materno, pureza, resignação e doçura. Ser mãe, esposa e dona de casa era considerado o destino natural das mulheres. Na ideologia dos Anos Dourados, maternidade, casamento e dedicação ao lar faziam parte da essência feminina; sem história, sem possibilidades de contestação. A vocação prioritária para a maternidade e a vida doméstica seriam marcas de feminilidade, enquanto a iniciativa, a participação no mercado de trabalho, a força e o espírito de aventura definiram a masculinidade. A mulher que não seguisse *seus* caminhos, estaria indo contra a natureza, não poderia ser realmente feliz ou fazer com que outras pessoas fossem felizes. Assim, desde criança, a menina deveria ser educada para ser boa mãe e dona de casa exemplar. As prendas domésticas eram consideradas imprescindíveis no currículo de qualquer moça que desejasse se casar. E o casamento, porta de entrada para a realização feminina, era tido como “o objetivo” de vida de todas as jovens solteiras (BASSANEZI, 2000, p.608-609-610).

Em *A Princesa que Escolhia*, Ana Maria Machado traz exatamente essa memória de ideal de mulher dos anos 50 estudado por Bassanezi (2000). Nessa ficção, é bem explorada a figura do pai da princesa que, apesar de ser um personagem com as características de uma ideologia patriarcal como problema social, na narrativa, o papel do pai nos permite dizer que há, no texto, também a oportunidade da protagonista mudar os caminhos pré traçados por este sistema, isso acontece a partir das oportunidades, do acesso ao conhecimento, e da persuasão. Dessa maneira o sistema que até então resultava em problema social, passa a ser um sistema de cooperação e desenvolvimento naquela sociedade. Como isso sucede? Para responder essa pergunta, vejamos a seguir o perfil dos personagens que compõem a narrativa e as expressões utilizadas pelo narrador para descrevê-los.

3.2.1 Papel social: a princesa e o perfil feminino

Algumas frases e expressões utilizadas pela escritora nas primeiras páginas da narrativa definem o perfil dos personagens. Assim, o narrador diz que a princesinha “parecia até uma verdadeira Maria vai com as outras” (MACHADO, 2017, p. 05).

A expressão, – Maria vai com as outras – é muito importante, pois descreve o perfil inicial da personagem principal, porém está, no segundo momento da narrativa, fere o

comportamento esperado por todos. Com essa expressão, também recordamos o clássico *Maria vai com as outras* da literatura infantojuvenil brasileira, da escritora Sylvia Orthof. Publicado no ano de 1982, com inúmeras edições, a mais atual, publicada recentemente em 2019, conta a história de uma ovelha de nome Maria que, seguia as demais ovelhas em tudo, porém um dia, essa ovelha começa a despertar um pensamento diferente das demais, no sentido de se questionar em relação a seguir seus gostos e fazer aquilo que se deseja.

Recordemos a narrativa, lendo um trecho que se segue:

Um dia todas as ovelhas resolveram comer salada de jiló. Maria detestava jiló. Mas, como todas as ovelhas comiam jiló, Maria comia também. Que horror! Foi quando, de repente, Maria pensou: “Se eu não gosto de Jiló, porque é que eu tenho que comer salada de jiló? (ORTHOF, 1982, s.p).

Interessante o paralelo com essas narrativas, pois percebemos que ambas as escritoras, nos textos citados, tratam de uma única ideia, mais precisamente, exploram as vozes protagonistas, revelando assim suas identidades e assumindo, dessa maneira, as consequências de seus posicionamentos. É pertinente expormos para você leitor que o título da obra de Orthof, que no livro de Machado aparece como expressão para definir inicialmente o perfil da personagem, possui origem e significado curioso. Vale destacar, que a personagem ao assumir sua identidade e ao tomar suas decisões, reconhece a si mesma como não insana, uma vez que a mesma demonstra consciência de si e dona das suas próprias escolhas.

O dicionário da língua portuguesa diz que a expressão significa “pessoa influenciável, sem vontade própria, que se deixa levar pela opinião dos outros²⁶.” Já a sua origem, segundo o historiador Brasil Gerson (1904), surgiu no início do século 19, na qual a família real residia no Brasil na cidade do Rio de Janeiro. A rainha Maria I, mãe do rei João VI, costumava passear às margens do rio Carioca, antigo bairro das Águas Férreas. O passeio da rainha somente acontecia com suas duas damas de companhia, devido a rainha ter problemas de sanidade mental. Conforme registros, sua condição de saúde mental abalada se deu após a perda do filho e da Revolução Francesa. O povo a via como - A Louca - , sendo assim, seu passeio de rotina pelas margens do rio, eram direcionados pelas companheiras, as pessoas observavam aquela situação rotineira e dizia: *Maria vai com as outras*²⁷.

²⁶ Significado contido em: <<https://dicionario.priberam.org/maria-vai-com-as-outras#:~:text=%5BInformal%2C%20Depreciativo%5D%20Pessoa%20influenci%C3%A1vel,levar%20pela%20opini%C3%A3o%20dos%20outros>>. Acesso em 16 de outubro de 2023 às 11 horas e 32 minutos.

²⁷ Informações contidas em: <<https://aventurasnahistoria.uol.com.br/noticias/almanaque/origem-expressao-maria-vai-com-as-outras.phtml>> Acesso em 16 de outubro de 2023 às 11 horas e 52 minutos.

Em relação à origem da expressão é possível fazermos a seguinte ligação: tanto a protagonista criada por Machado quanto a personagem de Orthof refletem sobre suas condições, portanto, vêm-se capazes de viverem a partir de suas próprias escolhas e não daquilo de que lhes era imposto. A ovelha, personagem de Orthof, reflete sobre sua ação e seu comportamento “Maria pensou, suspirou” (ORTHOF, 1982, s.p) e, no final da narrativa a ovelha Maria, decide seguir um rumo diferente, “Agora, mé, Maria vai para onde caminha seu pé!” (ORTHOF, 1982, s.p). Sendo assim o termo -Maria vai com as outras- não define mais a personagem criada por Orthof.

E, em *A princesa que escolhia*, de Ana Maria Machado, temos a personagem principal se posicionando também, porém já nas primeiras linhas da narrativa, “Desculpe, mas acho que não” (MACHADO, 2017, p. 06). Dessa maneira, visualizamos em ambas as narrativas, a mudança de posição das personagens, elas não são mais definidas como aquelas que se deixam ser conduzidas pelas imposições. Diferente da origem do termo “Maria vai com as outras”, essas protagonistas expressam um perfil decidido e lúcido, capazes de assumirem os encargos, portanto, são capazes de construir uma história diferente daquela esperada pela tradição.

Essa história de subserviência e de adequação ao esperado pela cultura tradição redonda, no conceito de tradição que, para aquela sociedade constante no texto seria também - esse sistema patriarcal com viés de problema social- que para o narrador é uma “história chata, sem graça nenhuma” (MACHADO, 2017, p.05).

Outra narrativa clássica que recordamos a partir da narrativa de Machado, é *A Bela e a Fera* (1740), versão da escritora francesa Jeanne-Marie Leprince de Beaumont (1711-1780). Um trecho da narrativa revela o protagonismo feminino atuante na resolução de problemas de ordem familiar, na qual está se vê na obrigação de assumir o lugar de seu pai no objetivo de salvá-lo. “Ah, minha filha!” disse o negociante abraçando Bela, “Estou quase morto de pânico. Acredite no seu pai, deixe eu ficar aqui.” “Não, meu pai”, Bela respondeu com firmeza (BEAUMONT, 1757, p.57). O protagonismo feminino de perfil decidido, também é perfil da personagem princesa criada por Ana Maria Machado, na qual até então, esta não escolhia nada, porém, logo muda seu posicionamento e decide dizer não a seu pai. Em linhas gerais, no texto de Machado, o porquê do não da princesa, em resposta ao rei, está oculto, ou seja, não há no enredo uma exposição clara do que levou a personagem principal a contrariar o seu pai. Compreendemos, portanto, que o dizer não da personagem, é um produto simbólico, na qual a escritora nos faz ultrapassar as margens da ficção e adentrar

nos conceitos de tradição e papel social, temas abordados nos estudos das ciências sociais. Por que dizer não? Para poder escolher? Escolher o quê? Um estilo de vida diferente? Adotando primeiramente o conceito de tradição²⁸, deduzimos que a princesa, no conto, representa essa ruptura com práticas do passado que, até então, não podemos afirmar ser uma ruptura total dos costumes mencionados na narrativa. Mais adiante veremos, que algumas ideias sim, por exemplo; em relação ao casamento, ao trabalho e em relação ao acesso aos estudos, estes aspectos do cotidiano são postos com um novo olhar pela protagonista que anseia e busca atuar em todos essas áreas mudando portanto a visão de seu pai que, cultivava uma ideia pré determinada do comportamento de uma princesa, com vistas na tradição. E, em relação ao conceito de papel social²⁹ definido pela sociologia, este também pode ser discutido enquanto parte das ideias exploradas no texto, pois, a que se pensar na figura da personagem principal, comportar-se de acordo com as normas e costumes estabelecidos por sua comunidade monárquica. A voz do narrador, ao descrever o personagem rei, apresenta de maneira implícita este conceito, no qual já define as responsabilidades de quem nasce príncipe e de quem nasce princesa, “ele era do tipo que achava que príncipe serve para andar a cavalo, enfrentar gigantes e matar dragões, mas que princesa só serve para ficar boazinha, enquanto seu príncipe não vem” (MACHADO, 2017, p.06).

Sendo assim, a narrativa fictícia se desenvolverá a partir do embate entre “poder escolher”; entre o manter “Sim, senhor! Sim, senhora!” (MACHADO, 2016, p. 05) e o “Desculpe, mas acho que não” (MACHADO, 2016, p. 06). Inferimos que, no texto, esse embate se dá basicamente em manter um comportamento tradicionalmente cultivado naquela sociedade - aqui expressado pela figura do rei -, ou romper com o estilo de vida predeterminado pelos costumes - aqui expressado pela protagonista. Considerando essa leitura, é possível visualizarmos, na narrativa, os desafios para se romper com padrões

²⁸ A palavra tradição teve originalmente um significado religioso: doutrina ou prática transmitida de século para século, pelo exemplo ou pela palavra. Mas o sentido se expandiu, significando elementos culturais presentes nos costumes, nas Artes, nos afazeres que são herança do passado. Em sua definição mais simples, tradição é um produto do passado que continua a ser aceito e atuante no presente. É um conjunto de práticas e valores enraizados nos costumes de uma sociedade. Esse conceito tem profundas ligações com outros como cultura e folclore. Informação contida em Dicionário de Conceitos Históricos (SILVA E SILVA, 2015, p.405)>.

²⁹ Nas ciências sociais o papel social define a estrutura social, basicamente como um conjunto de normas, direitos, deveres e expectativas que condicionam o comportamento humano dos indivíduos junto ao grupo ou dentro de uma organização. Os papéis sociais atribuídos ou conquistados têm em vista a interação social e resultam do processo de socialização. Parece haver uma relação ao seu oposto, pois qualquer organização surge em oposição a uma possível desorganização.

Informação contida em:

<<https://www.marilia.unesp.br/Home/RevistasEletronicas/Kinesis/Ospapeissociaisnaformacao.pdf> > Acesso em 04 de outubro de 2023 às 11 horas e 45 minutos.

comportamentais e culturais enraizados, uma vez que, para a protagonista, enfrentar seu pai - o rei- não será possível através da força, mas sim através da persuasão, ou seja, a princesa precisará arcar com as consequências do novo perfil adotado. Essa estratégia feminina de vencer pela palavra é abordada também no clássico de origem árabe, *Sherazade e a história das mil e uma noites*. Um resumo desse conto:

Depois de traído por todas as mulheres do palácio a esposa e as concubinas, o poderoso rei Shariar resolve matar as traidoras, decidindo, a partir daí, tomar uma esposa para cada noite para, com a chegada da manhã, matá-la a fim de evitar a possibilidade de traição. Sherazade, linda e instruída nos mais variados assuntos. Prontifica-se a se casar com o rei, arriscando sua vida para livrar o restante das mulheres da condenação fatal. Para isso, ela tem um plano: depois de se entregar ao rei- esposo, durante a noite, ela passaria a lhe contar histórias fantásticas recheadas de traição, morte, paixão, loucura, homens estúpidos e astutos, reis, sábios, comerciantes, vagabundos, gênios imensos e seres zoomórficos, entre outras maravilhas que revelem sabedoria e conhecimento de história, filosofia, justiça e comportamento. Mas, aos primeiros sinais da aurora, ela se calaria, interrompendo a narrativa. E, de fato, isso se dá. Curioso por saber o final da história, o rei acaba adiando a execução de Sherazade até a manhã do dia seguinte, para ter a oportunidade de ouvir, durante a noite, o restante da história interrompida. E assim se dá: de noite, o amor e as histórias; de manhã, o silêncio e o adiamento da execução. Nisso, passam-se muitas e muitas noites (SLEIMAN, 2003, p. 34).

Ao comparar esses perfis de mulheres, percebemos que elas, inclusive a personagem Ester, citada anteriormente, possuem audácia. Um clássico antigo já nos mostra a face feminina atuante frente aos desafios e dificuldades. Além do mais, retrata como se dá toda a mudança de um contexto difícil determinado pela figura de poder - o rei Shariar -, e, no conto de Machado (2017) temos uma abordagem semelhante no que tange aos aspectos do conhecimento e da sabedoria feminina a partir do uso do discurso.

Falar dessas faces de mulheres abordadas na literatura é lembrar possíveis ideologias que cercam as relações humanas no cotidiano e que são postas também em textos críticos. Os conceitos de sistema patriarcal e tradição, vão abranger infinitudes de discussões acerca dos papéis que compete ao ser mulher, porém, a menção a estas definições abordadas pela sociologia, nos permite ver, na narrativa, modificações nas relações de organização da sociedade, lembrando que o importante nesse trabalho de pesquisa é evidenciar a face da mulher na literatura e, a partir dessa face, revisitar a historiografia considerada por muitos uma trajetória silenciada.

Em relação à exposição Michelle Perrot, na obra *Minha História das Mulheres*, discute a relação entre o homem e a mulher numa perspectiva histórica da própria organização social, sob o olhar feminino. Ela argumenta que “[...] existem uma abundância, e mesmo um excesso, de discursos sobre as mulheres; avalanche de imagens, literárias ou

plásticas, na maioria das vezes obra dos homens,” (PERROT, 2016, p.22), e acrescenta que “mas ignora-se quase sempre o que as mulheres pensavam a respeito, como elas as viam ou sentiam” (PERROT, 2016, p.22).

Até então, vimos que os textos literários acima citados, para descrever o perfil feminino exposto na literatura infantojuvenil - *A Bela e a Fera*, *A princesa que escolhia*, e ainda no clássico de literatura universal, *Scherazade: história das mil e uma noites* -, demonstram, por meio das personagens, uma face de mulher que difere desta supracitada em Michelle Perrot (2016). No entanto, não podemos descartar que existiram de fato situações em determinadas sociedades que colocaram ou ainda colocam a mulher num perfil incapaz de atuar, de se expressar enquanto ideias e valores cultivados para o sua própria condição de ser e estar no mundo. Os trechos do conto *A princesa que escolhia*, de início, nos leva a essa interpretação, a de revisitar situações em sociedades em que a mulher fora, muitas vezes, silenciada e desvalorizada pela visão distorcida da ideia de patriarcado que, em sua origem etimológica, a definição do grego πατριάρχης (patriarkhēs), quer dizer – pai de uma raça – ou – chefe de uma raça, patriarca-, no sentido de autoridade que lidera o que difere de autoridade que oprime. Vejamos como se dá o perfil do personagem rei a partir dos mesmos conceitos sociológicos mencionados até aqui.

3.2.2 Papel Social: o personagem rei e o perfil masculino

Em linhas anteriores, vimos que, no conto *A Princesa que Escolhia*, há algumas expressões empregadas na construção da narrativa que são importantes para explorarmos algumas reflexões acerca das relações sociais, das tradições e dos papéis historicamente definidos para a mulher e para o homem. O conto diz que a princesa resolve dizer não a seu pai e que, a partir dessa decisão, sofre as consequências pelo seu comportamento. A partir desse “não”, o narrador descreve o perfil do rei- pai da princesa-: “O pai dela, que era todo metido a mandachuva, ficou furioso. Ele era do tipo que achava que príncipe serve para andar a cavalo, enfrentar gigantes e matar dragões, mas que princesa só serve para ficar aprendendo a ser linda e boazinha, enquanto seu príncipe não vem” (MACHADO, 2017, p. 06).

Assim, a palavra mandachuva, sendo a primeira que nos chamou atenção, pois compete ao perfil do personagem, acreditamos ser necessário explorarmos seu significado.

A palavra mandachuva nos faz recordar um personagem de filme de desenho infantil³⁰, o que mostra a adequação do discurso da autora ao universo infantil, ao lúdico, à linguagem que se aproxima das práticas delas. Esse personagem traz a imagem de líder de um grupo, atentemos, portanto, a expressão utilizada por Machado (2017) para definir também a figura do pai da princesa.

Segundo o dicionário da língua portuguesa, Dicionário de conceitos históricos (2015), -mandachuva- significa indivíduo que é muito importante e, por isso, tem influência sobre algo ou alguém. O verbete define ainda que - mandachuva – é aquele que possui poder para chefiar, que dá ordem e decide, um coronel, indivíduo que, em determinadas regiões interioranas, exerce funções ou cargos políticos. Sendo assim, em *A princesa que escolhia*, o rei é essa figura que detém o poder, não apenas para tomada de decisões políticas. Além de gerenciar, o rei exerce influência sobre a vida dos que convivem diretamente com ele, isso pelo que o narrador expressa em relação à visão do próprio personagem que define, em relação ao ser mulher e à condição de sua filha, – a princesa –, segundo o texto, o rei pensava que “princesa só serve para ficar aprendendo a ser linda e boazinha, enquanto seu príncipe não vem” (MACHADO, 2017, p. 06).

A essa visão, compreendemos que, para o rei, o papel social de sua filha é predeterminado pelas condições em que esta está inserida, num contexto monárquico, e mais ainda pelo que ela é, uma mulher. É possível visualizarmos, ao longo do texto fictício, as ideias de uma visão não favorável às condições do ser mulher pelo patriarcado e as modificações dessa visão a partir do perfil da personagem princesa concomitantemente com as transformações do próprio tempo, ou seja, os avanços tecnológicos. Em relação ao exposto, há, na narrativa uma descrição da vida da mulher, uma certa tradição desse perfil, e as modificações deste. Dessa maneira, observamos que o conto de Machado (2017) expõe de maneira implícita embates entre aspectos da vida da mulher em contextos tradicionais e modernos.

A essa relação, mais precisamente, o conto explora a ideia de que:

[...] as tradições evoluem e se transformam com as novas necessidades de cada sociedade, funcionando inclusive para impedir que ela se dissolva. Segundo Dominique Wolton, a tradição não é mais vista pelas ciências sociais como uma coisa arcaica, mas como aprendizagem, reapropriação. Para ele, na medida que as

³⁰ Desenho Manda- chuva. Na qual o personagem Manda- chuva é o líder de uma gangue de gatos de rua Bacana, Espeto, Batatinha, Gênio e Chu- Chu. Eles estão sempre tentando ganhar dinheiro de forma ilegal, mas sofrem a intervenção do Gurda Belo, que tenta colocar em ordem o beco onde vivem.

sociedades se modernizam, a tradição aparece para suportar a mudança social, pois nenhuma sociedade muda radicalmente, sendo que cada fase de mudança possui também estabilidade (SILVA e SILVA, 2015, p.406).

Veremos que o personagem pai é essa figura - patriarkhês, pai de uma raça, chefe, o patriarca que lidera e tende a impor em relação ao comportamento de demais indivíduos o que a tradição rege, principalmente em relação ao comportamento de sua filha, a princesa. Além disso, ao dar voz ao pensamento do personagem rei, Machado (2017) permite a nós leitores, acessar as condições da mulher conforme algumas ideologias tradicionalmente cultivadas. Ainda em relação ao perfil do pai, essa forma de liderança no conto é expressada, ao menos de início, sem flexibilizações, sem movimentação, queremos dizer, sem abertura ao diálogo entre os gêneros, é o que podemos inferir quando lemos a expressão “só serve” ao designar à mulher um estilo de vida tradicionalmente conservado.

A partir dessa visão, do patriarca como modelo de dominação e não de cooperação, sob este aspecto, a escritora e intelectual brasileira Rose Marie Muraro, diz em seu livro *A mulher no Terceiro Milênio* que o que caracteriza o Patriarcado em sua essência é “A dominação do homem pelo homem e do homem sobre a mulher” (MURARO, 1993, p. 74). Partindo das descrições do personagem pai e apropriando da definição de Muraro (1993), podemos observar que a narrativa de Machado (2017) nos remete a essas ideias conceituadas a partir da organização da sociedade. No conto, temos uma organização monárquica, sendo assim, uma representação de forma de governo em que o chefe da região é um rei. Esse rei possui poder de liderança, compreendemos que a sua autoridade se estende também no ambiente familiar. Conforme a visão de Muraro (1993), essa extensão de poder que define o patriarcado, é um sistema que desvaloriza a figura feminina, ou conforme explicitamos anteriormente, é o sistema patriarcal que naquela sociedade resultou em problema social pelos abusos de autoridade por parte da figura do chefe.

É importante ressaltarmos que, no conto de Machado (2017), essa imagem do rei de forte autoridade, capaz até mesmo de decidir pelas ações e comportamentos do outro, exercendo influência nas relações é explorado no contexto doméstico. Brevemente, no final da narrativa, há uma extensão dessa relação, na qual a região vivia sob organização estritamente monárquica, porém, após a morte do personagem, a herdeira do trono, sua filha – a princesa -, decide mudar a forma de organização social daquela sociedade na qual passa a ter uma política baseada nos princípios da democracia.

Vejamos o trecho que antecede o final da narrativa:

O rei morreu, e a princesa teve que ocupar o trono. Logo na sua primeira entrevista, tinha uma palavra enorme: - Eu adora escolher. Então quero que todo mundo também escolha. Por isso, proponho que este reino seja parlamentarista. Vamos fazer eleições. – Eleições? Mas isto aqui é um reino... – estranharam os ministros. – E daí? Os melhores reinos por este mundo afora são assim. Têm rei e rainha, mas também têm primeiro-ministro. Para ter parlamentarismo, precisa ter parlamento. Quer dizer, deputados e senadores que o povo escolhia. E eles então escolhiam um primeiro- ministro, que era quem passava mandar no país. E, se não estivessem satisfeitos com ele, a maioria podia mandar aquele sujeito para casa e escolher outro a qualquer momento. Podiam até resolver que não ia mais ser um reino nem ter rainha. Mas para que tudo isso funcionasse direito tinha que ter eleições. A hora de cada um escolher. Então teve. E o reino ficou sendo assim (MACHADO, 2017, p.34).

Voltemos à sucessão lógica da narrativa e atentemo-nos à relação entre o tradicional e o contemporâneo pelo personagem rei - a tradição-, e pela personagem princesa - o contemporâneo-. Ao apontarmos essa análise, a partir do não que a princesa diz a seu pai: “Desculpe, mas acho que não” (MACHADO, 2017, p.06), verificamos que há um choque entre os perfis pai e filha que modifica todo o contexto da narrativa. O rei, inconformado com a atitude da filha, decide colocá-la de castigo: “Vai ficar trancada na torre! Só sai de lá quando voltar a ser boazinha” (MACHADO, 2017, p.06). Vejamos que, assim como na narrativa, as mudanças na esfera dos acontecimentos históricos também foram motivos de inquietações por parte daqueles que desejam manter algo cultivado entre gerações.

A tradição como tema de estudos tem também ganhado espaço na História. Eric Hobsbawm, por exemplo, estudando o mundo contemporâneo, utiliza o conceito de tradições inventadas para denominar o conjunto de práticas, de natureza ritual ou simbólica, regulado por regras aceitas por todos, que tem como objetivo desenvolver na mente e na cultura determinados valores e normas de comportamento, por meio de uma relação com o passado feita pela repetição constante dessas práticas (SILVA e SILVA, 2015, p.406).

Na narrativa criada por Machado (2017), é possível verificarmos que o tema da tradição está presente também na literatura. O tema trabalhado conecta os leitores a reverem conceitos que ainda ecoam em nossas ideias e pensamentos, especialmente quando falamos da relação homem e mulher. Conforme grifo em Michelle Perrot “Os homens e as mulheres vivem juntos os grandes acontecimentos, as rupturas do tempo” (PERROT, 2016, p.141). Dessa maneira, Ana Maria Machado (2017) continua a explorar, em suas narrativas, a história da mulher numa perspectiva da memória, no qual retoma, na ficção, fatos históricos da trajetória do perfil feminino em sociedade, mais especificamente, na sociedade patriarcal.

Ana Maria Machado relata em seu artigo, *O tao da teia – sobre textos e têxteis*, que foi convidada em 1999 a “dar dois cursos sobre cultura brasileira na Universidade de

Berkeley, nos Estados Unidos” (MACHADO, 2003, p.177). Na oportunidade, procurou examinar algumas questões que pareciam, sob seu olhar, essenciais na identidade do povo brasileiro. Sobre uma dessas questões a escritora especifica que “Por um lado, focalizei o patriarcado e suas transformações, a forma como se exerce a autoridade e se manifesta a obediência ou desobediência, a maneira pela qual nosso imaginário literário apresenta o papel da família e a situação da mulher” (MACHADO, 2003, p.177).

Interessante que, na ficção, podemos visualizar, por meio dos perfis dos personagens, o exposto por Machado no trecho supracitado. No conto, percebemos “o patriarcado e suas transformações”, de início, o texto mostra a figura de um pai que impõe normas e estabelece comportamentos, porém, no decorrer da narrativa, a imagem desse pai modifica, pois o mesmo se abre ao diálogo com sua filha e permite-lhe que esta expresse seus desejos e tome decisões: “Às vezes, quando as escolhas dela não combinavam com as dos outros, era preciso chegar a um acordo [...]” (MACHADO, 2017, p.22).

Conforme exposto até aqui, verificamos que a narrativa simbolicamente representa uma cultura patriarcal em que a mulher não tinha voz. A princesa do conto representa a mulher que, mesmo em condições limitadas, consegue ultrapassar as convenções. Um exemplo interessante explorado na ficção é a questão do casamento, percebemos que a princesa não se adapta ao padrão de comportamento esperado por aquela sociedade e, por meio desse exemplo é possível visualizarmos o exposto por Machado (2003) na citação supracitada.

Há portanto, no âmbito das relações, uma transformação dos ideais daquela cultura. Ainda sim, é possível verificarmos, no fragmento do texto que, mesma a autoridade dada à filha, o pai ressalta que deixa, ou seja, o personagem mostra sempre esse exercício de autoridade sobre a mulher. Vejamos como aparece no conto: “Assim você vai poder escolher seu marido... - disse a rainha, toda satisfeita. - Isso mesmo - disse o rei. - Viu como eu sou moderno? Eu deixo você escolher” (MACHADO, 2017, p. 24). Salientamos, ainda sobre essa questão, que há na narrativa indícios do patriarcalismo estrutural, visto que embora aqui a personagem feminina escolhe, ainda ocorre a posição de autoridade do personagem maculino, no momento em que ele afirma “eu deixo”, ou seja, apesar de ocorrer uma mudança nos parâmetros, o patriarcalismo ainda vigora, mesmo que de forma sutil.

Portanto, o que verifica-se com esse breve trecho, são as possibilidades que temos de revisitar os períodos da história da mulher em que haviam certas convenções ao tratarem sobre casamento. No que tange ao tema casamento, Simone de Beauvoir argumenta que a

mulher na posição do estar “integrada como escrava ou vassala nos grupos familiares dominados por pais e irmãos, a mulher sempre foi dada em casamento a certos homens por outros homens” (BEAUVOIR, 2009, p.548). Vejamos que, a partir da ficção, podemos acessar o passado e o presente, pois entre o “eu deixo você escolher” e agora você “vai poder escolher seu marido” significa que antes tal direito não era conferido à princesa.

Desta forma, a narrativa já evidencia uma mudança nos parâmetros, na qual a princesa tem a possibilidade de escolha, o que diverge das narrativas literárias tradicionais, cuja a princesa ou personagem feminina é escolhida pelo personagem masculino, em outras palavras, ocorre na narrativa o deslocamento desta posição da mulher, de forma mais restrita, da princesa.

Assim, podemos destacar que a narrativa *A Princesa que Escolhia* rasura a literatura tradicional, e estabelece as mudanças da posição da mulher na sociedade, ou seja, visualizarmos que quase como numa linha do tempo quanto às transformações do ser mulher, porém aponta Perrot (2016) que “A história das mulheres tem sua cronologia nem sempre fácil de estabelecer. Na verdade, é um ponto que causa embaraços” (PERROT, 2016, p.141). Ainda assim, é possível observarmos que este conto de Ana Maria Machado diverge de alguns contos tradicionais, como: *Cinderela*, *A bela adormecida* e *Branca de Neve* na qual os personagens masculinos escolhiam ou buscavam suas esposas. Em *A princesa que escolhia* temos a inversão da escolha “Um dia, encontrou numa reunião um arquiteto que fazia paisagismo [...] era o filho do jardineiro [...]. E foi ele que a princesa escolheu para namorar” (MACHADO, 2017, p. 33).

Em síntese, este presente conto, mostra algumas mudanças históricas quanto à posição da mulher diante do casamento, tais como: o homem escolher a parceira (esposa), em *A princesa que escolhia*, ela escolhe seu companheiro, conforme citado anteriormente; o rompimento com essa tradição se dava a partir do consentimento da Família. Conforme relata Perrot, “O casamento, ‘arranjado’ pelas famílias e atendendo a seus interesses, pretende ser aliança antes de ser amor- desejável, mas não indispensável” (PERROT, 2016, p. 46). Na narrativa de Ana Maria Machado, rei e rainha fazem o baile para que a princesa faça sua escolha que, ao final do conto, é consolidado em uma escolha por amor, uma decisão livre da personagem feminina e não por esses fatores tradicionais, ou imposições sociais.

Entre outras escolhas feitas pela personagem de Machado (2017) está a mudança quanto à transição dos hábitos da aristocracia para o modo de vida da burguesia: “A partir deste dia, a princesa passou a escolher. Começou logo escolhendo uma coisa importante: ia

dispensar os preceptores e estudar numa escola com montes de colegas” (MACHADO, 2017, p. 22). Dessa forma, percebemos que Machado (2017) retoma as condições das jovens que fora, por muito tempo, determinada pelo espaço que ocupava como aponta Perrot (2016):

Diferenças sociais consideráveis marcam a condição das jovens. A liberdade da jovem solteira aristocrata, que monta a cavalo, pratica esgrima, tem um preceptor ou uma governanta, como seus irmãos, e aprende rudimentos de latim, contrasta com a vigilância exercida sobre a jovem solteira burguesa, educada por mãe, iniciada às atividades domésticas e às artes de entretenimento (o indetectável piano), refinada por alguns anos de estudo ou de colégio interno e submetida aos rituais de ingresso no mundo social, que visam ao casamento (PERROT, 2016, p.45-46).

Perrot (2016) discorre sobre uma história da mulher que, em algumas realidades históricas, recebia uma educação visando a preparação para o casamento que foi o intuito da criação de meninas por muito tempo nas famílias de diversas classes. Dessa maneira, o texto de Machado (2017) explora essa ideia exposta por Perrot (2016), pois a inverte no contexto literário, mostrando as mudanças do mundo globalizado.

Assim, o conto *A princesa que escolhia* mostra essas novas vozes e novos espaços ocupados por mulheres, uma vez que, quando a princesa escolhe estudar em outro ambiente, permite a modificação do espaço doméstico e aristocrata. Como consequência, a narrativa explora a atuação dessa mulher em outros ambientes e outras esferas sociais. Por fim, a narrativa apresenta mudanças que ocorrem no campo das ideias e da cultura, uma vez que o rei, representante do patriarcado, modifica seu posicionamento por meio do não, que simboliza esse percurso e esta mudança no sistema patriarcal, em que uma figura masculina modifica sua postura, repensa suas convicções e regras diante de uma figura feminina que manifesta sua voz, essas alterações presentes na narrativa também são visíveis no percurso da mulher na sociedade. Assim, a postura da personagem feminina de Machado (2017) inicia uma nova história, e como isso se dá na narrativa? É o que veremos no próximo item.

3.2.3 Espaços significativos: Acesso ao conhecimento

Ao discorrermos sobre a narrativa *A Princesa que Escolhia* (2017) alguns aspectos faz-se necessário evidenciar. A primeira é a relação entre a personagem protagonista e seu pai, pois temos neles dois comportamentos que, em síntese, é o sentido ápice do desenvolver da narrativa. Recordemos que a princesa diz não a seu pai que, conforme perfis que descrevemos anteriormente, apresentam significados no que tange aos papéis sociais que cada um deles desempenha naquela sociedade que, até então, podemos caracterizá-la como

dominante à cultural patriarcal. Pela postura do personagem pai, verificamos como um sistema opressor, isso se dá pela fala e pelas ações do personagem que, carregados de significado entrelaçam todo o enredo e, conseqüentemente, ressignifica o espaço que compõe a ficção.

O segundo aspecto a evidenciar é sobre o espaço em que a protagonista da ficção de Machado (2017) vive. A priori, temos um contexto monárquico, a narrativa se passa nesse ambiente que é modificado no decorrer do enredo. Em relação a este espaço, podemos transitar em dois grandes pontos; o primeiro seria considerar que a protagonista vivia num espaço opressor; mas o que seria este espaço opressor na narrativa? No campo das ideias, entendemos que o espaço opressor é o ambiente doméstico, a esfera do espaço privado na qual a personagem principal está inserida e que, no ambiente monárquico, contém tudo o que ela necessita para viver bem. Mas considerando o campo das relações, a personagem se vê impossibilitada de fazer aquilo que deseja, pois esta já é previamente destinada pela tradição patriarcal a seguir determinados costumes. Tais costumes são orientados por sua condição de menina, mulher, princesa, e vai além quando se trata de decisões que somente ela poderá assumir na esfera de seu próprio eu como mulher, e mais ainda, no estado de poder escolher livre e consciente de sua escolha “Eu quero escolher [...] Escolher tudo. Poder dizer sim ou não, sempre. Poder apontar o que preferia, poder decidir” (MACHADO, 2017, p.21).

No texto *Os Refúgios da Intimidade*, do historiador Orest Ranum explica bem essa ideia deste espaço que, considerando a esfera do privado, por se referir ao interior dos espaços domésticos, Ranum discute que:

Comparadas com as nossas, as sociedades européias do século XVI ao XVIII, tão diferentes entre si, parecem assemelhar-se num aspecto: sufocaram o indivíduo sob o peso dos comportamentos familiares, comunitários, cívicos e rurais. Nas velhas sociedades, o íntimo nunca é um dado: é preciso procurá-lo além dos comportamentos codificados e das palavras (RANUM, 2009, p.211).

No campo das relações humanas e, conforme ideia expressada por Ranum (2009), no conto de Machado (2017), os personagens ilustram uma cultura, exprimem valores e expõem normas tradicionalmente cultivados; ao mesmo tempo nos leva a questionar até que ponto esses padrões comportamentais atingem negativamente a imagem da mulher. O íntimo dessas relações, na narrativa, é revelado por meio da personagem principal na qual expõe suas inquietações em relação às imposições de seu tempo para com o seu ser, o de mulher. Mais precisamente, no conto, a ação de dizer não para o rei, revelará o perfil da princesa que deseja seguir caminhos diferentes daquilo que espera seu pai e toda a sua geração. Isso nos

faz repensar até que ponto a mulher foi submetida a situações impostas pelos homens que, à frente, lideravam em diversas áreas na história da humanidade. Sobre este aspecto, Perrot (2016) aponta que, “Das mulheres, muito se fala. Sem parar, de maneira obsessiva. Para dizer o que elas são ou que elas deveriam fazer” (PERROT, 2016, p.22).

Dessa relação; homem, mulher e construção da sociedade é evidente que historicamente, perceberemos que nós seres humanos, nos organizamos como civilização e que, em nosso meio, há figuras que cooperam à frente nesse processo, a estes chamamos de líderes. No entanto, há chefes que abusam da posição de poder para oprimir aqueles que diretamente com eles se relacionam. Em *A Princesa que Escolhia* (2017), é possível visualizarmos a imagem desse líder, o personagem rei representa esse patriarca que, em posição de poder, ultrapassa o justo limite de sua autoridade que, na narrativa, compreendemos estar ligado à esfera do comportamento feminino, quando o rei escuta o não da princesa, ele decide castigá-la: “Então resolveu botar a princesinha de castigo. –Vai ficar trancada na torre! Só sai de lá quando voltar a ser boazinha” (MACHADO, 2017, p. 06).

O segundo ponto a considerar em relação ao espaço, sob a ótica dessa situação de castigo, é nos atentarmos ao espaço da torre³¹, que conforme análise nesta pesquisa, simboliza o espaço da libertação da princesa. Como explica Ranum: “No imaginário europeu do íntimo e do eu em fins da Idade Média, determinados lugares ou certos espaços são considerados particularmente propícios à busca de si mesmo e ao encontro de dois seres” (RANUM, 2009, p.215). Tomando a interpretação de Ranum em relação ao imaginário europeu, compreendemos que a torre para a princesa se configura no espaço de oportunidades, diferente do espaço que ela ocupava antes de romper com a imposição de seu pai – que até então entendemos está representando o sistema patriarcal opressor-, porquanto, a torre irá propiciar à princesa a descoberta de um mundo que, para ela, era desconhecido. Talvez aqui podemos afirmar que, à medida que ela desfrutava do novo espaço, conhecia ainda mais as capacidades do eu menina, mulher.

Foi a maior sorte da vida da princesa. Porque essa torre ficava bem isolada do resto do castelo. Na verdade, eram os antigos aposentos de um mago que saía para viajar e nunca mais voltou. Tinha uma biblioteca aonde quase ninguém ia. E dava para um jardim fechado por um muro alto, onde quase ninguém entrava. De castigo na torre, a princesa foi se distraindo como podia. Olhava muito pela janela. Uma maravilha. Viu que a paisagem se estendia até perder de vista, muito além das muralhas do castelo onde sempre vivera fechada. Lá de cima, ela descobria que o mundo era muito maior do que imaginava. Agora via aldeias, montanhas, vales, bosques e até o mar, ao longe, com navios velejando (MACHADO, 2017, p.09).

³¹ Pode ser entendida como um símbolo do quarto, de recolhimento, de encontro consigo, conforme aponta Ranum, logo, o processo de libertação, ocorre mediante a autorreflexão e autoencontro.

Os espaços para a vida humana sempre serão significativos, ou seja, a configuração do espaço físico lhe agrega vivências e oportunidades ao ser humano. Na narrativa, é possível visualizarmos tal afirmação, já que ainda que fora através de um castigo, o conto se desenvolverá a partir do deslocamento da princesa para um outro espaço que, alheia à convivência com seu pai, vivenciará novas oportunidades de atuação e, mais ainda no que diz respeito ao crescimento do seu perfil enquanto mulher. A partir do contato com a torre, passa a explorar este espaço físico, sendo assim a protagonista, silenciada por seu pai, conhecerá novos contextos, um deles é o chamado jardim fechado. Sendo fechado, portanto, a princesa está dentro da propriedade de seu pai, porém nesse jardim é possível visualizar um mundo “maior do que imaginava”. O narrador relata que a personagem ficava olhando pela janela, contemplando as maravilhas no interior e dos limites daquele lugar, apesar dos muros altos, que nos diz demarcação de uma propriedade privada, ainda assim é perceptível que aquele lugar para ela era fascinante. Além do mais, podemos notar que a princesa representa o olhar detalhista da mulher, pois cada detalhe daquele jardim e além jardim, para ela, estava sendo ocasião de se reerguer naquela situação de castigo. Considerando o exposto sobre o jardim fechado, deduzimos que este espaço para ela que estava presa na torre, significava um descanso, conforme nos aponta as palavras de Ranum “O ar do jardim fechado não é o mesmo da rua ou do campo. Está impregnado de odores de uma natureza superior — de rosa, água pura e santidade —, sendo capaz de não só curar o corpo, como de dar repouso à alma (RANUM, 2009, p.216).

O espaço da torre nos faz refletir a ideia da mulher que não se limita à esfera da vida privada, dos afazeres domésticos, ou seja, esse olhar para além dos muros altos do castelo que envolviam o jardim, esse trecho na narrativa faz alusão à historiografia daquelas mulheres que construíram novos caminhos, àquelas que não se limitavam enquanto papel social definido pelo sistema patriarcal, elas não deixaram de ser mulher, mas atuaram, em diversos espaços, afirmando a identidade de seu próprio ser. O Dicionário de Símbolos de Jean Chevalier, define que “O jardim representa um sonho do mundo, que transporta para fora do mundo” (CHEVALIER, 2015, p.513). Essa definição expressa esse momento da personagem vislumbrando o jardim fechado e além de seus muros, a partir dessa situação enxergar, ainda de maneira parcial, ela configura-se a novas perspectivas, o de estar e atuar em outros espaços no mundo.

O homem, a mulher e os espaços, compreendendo espaço no sentido do meio que

nos envolve, a essas relações todos nós estamos envolvidos, ainda que a sociedade queira privar a mulher de estar em determinados espaços, à ela não se pode negar algo que é inerente à condição do ser humano como: questões de convivência, de ser e estar no mundo e tudo o que a integra nesse mundo, até mesmo as questões econômicas. Conforme Murara “[...]o que se pode ver é que a relação entre as pessoas em geral e entre os gêneros segue muito de perto as relações econômicas; nestes casos, as relações com o meio ambiente” (MURARO, 1993, p.39). Essa ideia é explorada no texto de Machado (2017) na qual apresenta a personagem em contato com outras realidades sociais.

Mas a princesa não ficava só olhando pela janela. Também brincava muito pelo jardim. Outra maravilha. Ficou conhecendo flores e passarinhos, borboletas e abelhas, árvores e minhocas. De vez em quando conversava com o jardineiro real, que cuidava dos canteiros e ensinava a ela os segredos das plantas. Melhor ainda: a princesa fez amizade com os filhos dele, um menino e uma menina, com quem subia em árvores, brincava de pique e pescava no lagozinho (MACHADO, 2017, p.10).

Ainda em relação à torre, o texto de Machado (2017) retrata que este local era “os antigos aposentos de um mago que saíra para viajar e nunca mais voltou”, esse trecho nos faz pensar na ideia de que, no conto, o ato de viajar é agregar oportunidades de conhecer outras realidades e costumes, além de aprender com as experiências da vida. “Quero fazer que nem o mago que morava lá na torre. Quero estudar muito, viajar muito, conhecer outros lugares e outras pessoas” (MACHADO, 2017, p.31). O espaço do castigo começava a se tornar o lugar do fortalecimento das convicções que a protagonista revela de si desde o início da narrativa, uma inquietação pela busca de afirmar-se como pessoa, como um ser humano, uma mulher que também tem o direito de escolher.

Outro ponto importante a ressaltar no espaço da torre é que, nele, tinha uma biblioteca. Temos, portanto, representada pela personagem, uma mulher atraída pelo conhecimento, o acesso à leitura lhe permitirá ressignificar toda a sua história. Interessante que, sob este ponto, nos faz recordar mais uma vez do conto de fadas *A Bela e a Fera* (1757), na qual também temos uma protagonista que a este aspecto, o de se encantar pelos livros, é evidenciado na narrativa.

Enquanto esperava, resolveu visitar o castelo. Não pôde deixar de admirar sua beleza. Qual não foi sua surpresa, porém, quando encontrou uma porta sobre a qual estava escrito: Aposentos de Bela! Abriu-a num impulso e ficou fascinada com a magnificência que ali reinava. O que mais chamou sua atenção, porém, foi um grande armário de livros, um cravo e vários livros de música (BEAUMONT, 1757, p.57).

Aqui, é relevante destacarmos o personagem leitor, mais precisamente representado

na literatura que traz personagens femininas leitoras, dispostas a se integrar ao universo da leitura compreendendo como algo crucial para a emancipação das imposições patriarcais em relação ao seu próprio ser, o ser mulher.

Mas a princesa não ficava só olhando pela janela e brincando com os amigos. Também ia muito às salas da biblioteca do mago. A maior das maravilhas. Tinha um monte de livros e computador com acesso à internet. E ela lia, lia, sem parar. [...] Ela lia, lia, emprestava livros para os amigos. Adoravam conversar sobre o que tinham lido. E cada um ficava cada vez mais sabido (MACHADO, 2017, p.13).

No espaço da biblioteca, elas enxergam oportunidade, o acesso ao saber livresco que contém registros da vida humana, das descobertas científicas, em síntese, para a personagem leitora ficar “cada vez mais sabido” é ver que “A biblioteca é nossa reserva de saber, como um tesouro disponível” (CHEVALIER, 2015, p.132) é necessário para ser melhor enquanto pessoa atuante em sociedade. E, é dessa maneira que a princesa conquista sua liberdade, ela é liberada do castigo pela capacidade de dialogar sobre a doença que afetava a população do reino. Ela, a princesa descobriu que a epidemia que assolava a todos provinha de um mosquito, e explicou ao rei que a solução do problema estaria em “fazer uma campanha de saneamento e ensinar uma porção de coisas à população” (MACHADO, 2017, p.18). Nesse trecho, percebemos a face da mulher que dialoga, sugere e aponta soluções, a partir do conhecimento. Visualizamos ainda, por meio da personagem de Machado (2017), a face de uma mulher que está atenta ao meio que está inserida capaz de trabalhar em prol do bem comum e, conseqüentemente, conquistar para si mesma o bem.

Explicou também que o reino precisava de obras para ter esgoto e água limpa em todas as casas. E que as pessoas deviam se vacinar. E que havia um cientista famoso que conhecia tudo daquela doença, podiam contratá-lo para ajudar. –De onde você tirou essa ideia, menina? –De muitos lugares. Umas coisas eu li nuns livros, outras eu li em outros. E a notícia do trabalho do cientista é muito nova, eu vi na internet. Ele trabalha numa universidade, e o senhor pode entrar em contato com ele (MACHADO, 2017, p.18).

A seguir, o narrador explica que o rei segue as orientações de sua filha e obtiveram sucesso, daí em diante, o rei decide retirar a princesa do castigo e recompensá-la. A recompensa dela foi poder escolher com autonomia e liberdade “A partir desse dia, a princesa passou a escolher (MACHADO, 2017, p.22). Passou a escolher questões em relação a sua formação educacional, sobre seu estado civil, sobre questões políticas, por fim decidiu viver a partir de suas escolhas. Na narrativa, por exemplo, quando se trata da temática do casamento, é certo que, na conduta patriarcal, conforme padrões de uma família monárquica, ela deveria se casar com um príncipe, mas a personagem rompe com essa convenção, viaja,

estuda, conhece outras pessoas, reencontra o filho do jardineiro real e com ele se casa.

Vejam os um trecho do conto:

-Vocês prometem respeitar minha escolha? –perguntou ela. E como o rei prometeu, ela explicou: -Pois eu escolho não me casar agora. Ainda sou muito moça para isso. Quero fazer que nem o mago que morava lá na torre. Quero estudar muito, viajar muito, conhecer outros lugares e outras pessoas. O pai tinha prometido, teve de aceitar. Pois foi isso mesmo que ela fez (MACHADO, 2017, p.31).

Dessa maneira, por meio da protagonista, verificamos uma face de mulher que assume seu papel e suas escolhas diante do mundo em transformação. Uma característica forte desse texto é a postura firme da personagem em romper com normas que desvalorizavam- na enquanto ser feminino, para ressignificar sua história enquanto parte de uma sociedade. Assim também, conferimos à personagem da ficção um símbolo que representa a História da Mulher.

No conto, a personagem:

Estudou, viajou, aprendeu um monte de coisas. Foi para uma universidade e virou arquiteta. Depois, resolveu estudar ainda mais, umas coisas de nome comprido: urbanismo e habitação popular. Quer dizer, como fazer uma cidade funcionar melhor e como fazer casas baratas para as pessoas (MACHADO, 2017, p.33).

E passando brevemente pela História da Mulher, conforme aponta a pesquisadora Constância Lima Duarte:

O século XX já inicia com uma movimentação inédita de mulheres mais ou menos organizadas, que clamam alto pelo voto, ao curso superior e à ampliação do campo de trabalho, pois queriam não apenas ser professoras, mas também trabalhar no comércio, nas repartições, nos hospitais, e indústrias (DUARTE, 2003, p.160).

Considerando todo o exposto até aqui, é importante ressaltarmos que, apesar das dificuldades que a mulher enfrentou no campo das relações, na história, ora as descrevem como vítimas, ora as colocam como transgressoras. Nesse trabalho de pesquisa, a partir da análise desse conto, compreendemos que a mulher na representação literária de Machado (2017) não se limitou a ser vítima dos padrões sociais patriarcais que a definiriam. Ela busca, através do conhecimento e da ação persuasiva, superar o sistema e, é dessa maneira que Perrot faz uma leitura da história da mulher, “partiu de uma história das mulheres vítimas para chegar a uma história das mulheres ativas, nas múltiplas interações que provocam a mudança” (PERROT, 2016, p.16).

Na ficção, não vemos a protagonista como heroína, mas como uma personagem que representa uma mulher forte, capaz de assumir decisões ao longo da vida: “E quando alguém

pergunta à princesa se ela se arrepende de não ter casado com um príncipe, ela responde: - De jeito nenhum. Eu tenho o que sempre quis. Sei que não escolhi um príncipe. Mas acho que escolhi um princípio” (MACHADO, 2017, p.35). Poder escolher para a protagonista é simplesmente poder viver, portanto, podemos perceber que a narrativa não suscita disputa entre a figura do pai e da filha, entre um homem e uma mulher, pelo contrário, o conto nos permite falar de algumas ideologias a respeito do papel da mulher na sociedade, nos oportuniza discorrer a respeito de comportamentos que limitavam o papel da mulher em diferentes posições sociais. Mas não podemos afirmar que a representação feminina exposta no conto trata de uma mulher que compete com um homem, até mesmo porque o discurso narrativo nos informa que ele, o pai era mandão e teimoso, mas gostava da filha e estava com muita saudade dela. Só não tirava logo a princesa da torre porque não queria dar o braço a torcer (MACHADO, 2017, p.17). Com isso, verificamos algumas temáticas trabalhadas no conto em relação à convivência entre o homem e a mulher, diferenças sociais, e ainda sobre a atuação da mulher em outros espaços sob o olhar da sociedade patriarcal. Neste estudo, vimos que a personagem não se limita às dificuldades que a vida lhe apresenta, também foi possível observamos que o personagem pai também não se atém aos conceitos de sua tradição, mas confere neles algo difícil de ser modificado, por isso utiliza a repressão: “Só sai de lá quando voltar a ser boazinha” (MACHADO, 2017, p.06), o emprego da palavra voltar, para nós pode representar a estranheza em relação ao novo comportamento de sua filha, na tentativa de manter a tradição.

A este discurso, Kalina Vanderlei Silva (2015) explica que:

Mas as tradições evoluem e se transformam com as novas necessidades de cada sociedade, funcionando inclusive para impedir que ela se dissolva. Segundo Dominique Wolton, a tradição não é mais vista pelas ciências sociais como uma coisa arcaica, mas como aprendizagem, reapropriação. Para ele, na medida que as sociedades se modernizam, a tradição aparece para suportar a mudança social, pois nenhuma sociedade muda radicalmente, sendo que cada fase de mudança possui também estabilidade (SILVA, 2015, p.406).

Apesar do texto de Machado (2017) ter sido publicado pela primeira vez em 2006, vê-se a temática atual a ser discutida em nossa sociedade e em demais que sofrem com inúmeras formas de opressão para com a mulher. Vejamos que em 2006, a constituição brasileira retoma problemas de ordem social, e cria a lei nº 11.340, de 7 de agosto de 2006³²

³² Cria mecanismos para coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher, nos termos do § 8º do art 226 da Constituição Federal, da Convenção sobre a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação contra as Mulheres e da Convenção Interamericana para Prevenir, Punir e Erradicar a Violência contra a Mulher; dispõe sobre a criação dos Juizados de Violência Doméstica e Familiar contra a Mulher; altera o Código de Processo Penal, o Código Penal e a Lei de Execução Penal; e dá outras providências. Informações contidas em: <

que trata da violência doméstica e familiar contra a mulher. O conto de Machado (2017), além de trazer essas discussões para o âmbito das relações, é crucial pois retoma condições que evidenciam o feminino em outros tempos históricos, o patriarcado e suas modificações, isso pode ser representado na narrativa considerando algumas realidades sociais como as do Brasil.

É importante pontuarmos que, apesar da narrativa representar a mulher que conquistar outros espaços de atuação, esta não desmerece o ambiente doméstico, pelo contrário, vê neste muitas possibilidades de comprometimento entre o homem e a mulher, por isso, no desfecho da narrativa aparecem unidos: “Sei que está com o filho do jardineiro [...] A continuação, agora, é com eles. Podem ter alguns problemas, mas muitas vezes são felizes” (MACHADO, 2017, p.36). A página trinta e sete consta uma ilustração na qual mostram os dois juntos e a protagonista apresenta-se grávida ao seu lado, quem escolhera para casar, ambos estão numa casa, ou melhor, o desenho mostra uma casa na árvore. É possível problematizarmos sobre essa ilustração, além de completar a ideia de comprometimento em ambos os gêneros, no sentido de pensar a autonomia da mulher a partir da ideia de que não há no ambiente privado uma autoridade que oprime, mas uma correlação, onde ambos terão que dialogar na tomada de decisões e diante as problemáticas da vida.

Portanto, podemos argumentar que a casa na árvore simboliza a alteridade que só é possível quando se fala de um ser sociável, o conceito nasce a partir da relação que tenho com o outro, a interdependência está presente nas relações entre o homem e a mulher, impossível negarmos o fato já que a sociedade se constrói a partir dessa relação. A partir do conto, é possível passarmos por essas reflexões e que nos faz pensar também nessa relação que deve ser de cooperação e não de opressão. Em relação à ilustração da casa na árvore associada aos conceitos estudados na filosofia, Ana Alexandra Pinto Soares dos Santos (2015) diz que:

Segundo Eberhard Syring, professor de História da Arquitetura na Universidade de Bremen, a casa na árvore pode ser classificada como uma heterotopia. O conceito de heterotopia foi introduzido pela primeira vez pelo filósofo francês Michel Foucault e descreve um lugar utópico, do mundo do sonho que, em oposição à utopia, apresenta-se como uma realidade construída (SANTOS, 2015, p.40).

Podemos perceber que, em *A Princesa que Escolhia* (2017) há essas possibilidades, da construção do novo na vida mulher e, principalmente, nas sociedades em que ela foi tida

como um ser a ser oprimido. Assim sendo, a narrativa desconstrói essa imagem de um ambiente opressor e na figura do personagem pai, que se abre ao diálogo com sua filha e lhe dá espaço para expor seus conhecimentos, suas sugestões e desejos para com o futuro do reino e com seu próprio futuro. O conto apresenta a face da mulher que compreende seu papel e que atua no mundo das relações privada e pública, não para desmerecer ou desfavorecer a face masculina, mas para construir, com ele, novas relações. Diante das necessidades e das dificuldades, o que é possível também encontrar no mundo real, essa personagem representa a mulher que simplesmente atua como ela é, uma mulher.

Sob este olhar, concluímos este item com o discurso de Ângela M. Chineze e José H. Prado Flores (2022), sobre o perfil feminino. Ambos argumentam que:

Não é necessário igualá-la ao homem, porque endossa seu próprio perfil. Obviamente, deve ser tratada com a mesma dignidade, porém eles não são iguais; cada um ostenta seu próprio valor, e igualá-la ao homem seria perder sua própria identidade. Ela era, é e será ela mesma, simplesmente (FLORES E CHINEZE, 2022, p.13).

Portanto, em *A princesa que escolhia*, temos, na personagem, a face da mulher capaz de desconstruir todo um contexto para construir uma nova história, uma história na qual se mostra autêntica, buscando ser tratada com a dignidade de que necessita todo ser humano. Nas relações entre homem e mulher, visualizamos, nesse conto, a imagem da mulher que rompe com a imagem de um ser passivo de submissão ao outro, ela desconstrói uma história de dominação- homem pela mulher- e constrói uma nova história pautada no encontro entre ambos que se desenvolve a imagem desta que se mostra capaz de ser quem é, mulher.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O artigo primeiro da lei 9.394/1996 que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional específica: “A educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais” (BRASIL, 1996). Tendo em vista tais processos que envolvem a educação do ser humano ao longo da vida; na infância, com as primeiras aprendizagens que contemplam o ser e o estar no mundo familiar, logo mais o ser e o estar no universo escolar que agrega aos conhecimentos mais específicos e elaborados, vão se somando ao conjunto de conhecimentos a serem agregados às atividades profissionais desse indivíduo que, em síntese, estará contribuindo para a construção da sociedade a qual pertence. Em todos esses processos, o cidadão contém em si valores e um perfil, é o que podemos nomear como a identidade do sujeito que se relaciona com o meio social e natural tendendo a modificá-lo.

Considerando o exposto, é importante percebemos que o que a lei expressa é fato tanto na realidade do sexo masculino, quanto na realidade do sexo feminino. Ambos participam das mudanças no mundo em qualquer esfera de organização social. Historicamente, em algumas sociedades, o sexo feminino fora impedido de estar em algumas esferas da mesma, foi o que vimos brevemente a partir de cada análise das cinco obras literárias de Ana Maria Machado. Essas obras da literatura infantojuvenil fazem parte do acervo literário brasileiro e podem ser encontradas em bibliotecas públicas e particulares de nosso país.

No que tange a nossa realidade enquanto nação, vimos que tais obras nos permitiram revisitar momentos significativos da história da mulher e que também podem ser espelho de outras realidades no mundo, como pontuamos no primeiro capítulo dessa pesquisa, no qual mencionamos alguns países em que a situação de vida da mulher é duramente configurada ao descaso enquanto ser humano, limitada enquanto ao acesso à educação, saúde e bem estar social. Em relação ao Brasil, pensar na construção da identidade feminina na formação do leitor é revisitar alguns acontecimentos significativos na história da legislação educacional. A Lei de 1827³³ nos revela a visão da sociedade em relação ao perfil de mulher que se deseja formar na época.

³³ Lei de 15 de outubro de 1827. Mandou criar escolas de primeiras letras em todas as cidades, vilas e lugares mais populosos do Império. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/lim/LIM..-15-10-1827.htm. Acesso em 21 de novembro de 2023 às 16 horas e 11 minutos.

Formalizada em lei, a educação brasileira desse momento histórico do nosso país, estabelecia em seu artigo sexto:

Art. 6º Os professores ensinarão a ler, escrever, as quatro operações de aritmética, prática de quebrados, decimais e proporções, as noções mais gerais de geometria prática, a gramática de língua nacional, e os princípios de moral cristã e da doutrina da religião católica e apostólica romana, proporcionados à compreensão dos meninos; preferindo para as leituras a Constituição do Império e a História do Brasil (BRASIL, 1827).

Em seus artigos, onze e doze, contempla o que competiria à educação feminina:

Art. 11. Haverá escolas de meninas nas cidades e vilas mais populosas, em que os Presidentes em Conselho, julgarem necessário este estabelecimento. Art. 12. As Mestras, além do declarado no Art. 6º, com exclusão das noções de geometria e limitado a instrução de aritmética só as suas quatro operações, ensinarão também as prendas que servem à economia doméstica; e serão nomeadas pelos Presidentes em Conselho, aquelas mulheres, que sendo brasileiras e de reconhecida honestidade, se mostrarem com mais conhecimento nos exames feitos na forma do Art. 7º (BRASIL, 1827).

Contextualizando, de maneira breve, a legislação educacional brasileira em 1827 era baseada no método Lancasteriano³⁴, este fundado pelo Joseph Lancaster, inglês pedagogo que criou um método de ensino na qual também fomentava a expansão da educação pública que visava atingir todos os povos, sem exceção, incluindo as camadas menos favorecidas dentre as quais as mulheres. Segundo sua visão, era justo que as mulheres aprendessem os mesmos conteúdos ensinados ao sexo masculino, sem diferenciação, teria que ser oferecido um ensino de igual direito e acesso. No Brasil, os governantes do período, como vimos formalizado na Lei Educacional de 1827, adaptaram o método, diferenciando o currículo das mulheres, excluindo-as da capacidade de conhecer e aprender “noções de geometria e limitado a instrução de aritmética” a estes, lhes cabia aprender “só as suas quatro operações”, e por fim, devem também desenvolver “as prendas que servem à economia doméstica” (BRASIL, 1827).

Atualmente não há na legislação educacional brasileira essa restrição e diferenciação de conteúdo ao sexo feminino. O contato com as obras de literatura infantojuvenil da escritora Ana Maria Machado permite a nós, (incluindo de um modo geral estudantes e todos que trabalham com a literatura), lembrarmos esses fatos históricos do passado que significou muito nos avanços que compete à própria sociedade e na vida das mulheres. Se

³⁴ Política, poder e instrução: a educação feminina e o método Lancasteriano (uma análise da lei 15 de outubro de 1827, à luz do ensino mútuo). Artigo contido em <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/rbhe/article/view/38863> Acesso em 15 de outubro de 2023 às 19 horas e 35 minutos.

por um momento da história, elas, as mulheres foram excluídas de alguns setores e áreas, na contemporaneidade de algumas sociedades, elas aparecem atuantes nos setores profissionais, industriais, educacionais, hospitalares, dentre outros.

Observamos que das cinco obras aqui estudadas, revelam faces de mulheres que sempre atuaram nesses setores, ainda que limitadas às formas de organização patriarcal, ora as possibilitando atuar contribuindo para o avanço da sociedade, ora impedindo-as o que nos faz pensar numa sociedade injusta e dura para com elas e, conseqüentemente, essas realidades tendem a um não avanço social. Tais obras também contribuem positivamente no processo de formação educacional tanto no que tange ao perfil feminino quanto masculino, já que vivemos sob os reflexos de uma sociedade que reprimiu a mulher. A essa literatura que alcança a formação inicial do cidadão brasileiro, ainda jovem ou ainda criança tende a minimizar o comportamento opressor e, ao mesmo tempo, favorece a ideia de uma sociedade que deve trabalhar e atuar num sistema de cooperação mútua, entre o homem e a mulher. Eles que sempre estiveram presentes na sociedade e dialogam com o meio, modificando-o, construindo-o e ressignificando-o.

Essas obras literárias trabalham diretamente na formação da identidade feminina, pois ampliam o conhecimento do mundo. Caracterizo as obras analisadas nesse trabalho de pesquisa usando das palavras de Teresa Colomer (2007):

Os livros têm o poder de transportar o leitor no tempo e no espaço, de levá-lo a penetrar em outros modos de vida, mostrar-lhe realidades desconhecidas e proporcionar-lhe o eterno prazer de quem se senta ao lado do viajante que regressa. No caso dos livros infantis, não há dúvida de que os adultos utilizam esse instrumento para contar às novas gerações como são as coisas que os pequenos desconhecem e propor-lhes a interpretação que lhes dá sua cultura (COLOMER, 2007, p. 61).

Sendo assim, identificamos, nos cinco textos citados neste trabalho, de Ana Maria Machado, esse diálogo com o passado da mulher e as possíveis discussões que os contos literários nos propicia, o que para o leitor é a oportunidade de interpretar as inquietações da mulher na sociedade. Outro aspecto interessante é a visibilidade que a escritora dá às personagens leitoras na qual homenageia às mulheres que buscam o conhecimento, por meio dos estudos e do envolvimento com as novas tecnologias. Ora ressaltamos que, Ana Maria Machado nos permite recordar mudanças no cotidiano feminino, visto que visualizamos por meio da literatura, uma sociedade em que há mulheres que literalmente resolveram trocar a prateleira de louças pela prateleira de livros. Por outro lado, verificamos ainda que suas personagens garantem a representação do papel feminino nas abordagens em que se

identificam como sendo capazes de atuarem em espaços jamais pensados pela sociedade que visavam à opressão para com a mulher.

Para o leitor é necessário alcançar essa compreensão da importância do respeito firmado a partir do encontro entre as diferenças do ser homem e do ser mulher, sendo que estes juntos são a sociedade que se solidifica e evolui. Em relação às posições, sejam elas- posições de poder, de articulação de ideias, ou ainda, no interior do lar ou fora deste- sabemos que a mulher possui a capacidade de estar em diferentes áreas profissionais e elas, portanto, constroem etapas, fazem memórias e ressignificam espaços. E é exatamente essa ideia que as obras vêm mostrar, fora o que compreendemos enquanto análise das múltiplas faces da mulher nas obras de Ana Maria Machado.

Pontuamos ainda que, conforme nos aponta a escritora Regina Zilberman (2003), “Todavia, como produto de uma ideologia que patrocina o questionamento da tradição, o livro pode significar seu contrário, atuando como propulsor de uma nova postura inquietadora e informada em face dos padrões instituídos” (ZILBERMAN, 2003, p. 173). Portanto, a narrativa literária, pode vir a ser esse questionamento das tradições, com esse objetivo de trazer para o leitor uma reflexão, uma sensação de inquietude diante de padrões cultivados de geração em geração que não valorizam a identidade da mulher.

As obras literárias de Ana Maria Machado, também instigam os leitores a olhar a sociedade a partir das diversidades, nas quais o “felizes para sempre” nesse mundo, não é possível como nos contos de fadas, mas, a escritora cria em suas narrativas uma escrita vinculada ao saber contemporâneo, a este respeito Norma Telles (2000) pontua que “Escrita e saber estiveram, em geral, ligados ao poder e funcionaram como forma de dominação ao descreverem modos de socialização, papéis sociais e até sentimentos esperados em determinadas situações” (TELLES, 2000, p.402).

Em relação à escrita de Ana Maria Machado, podemos dizer que seus textos de literatura infantojuvenil, mais precisamente os estudados nesta pesquisa, abordam a face feminina em áreas que, em algumas tradições, se comunicam impossibilitadas de atuarem. Importante ressaltar que esses contos exprimem o cuidado de falar dessas faces considerando a figura masculina, nunca menosprezando a imagem do homem, mas mostrando que algumas ideias deles em relação à elas – a mulher – devem ser repensadas a partir da atuação de ambos em diferentes situações problemas que tendem surgir na sociedade que está em constante transformação. Sendo assim, caracterizamos a escritora como menciona Telles quando diz que “A mulher quando escreve, ainda que utilizando dos meios fictícios, esta tem

o poder de exprimir códigos culturais capazes de formar o leitor” (TELLES, 2000, p.402).

Considerando a educação brasileira em realidade contemporânea, pautada nos compromissos de uma educação inclusiva, para nós leitores, é necessário conhecer e saber das realidades que fundamentaram nossa história, dos avanços tecnológicos e mais ainda dos avanços no que diz respeito à dignidade do ser homem e do ser mulher, de suas convivências, seus erros, seus acertos, para assim buscarmos evoluirmos positivamente nas questões de justiça e bem estar social.

Por fim, a palavra, (seja ela transmitida por meio da oralidade, ou livro, através do texto literário), todas essas formas de expressão são recursos necessários no processo de formação do leitor, e mais, considerando as obras de Machado estudadas nessa pesquisa e somando conforme expõe Rose Marie Muraro (1993) em relação à palavra escrita; “A palavra escrita vem mudar por completo a comunicação e o controle entre os seres humanos” (MURARO, 1993, p.148), compreendendo que, através do exposto por Muraro há a necessidade do registro, que forma e transforma. Portanto, recordamos o discurso de Ana Maria Machado na qual ressalta que “A força do texto literário está na palavra, na narrativa em si” (MACHADO, 2023, s.p), linguagem esta que formam os leitores infantojuvenis a serem “cidadãos preparados para entender a época atual” (COLOMER, 2007, p.31).

Na presente dissertação “Ana Maria Machado: As múltiplas faces da mulher nos contos de literatura infantojuvenil”, mostramos que os textos estudados apresentam diferentes faces da mulher, sendo esta uma oportunidade que tivemos de discutir sobre o protagonismo feminino na literatura e na história. Assim como mostram as narrativas de Machado, alguns perfis femininos se destacaram e ficaram registrados na história em diferentes épocas e lugares.

Explicitamos, que cada face de mulher representada pelas personagens protagonistas, manifesta-se numa literatura que fala de um mundo que parte da esfera do íntimo da mulher que configurada a determinada organização social resultará em fala, em voz expressiva, em voz que dialoga. Pontuamos que em diferentes formas de organização da sociedade, sempre será possível encontrar na história mulheres atuantes, ainda que o sistema não cooperasse para tal, portanto compreendemos que essas mulheres estão de certa forma representadas nas cinco obras analisadas nesta pesquisa.

Na primeira parte da dissertação, discorreremos sobre a visão de alguns críticos sobre a escrita de Ana Maria Machado. No geral, apontam ser uma produção inovadora, classificada num modelo de escrita que apresenta linguagem crítica, na qual abordam

situações da vida cotidiana adentrando aos aspectos de questões problemas que envolvem a realidade social, suas tradições e modificações. Aos leitores, portanto, são obras que contém rigor crítico. Outro ponto importante, mostrado nesta pesquisa, é o protagonismo feminino evidenciado pela própria mulher, Ana Maria Machado, por meio de suas personagens narra um caminho de memória agregado aos elementos da fantasia, sob referência dos contos de fadas, apresentando novas configurações do real ao texto fictício.

A estratégia de utilizar cinco diferentes contos para análise nasceu do anseio em falar sobre a escrita de mulheres, da busca por conhecer um pouco mais do acervo literário infantojuvenil de Ana Maria Machado, já que seus textos circulam em bibliotecas das redes de ensino do nosso país e de outros.

No segundo capítulo, observamos que nos três primeiros textos estudados, a escritora revela a nós leitores perfis distintos de mulher; apresenta na narrativa *Menina Bonita do Laço de Fita*, uma protagonista negra, descreve a beleza feminina desta e nos leva à uma compreensão maior de que essa face de mulher é necessária em nosso acervo de literatura infantojuvenil, pois alcança o leitor mais precisamente no que tange ao respeito às diversidades culturais e raciais. Com isso, ressalta as representações da mulher negra, numa descrição que enfatiza sua beleza e a gênese desta, o que é diferente dos contos de fadas tradicionais que apresenta em sua maioria personagens femininas num padrão específico de beleza. Em *Uma, Duas, Três Princesas* foi possível falarmos sobre a mulher nos espaços políticos da sociedade já que o conto traz essa face como representação literária. Observamos que por meio da narrativa, relembramos nomes de mulheres que historicamente se destacaram nesse espaço, somando com a figura masculina a administração de toda uma sociedade. No conto *A Velha Misteriosa* a face da mulher apresentada é da empreendedora, pertencente ao empreendedorismo, área que contribui fortemente nos avanços econômicos de muitas famílias e conseqüentemente das cidades, nesse setor do mercado estão também elas, as mulheres.

No terceiro capítulo, apresentamos mais duas faces de mulher, sendo elas: a mulher escritora e contadora de histórias representada na narrativa *Ponto a Ponto*, e por fim, a mulher no sistema patriarcal representada no conto *A princesa que escolhia*. A análise dessas obras nos fizeram pensar em que essas representações literárias contribuem para aqueles que as conhecem e trabalham com elas em âmbito formativo. Verificamos que são textos na qual possibilita formar leitores atentos às transformações sociais em nível econômico e social, possibilitando uma visão clara das questões referente aos comportamentos tradicionalmente

cultivados que desvalorizam o ser mulher. Portanto, resulta em obras que constroem uma identidade feminina na formação do leitor.

Desse modo, a análise das narrativas de Ana Maria Machado se restringiu a aspectos, tais como: o protagonismo feminino na literatura infantojuvenil, os espaços de atuação ocupados por mulheres, reflexos das condições das mulheres em diferentes tempos e em distintas regiões.

Para uma melhor compreensão das obras, objetos de análises dessa pesquisa, apontamos as faces de mulheres que contribuíram para construção de uma história única, complexa, desafiadora e bela. Bela porque as narrativas vão explorar uma figura feminina capaz de dialogar e buscar soluções mais assertivas para a sua própria condição do ser mulher, não de uma maneira egoísta, pois verificamos que os espaços de atuação as projetam num diálogo com a sociedade como um todo, incluindo-as como também responsáveis pela garantia de melhor convivência na relação entre homens e mulheres.

Contudo, concluímos que as personagens protagonistas estão perpassando entre o lugar previamente destinado a elas e os lugares que desejam ocupar. Com isso, percebemos que a escritora traz discussões ideológicas na sociedade contemporânea e arcaica. Ana Maria Machado coloca em prosa a vida cotidiana da mulher e ainda nos leva a refletir sobre as condições desta na história da sociedade. As narrativas de Machado aqui analisadas levam a discussões teóricas acerca das problemáticas da mulher na sociedade.

Em síntese, o estudo aqui apresentado sobre as múltiplas faces da mulher nos contos de literatura infantojuvenil da escritora, não esgota a reflexão. Mas, fomenta a ampliação de estudos científico-literários que possibilitem uma compreensão maior sobre as percepções dos espaços e papéis sociais que as diversas sociedades apresentam em relação à mulher, uma vez que a leitura das faces da mulher nas narrativas de Ana Maria Machado possibilitou a abertura de novas leituras do perfil feminino na literatura.

REFERÊNCIAS

- ABL, Academia Brasileira de Letras. **Anuário 2007-2011**. Publicações da ABL Coordenação e atualização Maria Celeste Garcia. Disponível em https://www.academia.org.br/sites/default/files/anuario2007_2011.pdf Acesso em 06 de março de 2023.
- AMORIM, Maria Luísa. **Coleção Cada Letra uma História**. 2º ed. Belo Horizonte: Editora FAPI, 2005.
- BASSANEZI, Carla. **Mulheres dos Anos Dourados**. In: DEL PRIORE, Mary. *História das mulheres no Brasil*. 3 ed. São Paulo: Contexto, 2000.
- BASTOS, Luciete de Cássia Souza Lima. **Os fios da memória nos teares da imaginação de Ana Maria Machado: o narrador em outro mundo**. Universidade Federal de Minas Gerais// Faculdade de Letras. Belo Horizonte, 2019. Contido em: <<https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/ECAP-886L5J> >Acesso em 14 de novembro de 2023 às 15 horas e 45 minutos.
- BETTELHEIM, Bruno. **A psicanálise dos contos de fadas**. Tradução de Arlene Caetano. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.
- BEAUVOIR, Simone de. **O Segundo Sexo**. Simone de Beauvoir, 1908-1986. Tradução Sérgio Milliet. – 2 ed. – Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009. 2v.
- Antigo Testamento: BÍBLIA, A. T. Ester. In: Bíblia Sagrada. **Tradução do texto em língua portuguesa diretamente dos originais. Tradução das introduções e notas de La Bible de Jérusalem, edição de 1998, publicada sob a direção da “École biblique de Jérusalem.” Edição em língua francesa**. Les Éditions Du Cerf, Paris, 1998, ed. Revisada e ampliada.
- Antigo Testamento: BÍBLIA, A. T. Ester. In: Bíblia Sagrada. **Organizada pela equipe editorial Ave Maria ilustrações de Roberto de Souza**. –São Paulo: Editora Ave Maria, 2012. 1920 p.: il. Color.
- BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Atualizada em 2021. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm Acesso em 16 de março de 2023.
- CARROLL, Lewis. **Alice no País das Maravilhas**. Traduzido por André Cristi; Ilustrador: André Ducci. 1. ed. –São Paulo: Mojo.org. 2019.
- COELHO, Nelly Novaes. **A literatura infantil: história, teoria, análise**. - 3 ed. refundida e ampl. – São Paulo: Quíron, 1984.
- COELHO, Nelly Novaes. **Dicionário crítico de escritoras brasileiras**. (1711-2001)/ Nelly Novaes Coelho. São Paulo: Escrituras Editora, 2002.

COELHO, Nelly Novaes. **A Literatura Feminina no Brasil Contemporâneo**. São Paulo, Siliciliano, 1993.

COELHO, Nelly Novaes. **A Literatura Infantil: história, teoria, análise**. - 3. Ed. Refundida e ampl. – São Paulo: Quíron, 1984.

COELHO, Nelly Novaes. **Panorama histórico da literatura infantil-juvenil: das origens indoeuropeias ao Brasil contemporâneo**. 3. Ed. Refundida e ampl. – São Paulo: Quíron, 1985.

COUTINHO, Afrânio. **Conceito de Literatura Brasileira**. 3. Ed. Pretrópolis, RJ: Vozes, 2011.

CONSOLARO, Alberto. **Adaptação ao mundo, avalanche de informações e a serendipidade na Odontologia**. Maringá, v. 13, n. 3, p. 23-27, maio/jun. 2008 // Artigo contido em: <https://www.scielo.br/j/dpress/a/p4N9Zn3TxfkLdxrr4GTyK/?lang=pt&format=pdf>
Acesso em 19 de maio de 2023 às 08hs.30min.

COLOMER, Teresa. **Andar entre livros: a leitura na escola** / Teresa Colomer; [tradução Laura Sandroni]. – São Paulo: Global, 2007.

CRUZ, Eduardo, CASTRO, Andreia Alves Monteiro (Org.). **Ao rair da Aurora- Antologia de Escritores Portugueses Oitocentistas**. São Paulo. Leber. Ass. 2022.

CHESTERTON, Gilbert Keith. **O que há de errado com o mundo**. Tradução Luíza Monteiro de Castro Silva Dutra. Editora Ecclesiae. 1910.

CHEVALIER, Jean. 1906- C452d. **Dicionário de símbolos: (mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras**. 27ª ed. cores, números) / Jean Chevalier, Alain Gheerbrant, com a colaboração de: André Barbault... [et al.]; coordenação Carlos Sussekind; tradução Vera da Costa e Silva... [et al.]. - 27ª ed. - Rio de Janeiro: José Olympio, 2015.

DE PERRAULT, GRIMM, ANDERSEN & OUTROS. **Contos de Fadas**. Apresentação: Ana Maria Machado. Tradução: Maria Luiza X. de À. Borges. Editora Zahar. Rio de Janeiro, 2010.

DUARTE, Constância Lima. Feminismo e Literatura no Brasil. In: **Estudos avançados**, vol.17, n. 49, dezembro de 2003, p. 151-172.

DHUODA. **Manual para seu Filho Guerreiro. Liber Manualis**. Edited And Translated By. MARCELLE THIÉBAUX. St. John's Universit, New York Contido em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/3382064/mod_resource/content/0/Dhuoda%2C%20Liber%20Manualis.pdf Acesso em 20 de maio de 2023 às 07hs.30min.

D'INCAO, Maria Ângela. **Mulher e Família Burguesa**. In: DEL PRIORE, Mary. *História*

das mulheres no Brasil. 3 ed. São Paulo: Contexto, 2000.

FALCI, Miridan Knox. **Mulheres do Sertão Nordestino**. In: DEL PRIORE, Mary. *História das mulheres no Brasil*. 3 ed. São Paulo: Contexto, 2000.

FANINI, Michele Asmar. **As mulheres e a Academia Brasileira de Letras**. Artigo contido em <https://www.scielo.br/j/his/a/zRkkfhpVDvRSXsQyJrCqv3F/?lang=pt#> Acesso em 06 de março de 2023.

FLORES, José H. Prado. CHINEZE, Ângela M. **Mulheres da Bíblia**. A vida de 57 mulheres que deixaram uma marca na história. Editora Canção Nova. Cachoeira Paulista, São Paulo, 2022.

GREGORIN FILHO, José Nicolau. **Literatura infantil: múltiplas linguagens na formação de leitores**/ José Nicolau Gregorin Filho. – São Paulo: Editora Melhoramentos, 2009.

LAJOLO, Marisa. **Literatura infantil brasileira: história e histórias**/ Marisa Lajolo, Regina Zilberman. – São Paulo: Editora Unesp, 2022.

LISBOA, Adriana. Apresentação. In: MACHADO, Ana Maria. *A Audácia dessa mulher*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

MALORY, Sir Thomas, c. 1408-1471. **O Rei Artur e os cavaleiros da Távola Redonda** / Thomas Malory; adaptação em português de Ana Maria Machado. – São Paulo: Scipione, 1997. (Série Reencontro literatura) 1. Literatura infantil juvenil I. Machado, Ana Maria, 1942-. II. Título. III. Série.

MARTINS, Maria Helena. **O que é leitura**. 1º ed. Editora Brasiliense, 1982.

MACHADO, Ana Maria. Diversidade. In: RODRIGUES, Carla (org.). **Democracia: cinco princípios e um fim**. Colaboração de Cathérine Vieira. Diversidade. Ilustrações de Siron Franco. (Coleção Polêmica). São Paulo: Moderna, 1996.

MACHADO, Ana Maria. **Dona Baratinha**/recontado por Ana Maria Machado; Ilustrações de Maria Eugênia. –Ed. Renov. –São Paulo: FTD, 2004. – (Coleção lê pra mim) 1.Literatura Infanto- juvenil I. Eugênia Maria II. Título. III. Série.

MACHADO, Ana Maria. **A princesa que escolhia**. Ilustrações de Mariana Massarani. São Paulo. 1º Ed.Editora SCHWARCZ S. A., 2017.

MACHADO, Ana Maria. **Uma, duas, três princesas**. Ilustrações Luani Guarnieri. São Paulo: Ática, 2013.

MACHADO, Ana Maria. **Ponto a ponto**. Ilustrações Christine Rohrig. São Paulo: Companhia das Letrinhas. Editora SCHWARCZ S. A. 2006.

MACHADO, Ana Maria. **A velha misteriosa**. Ilustrações de Marilda Castanha. Rio de Janeiro: SALAMANDRA, 1994.

MACHADO, Ana Maria. **Menina Bonita do Laço de Fita**. Desenho Walter Ono. São Paulo: Melhoramentos, 1986.

MACHADO, Ana Maria. **História meio ao contrário**. Ilustrações de Mariana Massarani. São Paulo: Companhia das Letrinhas. Editora SCHWARCZ S. A. 1986.

MACHADO, Ana Maria. **O príncipe que bocejava**. Ilustrações de Taline Schubach. São Paulo (2012)

MACHADO, Ana Maria. **Bisa Bia, Bisa Bel**: novela/ Ilustrações de Regina Yolanda. 3 ed. São Paulo: Moderna, 2001. Literatura Infanto Juvenil.

MACHADO, Ana Maria. **O Tao da Teia – sobre textos e têxteis**. Ana Maria Machado // Estudos Avançados 17 (49). Páginas 173 a 197. 2003. Contido em: <https://www.scielo.br/j/ea/a/Fhhh4R3wPhQrb5vXwbcwPh/?lang=pt>. Acesso em 20 de abril às 09hs.11 min.

MACHADO, Ana Maria. **Entrevista dada durante o encerramento do projeto Agentes de Leitura do Paraná**// Ana Maria Machado// Disponível em <https://www.bpp.pr.gov.br/Candido/Pagina/Entrevista-Ana-Maria-Machado> Acesso em 28 de fevereiro de 2023.

MACHADO, Ana Maria. **Entrevista dada à Revista Na Ponta do Lápis (Ano VI, nº14)** por Luiz Henrique Gurgel. Disponível em <https://www.escrevendoofuturo.org.br/conteudo/biblioteca/nossas-publicacoes/revista/entrevistas/artigo/557/entrevista-ana-maria-machado#:~:text=Escrevo%20sempre%20a%20partir%20de,como%20uma%20hist%C3%B3ria%20vai%20terminar>. Acesso em 16 de março de 2023.

MACHADO, Ana Maria. **Entre vacas e gansos – escola, leitura e literatura!** In: Texturas: sobre leituras e escritos. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

MACHADO, Ana Maria. **Camilão o Comilão**. Editora Salamandra. São Paulo: Abril, 1977.

MACHADO, Ana Maria. **De olho nas penas**. São Paulo: Salamandras, 2003.

MACHADO, Ana Maria. **História de Jabuti Sabido com Macaco Metido**. São Paulo: Codecri 1981. (Hoje Nova Fronteira).

MACHADO, Ana Maria. Série Conte Outra Vez (**O Domador de Monstros; Uma Boa Cantoria; Ah, Cambaxirra, Se Eu Pudessem...; O Barbeiro e o Coronel; Pimenta no cocuruto**). Rio de Janeiro: Salamandra, 1980-81. Hoje FTD.

MACHADO, Ana Maria. **Do Outro Lado Tem Segredos**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980 (Hoje Editora Nova Fronteira).

MACHADO, Ana Maria. **Palavra de Honra**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005.

MACHADO, Ana Maria. **O Mar nunca transborda**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1995.

MACHADO, Ana Maria. **A Audácia dessa mulher**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

MURARO, Rose Marie. **A Mulher no Terceiro Milênio: uma história da mulher através dos tempos e suas perspectivas para o futuro/** Rose Marie Muraro- 1932. Rio de Janeiro, 3º ed. Rosa dos Tempos, 1993.

RAGO, Margareth. **Adeus ao feminismo. Feminismo e (pós) modernidade no Brasil**, 1996. Disponível em: <https://docero.com.br/doc/es5x580>. Acesso em: 05 de julho de 2022.

RAGO, Margareth. **Trabalho feminino e sexualidade**. In: DEL PRIORE, Mary. *História das mulheres no Brasil*. 3 ed. São Paulo: Contexto, 2000.

PERNOUD, Régine. **O Mito da Idade Média**. Lisboa: Publicações Europa-América, 1978.

PERROT, Michelle. **Minha história das mulheres/** Michelle Perrot; [tradução Angela M. S. Côrrea]. – 2. ed., 3ª reimpressão. – São Paulo: Contexto, 2016.

PERROT, Michelle. **Os Excluídos da História. Operários, mulheres e prisioneiros**. Michelle Perrot; [Denise Bottmann]. - 7 º edição. Ed. Paz e Terra, Rio de Janeiro. São Paulo, 2017.

RAGO, Margareth. **Adeus ao feminismo. Feminismo e (pós) modernidade no Brasil**, 1996. Disponível em: <https://docero.com.br/doc/es5x580>. Acesso em: 05 de julho de 2022

RANUM, Orest. **Os refúgios da intimidade**. In: CHARTIER, Roger. *História da vida privada, 3: da Renascença ao Século das Luzes /* organização Roger Chartier; tradução Hildegard Feist. — São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

RESENDE, Vânia Maria. **O Menino na Literatura Brasileira**. Editora Perspectiva. São Paulo, 1988.

RIBEIRO, Darcy. **O povo Brasileiro**. A Formação e o Sentido do Brasil. São Paulo, 2ª ed. Editora Companhia das Letras. 1995.

SLEIMAN, M. . (2003). **Sherazade e o Livro das Mil e Uma Noites segundo os Manuscritos Árabes mais Antigos: História de Traições e Projeções**. *Revista De Estudos Orientais*, (4), 33-46. Recuperado de <https://www.revistas.usp.br/reo/article/view/193792>

SANTOS, Ana Alexandra Pinto Soares dos. **A Cidade, os Espaços e a Casa na árvore. Um retiro ecológico na natureza**. Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto, 2015.

Disponível em: <<https://repositorio-aberto.up.pt/>> Acesso em 20 de novembro de 2023 às 22 horas e 20 minutos.

SILVA, Kalina Vanderlei. **Dicionário de conceitos históricos**. Kalina Vanderlei Silva/Maciél Henrique Silva. – 3 ed. , 5ª reimpressão. – São Paulo: Contexto, 2015.

SARTRE, Jean- Paul. **Que é a literatura**. Tradução: Carlos Felipe Moisés. 3ª edição. Editora Ática. São Paulo, 1999.

TAVARES, Hênio Último da Cunha. **Teoria Literária**. – 7º edição. Editora: Itatiaia Limitada. Belo Horizonte, 1981.

GOTLIB, Nádya Batella. **A Literatura feita por mulheres no Brasil .In: Refazendo Nós-Ensaios sobre a Mulher e Literatura**.Org. Isabel Brandão e Zahidé L. Muzart Florianópolis: Editora Mulheres, 2003

MACHADO, Ana Maria. Diversidade. In. RODRIGUES, Carla (org.). **Democracia: cinco princípios e um fim**. Colaboração de Cathérine Vieira. Diversidade. Ilustrações de Siron Franco. (Coleção Polêmica). São Paulo: Moderna, 1996.

ZILBERMAN, Regina. **A leitura da literatura infantil brasileira**. In: DEBUS, Eliane (org.). **A literatura infantil e juvenil de língua portuguesa: leituras do Brasil e D'Além Mar**. Blumenau: Nova Letra, 2008.

ZILBERMAN, Regina. **A literatura infantil na escola**. 11. Regina Zilberman. Ed. São Paulo: Global Editora, 2003.

ZILBERMAN, Regina. **Ana Maria Machado- A audácia de uma escritora**. Regina Zilberman. Fragmentum. Santa Maria: Editora Programa de Pós-Graduação em Letras, n49, Jan./Jun. 2017. ISSN 2179-2194 (online); 1519-9894 (impresso).